



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALBERTO RIBEIRO NETO

**Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios  
eróticos na rede mundial de dados digitais.**

BELÉM  
2017

ALBERTO RIBEIRO NETO

**Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios  
eróticos na rede mundial de dados digitais.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli.

BELÉM  
2017

ALBERTO RIBEIRO NETO

**Pornografia na cultura virtual: Considerações psicanalíticas sobre devaneios  
eróticos na rede mundial de dados digitais.**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Psicologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Ceccarelli (Orientador)  
(UFPA/PUC-MG/UFMG)

---

Prof. Dr. Ernani Chaves (Membro interno)  
Universidade Federal do Pará (UFPA-PA)

---

Profa. Dra. Helena Melo Dias (Membro Convidado)  
Universidade Estadual do Pará (UEPA-PA)

Apresentado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

BELÉM  
2017

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pelo suporte que sempre me deram para que pudesse estudar e me dedicar à pesquisa, e ao suporte afetivo que sempre me deram.

Ao meu orientador Paulo Roberto Ceccarelli que se interessou pelo tema dessa pesquisa desde o seu início. E com competência e inteligência pôde contribuir imensamente não só para essa pesquisa, mas como também para minha própria formação pessoal. Também sou imensamente agradecido pela oportunidade que o prof. Paulo Roberto disponibilizou para que pudesse frequentar um semestre de aulas na pós-graduação da UFMG em Belo Horizonte, também tive a oportunidade de frequentar o CESAME cuja experiência foi enriquecedora.

Agradeço aos professores que pacientemente me ajudaram e me avaliaram na qualificação do meu trabalho, o prof. Ernani Chaves e a profa. Helena Melo Dias. Agradeço também aos professores do núcleo do PPGP que muito me ensinaram, mantendo em mim a vontade cada vez maior de me tornar um profissional da pesquisa acadêmica.

A minha companheira Camila Pantoja, que por mais de cinco anos vem aturando corajosamente uma criatura tão inamável.

Aos meus amigos Paulo Esber, Caio Azevedo e Andre Carepa que participaram desses dois anos de percurso e muitos outros anos contribuindo imensamente para os mesmos com as suas simples presenças.

Aos meus colegas de percurso durante o mestrado que conheci no PPGP, especialmente para Gessé Duque e Robnilson Barreto.

Para Mário Britto, pelos anos de apoio e ajuda que desde o início de nossa amizade sempre me premiou.

Dedico também a minha querida Tia Eloisa, e a memória de minha falecida avó.

*Para os outros o universo parece honesto. Parece honesto para as pessoas de bem porque elas têm os olhos castrados. É por isso que temem a obscenidade. Não sentem nenhuma angústia ao ouvir o grito do galo ou ao descobrirem o céu estrelado. Em geral, apreciam os “prazeres da carne”, na condição de que sejam insossos. Mas, desde então, não havia mais dúvidas: eu não gostava daquilo a que se chama “prazeres da carne”, justamente por serem insossos. Gostava de tudo o que era tido por “sujo”. Não ficava satisfeito, muito pelo contrário, com a devassidão habitual, porque ela só contamina a devassidão e, afinal de contas, deixa intacta uma essência elevada e perfeitamente pura. A devassidão que eu conheço não suja apenas meu corpo e os meus pensamentos, mas tudo o que imagino em sua presença, e, sobretudo, o universo estrelado.*

(Georges Bataille em *A História do Olho*).

## RESUMO

Neto, A. R. **Pornografia na cultura virtual:** Considerações psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará.

Esse trabalho pretende investigar de forma teórico-bibliográfica as relações dos fenômenos da pornografia na internet à luz das teorias da psicanálise. Como avaliar as influências de uma rede mundial em que 35% de todos os downloads são de conteúdo pornográfico e de que maneira essa rede se relaciona com as construções discursivas sobre a sexualidade em nossa cultura? Não se tratam apenas de avanços tecnológicos, com a melhoria de imagens e sons, mas, sobretudo, de novas formas de criação. A rede permite interatividade fazendo de cada consumidor um potencial produtor pornográfico. Significativas parcelas da produção contemporânea deixaram de atender às expectativas mais tradicionais da heterossexualidade masculina, dando assim espaço à diversificação de nichos. Nesse sentido passaremos a uma investigação do que chamaremos de "discurso pornográfico". Para após, a partir dos textos da obra freudiana, principalmente os relativos à sexualidade e a cultura, e com a ajuda do autor Pós-Freudiano Robert Stoller, único psicanalista que publicou algo sobre o tema da pornografia. Procuraremos as contradições relativas a este fenômeno em nossa cultura e o caminho pulsional implícito no uso do material pornográfico. Após o contraste entre os discursos gerados historicamente sobre a pornografia e as interpretações psicanalíticas, sublinharemos que para a psicanálise a pornografia serve como uma "solução" de compromisso entre as demandas do polimorfismo da sexualidade humana e as exigências da moral cultural. Possibilitando que essas soluções tornem-se novas formas criativas de produções de verdades sobre o sexo.

**Palavras-chave:** Pornografia; Psicanálise; Sexualidade.

## ABSTRACT

Neto, A. R. **Pornography on the virtual culture**: Psychoanalytic considerations about erotic reverie on the global data network. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará.

This paper intends to research in a theoretical-bibliographic way the relations among pornography phenomenon and the internet under the light of psychoanalysis theory. How to evaluate the influences that the global network in which 35% of all downloads is pornographic? In which way this network relations itself with buildings constructions of sexuality in our culture? It's not just about technological advances with the improvement of images and sounds, but mostly about new forms of creation. The network enables interactivity making each consumer a potential pornographic producer. Significant portions of the contemporary production failed to meet the more traditional expectations of male heterosexuality, thus giving space to the diversification of niches. In this way, we are going to make a research that we call "pornography speech". Later, with Freudian works, we are going to research specially the texts about sexuality and culture. And with help of a post-Freudian author Robert Stoller, the only psychoanalyst who published something about pornography, we are going to research the relative contradictions of this phenomenon in our culture, and the drive implicit way on the use of pornography material. After the oppositions of the historic speeches about pornography and the psychoanalysis interpretations, we are going to accentuate that to psychoanalysis pornography work like a compromise "solution" between the demand of human polymorphism sexuality and demands of morality sexual culture. Given new possibility of solutions, to become creative productions of the speech about the truth of sexy.

**Keywords:** Pornography, Psychoanalysis, Sexuality.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo I</b>	
<b>Pornografia Como Discurso.....</b>	<b>29</b>
1.1 – Erotismo e Pornografia.....	35
<b>Capítulo II</b>	
<b>Robert Stoller e a Pornografia.....</b>	<b>40</b>
<b>Capítulo III</b>	
<b>Leituras Freudianas.....</b>	<b>49</b>
3.1 – Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e a pornografia.....	55
3.2 – Moral sexual cultural e a doença nervosa moderna.....	61
3.3 – Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor.....	66
<b>Capítulo IV</b>	
<b>Problemas e considerações.....</b>	<b>67</b>
4.1 – A escolha de objeto.....	69
4.2 – Considerações sobre a teoria das Pulsões.....	74
4.3 – Considerações sobre sublimação e os caminhos da pornografia.....	84
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>94</b>
<b>Referências.....</b>	<b>103</b>

## Introdução

Pretende-se, nesta pesquisa, uma investigação acerca das relações entre psicanálise e a pornografia virtual. A partir das novas ferramentas tecnológicas, como podemos pensar o material pornográfico disponível na rede através da perspectiva psicanalítica?

O tema da pornografia na internet foi um objeto de pesquisa do qual me interessei desde a graduação<sup>1</sup>. Fora do âmbito da pesquisa acadêmica meu interesse veio muito antes, posso dizer que na medida em que tive acesso a um computador e a internet e, por isso, acesso à rede, fiz parte de toda uma geração que teve no começo do séc. XXI, oportunidade de crescer junto com a evolução digital e a internet. A quantidade de vídeos, sites, blogs, imagens que em poucos clicks estavam ao nosso acesso eram em demasia para que passassem despercebidos.

Mas nem só do fácil acesso a pornografia que a internet me proporcionava, residia meu interesse. Minha curiosidade aqui está para além do que posso examinar (é neste ponto que a psicanálise se torna uma forma de ferramenta elucidativa?), mas posso afirmar que desde que conheci a internet como uma forma de expressão, sempre a observei como um local em que pudesse procurar tanto imagens eróticas como pornográficas.

Por meio de blogs, tumblrs, flickrs, pode-se achar diferentes tipos de imagens e vídeos, sem nenhum tipo de filtro moral, esses sites podem disponibilizar uma vasta gama de possibilidades de acesso. Na pesquisa que fiz durante a graduação, grande parte das entrevistas que realizei, foram com amigos que possuíam páginas ou se expressavam na internet sobre pornografia.

Esse breve relato, entretanto, não joga luz sobre meu interesse de pesquisa pelo tema. O interesse pode ser pelo fato de existirem inúmeras questões em relação à “pornografia” que não se entendem bem, como por exemplo, a simples contradição entre ser o material mais presente na rede e em contraponto um dos mais condenados socialmente, essa questão carrega em si uma questão da qual ainda não sabemos responder.

---

<sup>1</sup> Em um trabalho anterior de conclusão de curso realizei uma pesquisa etnográfica: Cartografias do pornográfico: Uma etnografia a partir de narrativas de usuários de redes virtuais (2012).

Ou meu interesse pode ser pelo simples fato de contingência, estuda-se aquilo que se experiêcia? (se considerarmos a vida na virtualidade uma vida real). Nunca tive a oportunidade de estudar a pornografia, contentava-me em conhecê-la a partir do que a internet me proporcionava. Foi apenas quando ingressei na universidade, que o tema saiu como forma de expressão e socialização entre amigos, para algo que poderia ser pesquisado e pensado como um objeto de pesquisa acadêmica.

Em um primeiro momento nos estudos sobre pornografia, meu interesse residia somente na pornografia, independente de qualquer teoria ou método de análise em especial, (a psicanálise aplicada à pornografia só veio *a posteriori*). Minha primeira pesquisa sobre o tema foi uma etnografia com usuários de redes virtuais que mantinham páginas pornográficas ativas na rede (em sua maioria conhecidos que moravam na minha própria cidade). Meu objetivo era ouvir seus relatos e construir a partir do método cartográfico uma pequena síntese das experiências dos meus entrevistados e entrelaçá-lo com o tema da pornografia, evocando ainda uma bibliografia reduzida para me acompanhar no percurso sobre a história da pornografia e as principais teorias vigentes sobre ela, em sua maioria produzida de influência Foucaultiana. Foquei principalmente nos relatos de meus interlocutores, que em um primeiro momento, se mostraram extremamente produtivos.

Muitas questões surgiram a partir dos relatos, a pornografia como tabu, como forma de expressão, sua relação com a masturbação, as facilidades/dificuldades da internet, a vasta gama de pornografias diferentes com gostos específicos, principalmente o que fazia com que eles se expressassem daquela maneira na internet, e o que lhes agradava e importunava sobre o tema em questão. Todas essas questões provocaram minha transferência para o tema.

Nesse primeiro momento me tornei um pouco mais “experiente” sobre o tema da pornografia, conhecendo seus lugares comuns e pontos-chaves, como seus problemas de gênero, sua vasta catalogação de gostos e preferências, suas formas de produção na indústria, seus principais representantes no mainstream, e consegui de uma forma um pouco mais abrangente compreender sua representação na nossa sociedade. Mas, sem necessariamente ter achado resposta para algumas das questões que tinha me colocado no início do trabalho, pelo contrário, agora caminhava comigo depois da graduação, várias primeiras questões que na ebulição da minha pesquisa tinham se problematizado de maneira totalmente nova para mim. Cabia agora esperar outro momento para que pudesse dar continuidade ao meu interesse.

Esta atual pesquisa encontra-se nesse momento de continuidade, porém com alguns outros acréscimos, ou melhor, apenas um: a psicanálise. A falta de ferramentas de pesquisa e uma logística desprivilegiada tinham deixado minha primeira pesquisa incompleta, na forma de que elas precisavam de um respaldo teórico que dissesse algo sobre aqueles relatos que havia coletado. Não que tivesse ficado insatisfeito com o que havia realizado, na verdade pelo contrário, uma etnografia cartográfica e o discurso dos interlocutores sobre a pornografia, preencheu tudo o que pensava de pesquisa em pornografia até então. Porém minha formação em psicologia e minha especialização na área da psicanálise fez com que retornasse ao tema, agora com o viés de uma ferramenta que pensava a sexualidade com sua própria lógica, algo que não apareceu na primeira pesquisa.

Assim, passei a procurar na literatura psicanalítica, algo que falasse da pornografia, e para surpresa minha não foi tarefa fácil, pois a pornografia e sua ligação com a sexualidade de forma geral, pode parecer em um primeiro momento, lugar comum para psicanálise, porém não havia uma literatura psicanalítica que falasse da pornografia diretamente ou a tivesse como centro de uma pesquisa ou estudo. Encontrei apenas uma exceção no autor americano Robert Stoller (1924-1991), um dos poucos que fez da pornografia centro de investigação e terreno fértil para o pensamento da psicanálise. Stoller em *Porn: Myths for the Twentieth Century* (1991) procurou realizar entrevistas com atores e produtores de pornografia pelo método etnográfico, entrelaçando a vida de seus entrevistados com interpretações psicanalíticas, tirando conclusões do que eles poderiam possuir de conhecimento sobre a demanda erótica da massa, o que esses atores poderiam saber sobre a fantasia dos espectadores para quem seus filmes eram feitos.

Interessado principalmente nos estudos da erótica do ódio e da fantasia, Stoller tem interesses precisos ao estudar a pornografia. Ele procurava uma teoria que explicasse de forma mais ou menos satisfatória de onde adivinha a excitação sexual, e quais eram seus componentes psíquicos envolvidos. Ora, nada mais oportuno do que estudar a pornografia, que a seu ver tinha como objetivo provocar excitação em seus espectadores.

Foi frutífero esse primeiro encontro com Stoller, que culminou na publicação de um artigo que pesquisava sobre pornografia e psicanálise pela ótica Stolleriana<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Publicado pela Revista Reverso (Belo Horizonte): Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais (N. 70, pg. 15-21. Outubro de 2015 ed. Reverso).

Revendo a literatura de Stoller sobre a pornografia, consegui demonstrar o interesse legítimo que a psicanálise poderia ter pela pornografia, e que esse encontro renderia bons resultados não apenas pelo atual apelo que o tema da pornografia tem na contemporaneidade, mas que ela poderia, modestamente, complementar a literatura psicanalítica, revendo conceitos como os de excitação, fantasia e perversão. Argamassa de conceitos que em certo sentido fazem parte do imenso conjunto teórico da psicanálise em relação à sexualidade.

Nesse sentido, comecei a procurar nos textos freudianos balizamentos teóricos que começassem a dialogar mais diretamente com o “fenômeno” da pornografia. A literatura imensa de Freud sobre a sexualidade me mostrou a dificuldade de escolher textos quais pudessem apoiar minha pesquisa. Qual texto de Freud pode elucidar melhor, por exemplo, o fato da pornografia (no senso comum) ser atualmente, por um grande número de pessoas, condenada como algo imoral pela sociedade? Podemos nos perguntar também que tipo de caminho pulsional a pornografia encontra? Ela é uma sublimação ou sua descarga é via masturbação, que para Freud é uma continuação das atividades da sexualidade infantil e do autoerotismo<sup>3</sup>? Ou pode ser pela simples representação performática do sexo que a pornografia disponibiliza, permitindo o compartilhamento das várias fantasias alheias, o ato *voyerista* de investigar o sexo, corpos e seus prazeres?

Escolher tais textos não foi tarefa fácil. Foi apenas a partir das orientações recebidas e dos textos publicados pelo meu orientador, é que consegui pensar, finalmente, em uma linha de raciocínio que esclarecia os fenômenos tão comuns ligados à pornografia. Na leitura dos *Três Ensaio*s ([1905] 2006) e da *Moral sexual* ([1908] 2006), percebi que a pornografia de certa maneira “funcionava” como uma solução de compromisso entre o recalçamento da sexualidade e sua expressão. Que a pornografia

---

<sup>3</sup> Thomas Lacqueur em *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation* (2003), faz um paralelo entre a masturbação e a pornografia, revendo como a masturbação se ligou a leitura solitária e privada, sendo o gênero do romance uma das primeiras práticas possíveis de leitura masturbatórias e a pornografia como extensão desse modelo. Desde séc. XVII a masturbação vinha sendo perseguida pela medicina por supostamente proporcionar os riscos do sexo solitário, Lacqueur faz um estudos desses livros científicos da época e vê neles grandes materiais pornográficos disfarçados de medicina. Importante que Lacqueur fez uma investigação daquilo que Foucault (1999 [1976]) em *A vontade de saber* ao falar da pedagogização das crianças chamou de “*a guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos no Ocidente*” pg. 98. Lacqueur atribui grande parte da mudança de opinião em relação à masturbação a Freud, veremos mais adiante a opinião de Freud sobre assunto. Basta mencionarmos aqui a primeira definição de autoerotismo em Laplanche e Pontalis (2008) “*Em sentido amplo, característica de um comportamento sexual em que o sujeito obtém a satisfação recorrendo unicamente ao seu próprio corpo, sem objeto exterior, neste sentido, a masturbação é considerada como comportamento autoerótico*” (p. 47).

não era algo “negativo”, mas que ela carrega em si, a demanda recalcada da massa em relação sua própria sexualidade, servindo como um quadro projetivo do qual é permitido tudo falar e dizer sobre o sexo. Isso explica de certa maneira as formações reativas “negativas” à pornografia, como o “nojo”, “vergonha”, até às vezes quando assistimos provocar constrangimentos em forma de riso, à semelhança do chiste. Pois quando a pornografia mostra o conteúdo de sua narrativa, grande parte dela, por sofrer parte da repressão sexual da moral vigente, sofre formações reativas da forma que a conhecemos, sua marginalização e sua necessidade de “esconder-se” e “disfarçar-se”.

São aqui também as semelhanças desses “sintomas” sociais causados pela pornografia com os sintomas do caráter da analidade, ambas invertem a pulsão (quando o conteúdo pornográfico é recalcado). Aqui o mecanismo é o mesmo, a pornografia ao provocar excitação, faz com que o psiquismo inverta em seu contrário, provocando repulsa, pois caso contrário haveria um provável sentimento de culpa derivado dos imperiosos ideais da moral sexual.

Não à toa que os filmes pornográficos são os mais vigiados e proibidos pela censura de certos países ditatoriais e autocráticos. Porém a internet tornou impossíveis as medidas de vigilância do estado referentes ao controle da produção e comercialização da pornografia, e logo os tabus que viam a pornografia como incitadora ao crime e a violência sexual tiveram suas ideias questionadas.

Assim, minha primeira literatura em pornografia do qual havia tido contato, advinda da minha primeira pesquisa, finalmente fazia mais sentido e também se complicava mais. Linda Williams (1991) diz a partir de Foucault, que a pornografia é um dos muitos discursos que se fazem a falar a sexualidade, advinda da compulsão moderna de se falar incessantemente sobre o sexo (não ocorrendo uma repressão e sim uma incitação), como mostrada por Foucault em *Historia da Sexualidade I* (1999 [1976]). Sendo assim, o pensamento da psicanálise sobre a pornografia entra em contradição com a crítica repressiva feita por Foucault em *A vontade de saber* (1999 [1976]). Penso que apesar de suas diferenças em relação à compreensão da operação do poder e da repressão sobre a cultura, ambas, podem também guardar certa semelhanças como produtoras de novas formas de criação.

Pensando a partir da psicanálise, Ceccarelli, por sua vez, em *Pornografia e o Ocidente* (2011), busca tematizar a pornografia no seu contexto dentro do ocidente, como fenômeno da moral sexual ocidental, que cria padrões de comportamento sexual, e incentiva a criação de soluções como possibilidades de satisfação. Assim, o recurso à

pornografia deve ser entendido na particularidade da relação entre a cena dita pornográfica e os movimentos pulsionais inconscientes daquele que é captado pela cena.

Ao criar padrões de comportamento sexual, a moral sexual ocidental incentiva a produção de soluções marginais como possibilidades de se escapar àquilo que para Freud constitui uma grande injustiça social: exigir de todos:

Uma idêntica conduta sexual, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às junções morais (FREUD, [1908] 2006, p. 177).

Nessa perspectiva, a pornografia aparece com uma das formas de escapar a essa “injustiça”. Uma solução psíquica em resposta aos efeitos repressores da sexualidade que, por terem sido coibidos, encontraram na pornografia um modo de descarga de moções sexuais.

A ‘*solução pornográfica*’, chamemo-la assim, permite a realização de fantasias e desejos que, por terem sido coibidos pela moral, tornaram-se ainda mais intensos (CECCARELLI, 2011, p. 6).

Para a psicanálise, a pornografia ao possibilitar e reproduzir midiaticamente uma vasta gama de possibilidades de prazeres sexuais permite um caminho diferente daquela exigida pela moral, que exige de todas as mesmas “condutas”, ao qual Freud se refere no *Moral sexual cultural* ([1908] 2006). Desse modo, a pornografia para psicanálise, também não teria como função fazer falar a sexualidade de uma forma produtiva, pois ela incentiva os corpos e os prazeres? Stoller (1991) denúncia que as marginalizações em nossa sociedade de certas categorias da pornografia estariam servindo como bode expiatório para a moral sexual e agindo a seu favor, pois é necessário que se crie uma categoria específica para que se faça uma separação daquilo que se é dito como “normal”. Muitas vezes, a pornografia tende a confundir-se com o obsceno<sup>4</sup>, por ser exatamente aquilo que deveria permanecer longe do cenário da moral sexual: aquilo que está, literalmente, fora de cena, retorna na pornografia como atividade narrativa.

Mas essa conexão entre a pornografia como discurso sobre a sexualidade e como uma forma de solução de compromisso, é extremamente problemática, se é que podemos compará-las e alinha-las em um interesse teórico comum. A crítica

---

<sup>4</sup> De acordo com Moraes e Lapeiz (1984) obsceno é 1. O que fere o pudor; impuro; desonesto 2. Diz-se de quem profere ou escreve obscenidades (MORAES e LAPEIZ, 1984). Obscena é uma corruptela ou modificação do vocábulo *scena* e que seu significado literal seria “fora de cena”, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde.

foucaultiana a psicanálise é grande, e os interesses entre ambas divergentes<sup>5</sup>. A tentativa de juntar esses dois autores me renderia outro trabalho muito maior, que seria superar os problemas deixados por Foucault à psicanálise, tarefa que hoje, se encontra muito aquém do possível para nós, e fugiria completamente do tema que pretendi desde o começo, estudar a pornografia.

Isso sem levar em conta os diferentes momentos da psicanálise na obra de Foucault, por exemplo, nos textos de Renato Mezan, intitulado “*Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise*” (1985) e de Joel Birman “*Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise*” (2000) ambos observam que Foucault durante sua obra, apresenta a psicanálise de diversas maneiras, nem sempre em um modelo único. Mezan aponta para o descompasso existente entre o elogio da psicanálise, no último capítulo de *As palavras e as coisas*, e a sua crítica, no primeiro volume da *História da sexualidade*. Ainda autores mais pertos da nossa realidade amazonense que também investigaram a mesma temática, como Ernani Chaves em *Foucault e a psicanálise* (1988).

As contribuições da psicanálise podem ser aquelas que para Foucault, fazem a psicanálise se distanciarem das teorias psicológicas reducionistas biologistas. Porém é a mesma teoria que se prende a um pensamento típico do poder soberano, e do exercício da autoridade pela interdição e liberação.

Mezan (1985) acredita que as críticas de Foucault devem ser incorporadas, levando os psicanalistas não para um posicionamento defensivo, mas sim para a angústia do debate. Birman (2000) aponta que a obra de Foucault pode servir como ponto de partida para uma reformulação da psicanálise e de suas práticas.

Para tal, por mais que passe durante esta pesquisa pelos temas gerais do discurso da sexualidade, não pretendo de maneira nenhuma, fazer conciliação entre um autor e outro. Apenas penso que a compreensão dessa primeira literatura (pornografia como discurso) nos joga luz sobre vários aspectos histórico-conceituais envolvidos na criação discursiva da “pornografia”. Que de outra maneira seria impossível elucidar de maneira tão eficaz.

---

<sup>5</sup> Ainda mais considerado o fato de que a *Historia da sexualidade I – A vontade de saber* (1999 [1976]) marca um dos momentos mais críticos de Foucault em relação à psicanálise. Uma das críticas de Foucault refere-se ao reducionismo sexual (familiar-edípico) da psicanálise, para Foucault não há repressão sexual, mas sim incitação a se falar sobre o sexo. Desse modo a psicanálise cria um saber que visa à normalização e disciplinarização dos corpos e subjetividades.

E como se, levado primeiramente para uma leitura abrangente da pornografia, agora eu retornasse para a psicanálise e procurasse pequenas dicas nos textos freudianos para interpretações de fenômenos que acontecem dentro da pornografia na internet. Tateando os textos de Freud sobre a sexualidade, fui escolhendo alguns textos e correlacionando-os com o tema de minha pesquisa. Correlação que espero demonstre a quantidade de material que a psicanálise ainda hoje nos fornece para pensarmos temas tão atuais como a pornografia e a internet.

Nesse sentido, exploraremos na psicanálise, as discussões empreendidas entre a dicotomia sexualidade e cultura nos textos de Freud. Essas obras nos levantam muitas outras questões que não incluem somente os objetos virtuais. Por exemplo, pensando em (1908), se a moral de certa forma influencia as relações entre os membros de determinada sociedade, poderíamos nos perguntar como seria a pornografia fora dos padrões da sexualidade ocidental? Como se daria a pornografia dos povos indígenas, por exemplo?

Pensando nessa problemática, temos o livro da antropóloga brasileira Betty Mindlin, *Moquecas de Maridos* (1997), tão bem analisado pela autora brasileira Eliane Robert Moraes em *Eros canibal*, ensaio contido na coletânea *Perverso, amante e outros trágicos* (2013), e pela psicanalista francesa Michèle Bompard-Porte em *Literaturas eróticas comparadas: A partir de moquecas de maridos, mitos eróticos* (2007).

Ambas as autoras ao analisarem o texto de Betty Mindlin, ressaltaram a oralidade antropofágica do imaginário sexual indígena, porém enquanto Eliane Moraes vê nesse quesito uma semelhança com seus equivalentes na erótica europeia, principalmente se referindo à Rabelais e Sade e as equivalências entre os órgãos faciais e os genitais, como ela mesma nos diz:

Nessa linhagem, o marquês de Sade ocupa um lugar central, não só por retomar o motivo rebelaisiano do banquete, mas, sobretudo por transformá-lo num fundamento de sua erótica. Nas ceias e nas orgias de seus personagens, indistintas umas das outras, confundem-se os diversos órgãos do corpo sem qualquer hierarquia assim como acontece no universo mítico dos índios, no mundo libertino também prevalece o princípio de equivalência entre a boca e o sexo (2013, pg. 4).

Michèle Bompard vê aí uma diferença entre a relação sadomasoquista-anal ocidental recalcada e a oralidade antropofágica indígena. Tanto Michèle Bompard e Eliane Robert Moraes, a partir de suas análises, demonstram a profunda relação do imaginário erótico de uma sociedade com seu registro simbólico/cultural. Coincide que

para Stoller (1991), a pornografia também é uma ferramenta excelente para compreender o imaginário erótico da massa. Este livro de coletânea de contos eróticos indígenas mostra-se como um instigante trabalho em que se pode exercitar a correlação entre o imaginário cultural e a representação da sexualidade.

Dessa maneira, são muitas as reflexões que se podem fazer a partir da pornografia e a psicanálise, portanto, os textos que escolhi não refletem a totalidade do que pode ser visto na dicotomia sexualidade-cultura dentro da psicanálise, e nem esgotam a temática da pornografia dentro do percurso freudiano. Os escolhi por serem textos que refletem uma síntese da minha hipótese da pornografia como solução de compromisso entre a sexualidade e suas formas de expressão. No caminho percorri vários textos com tentativa de aproximar com mais precisão alguns conceitos freudianos, que se focadas de maneira isoladas tornariam minha tarefa impossível, pois uma pesquisa metapsicológica minuciosa desembocaria inevitavelmente em trabalhos a parte que me distanciaria do foco de meu tema, como expliquei anteriormente.

Dentro dessa proposta de trabalho, não realizaremos uma pesquisa sobre a “história da pornografia” nos moldes historiográficos feitos, por exemplo, na coletânea de ensaios *A invenção da pornografia - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800* (1999) organizada por Lynn Hunt, que investiga a emergência da cultura erótica no interior da história moderna, investigando a partir da emergência tecnológica da impressão os seus efeitos na criação de um mercado voltado para o obsceno, provocando deliberadamente transgressões da moral nesse determinado período entre o séc. XV e o XVIII. Ou como fez a autora brasileira Eliane Robert Moraes em seu artigo *O efeito obsceno* (2003) que realiza um estudo do vocabulário obsceno a partir do renascimento. Ou em semelhança a Thomas Lacqueur em *Cultural History of Masturbation* (2003) estudando o percurso do sexo solitário dos romances até a pornografia.

Porém em determinados momentos será necessário evocar essa historicidade filológica do termo “*pornógrafos*” para demonstrar certos paradigmas daquilo que na história foi tido como “*obscenus*”, referente às criações literárias ou nas próprias práticas que eram tidas como contrárias à decência e ao pudor geral de uma determinada época, aquilo que, em ato ou em palavra, vai afetar a moral comum de uma sociedade.

A própria etimologia da palavra pornografia já enfatiza um aspecto comercial e consumista que se transformou a partir da industrialização e da tecnologia de impressão. Pois *pornos* deriva também do verbo *pernemi*, que significa vender. A partir da difusão

e comercialização de imagens de pessoas nuas, de órgãos e atos sexuais, foi se constituindo uma indústria que gera lucros (MORAES, 2003).

Para tal, pensamos que a internet, em semelhança à tecnologia de impressão do séc. XVI tem papel fundamental nessa nova forma de distribuição das produções “obscenas” ou como dizemos “pornográficas”. Se no início da modernidade as novas técnicas de impressão causaram uma maior divulgação do material pornográfico, a internet e suas possibilidades de acesso livre, gratuito e privado a esse mesmo material, aumentaram não só o consumo, mas as formas com que nos relacionamos com esse material. Para toda uma geração que nasceu com essas novas tecnologias de mídia, a pornografia teve papel de destaque, pois é de longe o material mais acessado na rede.

Por isso esse trabalho se coloca mais perto da autora americana Linda Williams, que participa do departamento dos estudos cinematográficos da universidade de Berkley na Califórnia. Professora de estudos cinematográficos e especialmente das produções pornográficas, em seu livro ainda sem tradução para o português *Hard Core: Power, Pleasure* (1999), investiga o fenômeno da pornografia *hardcore*<sup>6</sup>, que teve sua emergência nas produções industriais de larga escala para televisão e o cinema.

Essa bibliografia existente em pornografia sobre os estudos dos textos eróticos, do vocabulário pornográfico ou da pornografia *hardcore*, são influenciados pela leitura da *História da sexualidade*<sup>7</sup> (1999 [1976]). Para tanto, separamos um capítulo para estudar a relação entre a história da sexualidade e as reverberações no tema da pornografia.

---

<sup>6</sup> Pornografia produzida em larga escala pela indústria pornográfica e que possui ampla comercialização midiática. Que visa o sexo explícito e tem a intenção deliberada de provocar excitação. É também o modelo de produção pornográfica mais presente na internet.

<sup>7</sup> Cabe ressaltar as influências de Foucault sobre duas das principais referências em pornografia dessa pesquisa: Robert Stoller e Linda Williams. Ambos tiveram diretamente no centro de suas produções os temas da pornografia, gênero e sexualidade, escreveram maior parte das suas obras durante as décadas de 70-80 no estado da Califórnia (centro não só do cinema moralista burguês de Hollywood, mas da maior indústria pornográfica do planeta). Esse era o mesmo período em que Foucault realizava suas leituras e seminários na universidade de Berkley, universidade que abrigava a pesquisa dos dois autores citados. Segundo David Macey (1995 p. 338) só restou fragmentos dessas aulas de Foucault, datados de oito de maio de 1975, são eles: “Discurso e repressão” e “Na sexualidade infantil”. Indicando que ele trabalhava em uma versão inicial da *História da sexualidade*. Linda Williams usa a *Historia da sexualidade* como referência principal do seu livro *Hardcore*, Robert Stoller no prefácio de seu livro *Porn*, recomenda a leitura do livro *Hardcore*. Interessante observar que o local onde mais se realizou pesquisa sobre o tema da pornografia seja o local onde mais se produz pornografia, como que se a pornografia pela sua presença massificada no estado da Califórnia fez o tema tornar-se mais “problematizável”, no sentido de demandar produções acadêmicas.

Porém à revelia da bibliografia supracitada, o interesse maior nesta pesquisa é investigar o encontro entre o consumidor comum e o material pornográfico da internet. Esse interesse é causado tanto pelo motivo que na rede qualquer consumidor é um produtor, pois basta uma câmera ou até um webcam pra ter o necessário para produção de um vídeo ou de uma “*sex tape*”, assim sendo, as realizações das produções são todas calcadas nas demandas de pesquisas dos usuários que se encontram online: o material encontrado na rede nada mais é que o reflexo da imaginação ou do “desejo” dos usuários de poderem acessar a fantasia pornográfica preferenciada. Daí advém o grande material diversificado encontrado na internet sobre pornografia, tais como vídeos e fotos para todos os gostos e todas as demandas. Cada estilo comporta em si um núcleo específico de usuários com exigências próprias, existe a pornografia *softcore*, *hardcore*, *BDSM*, *amadora*, *gay*, *independente*, *feminista*, *dominatrix*, *gonzo*, *fetichista*, e tantas outras ainda não catalogadas.

O termo pornografia deriva do grego *pornographos*, que significa, literalmente, registros (escritos) sobre a prostituição, referência à vida e os hábitos das prostitutas. O dicionário Aurélio define como uma figura, fotografia, filme, espetáculo, obra literária, etc., que tratem de assuntos obscenos. A pornografia pode ser representada por diversos meios de veiculação, e possuem, em sua forma, objetos ou cenas obscenas, sexualmente marginalizadas, que destinados a um público, promovem excitação. Fornecendo uma variedade de representações e de práticas sexuais diversas. A pornografia ao permitir uma vasta possibilidade de expressões, permite observamos a conduta erótica da massa, suas fantasias, mitos e preocupações.

Podemos nos perguntar, por exemplo, se a pornografia é vista como uma forma de arte? Ela faz parte do problema ou parte da solução? Existe uma ligação do obsceno com a pornografia? Ela estimula a agressão ou induz a comportamentos sexuais violentos? O que é pornográfico para um é pornográfico para todos? É nicho de práticas heterossexuais (de subordinação) ou permite a exposição de outras formas alternativas de vivência da sexualidade? Poderíamos continuar nos perguntando, em frente ao vasto material pornográfico, como esses foram feitos, como foram encenados, como terminaram, e também, quais os prazeres envolvidos naquilo que ele se propõe encenar. Várias destas perguntas já foram colocadas pela literatura teórica em pornografia (GREBOWICZ, 2013; CECCARELLI, 2011; STOLLER, 1998; WILLIAMS, 1999). Não pretendemos, entretanto, abordar todas estas questões, mas nos defrontaremos, ao

longo desta pesquisa, com vários desses problemas, que serão abordados a partir do referencial psicanalítico.

O campo de estudos etnográficos e de gêneros<sup>8</sup> fornecem ferramentas de investigações elucidativas, pois compreende a veiculação da pornografia diante da cultura inserida, e os valores sexuais aceitos e os marginalizados dentro dessa cultura. A pornografia virtual depende dos sujeitos que a rotulem como tal, pois é uma atividade que visa produzir excitação, podemos falar de “pornografias”, pois não há apenas uma pornografia que agrade todos, mas sim a existência de várias pornografias que vão ser comungadas em maior ou menor número. Ela é tributária à plateia. Por isso podemos dizer que a pornografia tem a vantagem de colocar em cena uma fantasia já existente, que vem de dentro, e não primeiramente de fora o que, segundo Robert Stoller (1998, pg. 27) demonstraria o caráter nocivo da pornografia, criticando as correntes que pensam a pornografia como mal inerente do social.

Nesse sentido é auto evidente a importância da pornografia, pois ao mostrar as variadas formas que a sexualidade se expressa, acaba proporcionando ao investigador, uma ampla gama de possibilidades a serem teorizadas e problematizadas. Porém, o tema da pornografia é pouco explorado pela teoria psicanalítica, e carece de interpretações que lhe sustentem, e merece, portanto, melhor investigação, levando seu reconhecimento como papel crucial nas formas do sexual dentro da contemporaneidade.

É nesses termos que a psicanálise se inscreve na pesquisa como uma ferramenta coerente para pensarmos no encontro da fantasia do usuário com a produção audiovisual pornográfica. A psicanálise pode nos servir como uma ferramenta imprescindível para investigar as manifestações pornográficas, tanto nos sujeitos, como na cultura, podendo nos ajudar, de maneira elucidativa e provocativa, na compreensão das vicissitudes da sexualidade e suas repercussões na cultura. Podendo trazer resultados interessantes à abordagem psicanalítica, como para outras áreas de investigação.

Na literatura psicanalítica encontramos poucas referências ao tema da pornografia, o que não significa que ao não falar diretamente, a psicanálise não lide com

---

<sup>8</sup> Existem principalmente duas correntes feministas em relação à pornografia. Uma considera a pornografia na internet como uma ferramenta que torna possível a expressão do prazer feminino, como nunca antes foi possível, pelo fato de sua produção ser de fácil acesso e com baixo custo de produção, hoje grande parte do público da pornografia na internet é diversificado, com cerca de 40% sendo feminino, como mostram as pesquisas de sites como *xvideos.com* e *pornhub.com* (24/03/2017). Outra corrente do feminismo mais radical considera a pornografia como um lugar que abriga práticas de subordinação da mulher, esta corrente é favorável ao seu banimento da sociedade, como forma de barrar a má influência que esta poderia causar ao comportamento das pessoas.

as questões que ela coloca, e com o uso que se faz dela. Pois, ao lembrarmos o percurso psicanalítico diante das manifestações do sexual, não podemos deixar de considerar, a pornografia como campo fértil de exploração.

Sabemos que a psicanálise, a partir de 1905 com o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, fortifica o sexual de forma privilegiada em seu campo de investigação, fornecendo, assim, pistas importantíssimas para as “sexualidades” e suas formas discursivas de apresentar-se ao homem contemporâneo. Acreditamos, dessa forma, que a pornografia pode ser pensada como um discurso representativo do sexual, com dinâmica e engendramento próprios.

Quando referimos ao “sexual”, usamos o termo em seu sentido psicanalítico, onde foge às padronizações predeterminadas de satisfação, e busque sempre objetos de satisfações indeterminados, referentes à sexualidade polimorfa, e, por conseguinte, sofra os trabalhos necessários impostos pelas exigências externas. Freud ([1905] [1915] 2006) utiliza então o termo pulsão (*Trieb*), para designar uma força motriz da sexualidade humana, diferente da noção de instinto (*Instinkt*), atribuído à vida da natureza, permitindo pensar na sexualidade fora do determinismo biológico, e das modulações paradigmáticas de satisfação.

Freud nos *Três ensaios* (1905 [2006]) comenta que todos nós temos potencialidades tanto para perpetrarmos atos pornográficos, quanto para sermos seduzidos por eles, posto que a sexualidade humana seja composta de pulsões parciais e perversas – orais, anais, voyeuristas, exibicionistas, sádicas, masoquistas e tantas outras – que são constantemente solicitadas a fim de diminuírem a tensão interna, ou seja, para que a satisfação seja alcançada.

A sexualidade humana seria constituída inicialmente por pulsões parciais anárquicas que visam à satisfação ([1905] 2006), nesse sentido toda sexualidade é em seu âmago perverso-polimorfa.

E por esse caminho, que Freud (1915 [2006]) nos diz que a sexualidade perverso-polimorfa vai sofrer uma negação de suas satisfações parciais, e por consequência os sintomas neuróticos surjam como criações fantasmáticas que demonstrem formas elaboradas de defesa face às pulsões parciais e ao polimorfismo da sexualidade.

Frente às defesas erigidas pelas pulsões perverso-polimorfas temos como exemplo o texto de Freud *Moral sexual cultural e a doença nervosa* ([1908] 2006). Nesse texto evidencia-se um confronto entre a “moral sexual natural” e a “moral sexual

cultural”, visualizando-se de maneira exemplar a interposição entre a renúncia das satisfações pulsionais e a vida em sociedade. Freud (1908) chega à conclusão que a neurose dita “moderna” seria o resultado desse embate entre o pulsional e o cultural.

Assim, todas as tentativas de compreensão das significações e utilizações da pornografia no Ocidente devem levar em conta a moral sexual ocidental. Como a "vida sexual" e o sofrimento psíquico de uma dada sociedade e de seus membros só podem ser devidamente avaliados a partir dos valores ético-morais da sociedade em questão (os ideias sociais constitutivos do Supereu), da mesma forma os movimentos pulsionais presentes nas diversas expressões da sexualidade devem ser entendidos como tributários destes mesmos valores (FREUD, [1908] 2006).

Nesse sentido da moral sexual ocidental, como ditadora das condutas sexuais, nos leva a pensar então que o comportamento e o modo com que as pessoas lidam com a sexualidade estão vinculados de acordo com os mitos culturais que originam o imaginário de determinada cultura e a moral que as cerca.

Por exemplo, no nosso contexto, se pensarmos novamente no livro da antropóloga brasileira Betty Mindli, *Moqueca de maridos. Mitos eróticos* (1997), onde a partir de narradoras idosas, que contam as histórias de seis povos indígenas de Rondônia (Makurap, Tupari, Wajuru, Djeoromitxi, Arikapú e Aruá)<sup>9</sup>, a autora constrói uma coletânea de contos eróticos indígenas. O livro foi traduzido para o francês em 2005, e a partir disso, Michèle Bompard-Porte (2007) uma psicanalista francesa, em um artigo dedicado ao livro *Moqueca de maridos* nos diz que, “os índios da Amazônia atribuem ao erotismo oral uma importância análoga, assim nos parece, à que nós atribuímos ao erotismo sádico por eles negligenciado. Isso transforma toda a cultura (sexual). Assim, os contos mostram as singularidades da nossa própria cultura (sexual) e nossos modos particulares de elaboração, dentre outros, da diferença sexual, da posição fálica e do narcisismo” (pg. 96, 2007).

A autora correlaciona à narrativa indígena aos componentes de oralidade mais do que aos registros do sadomasoquismo-anal (característico do ocidente, onde às relações parece segunda a autora, tratar-se sempre de posse, controle e de domínio, ou seja, de relações de poder, tratadas a partir do registro sádico-anal). Sua ideia de que cada cultura tem uma leitura específica do sexual a partir do modo em que as relações da cultura em que se esta imersa apresenta-se, é um exemplo da moral influenciando

---

<sup>9</sup> Com línguas diversas e distintas tradições entre si.

diretamente na nossa relação com o erotismo ou a pornografia. Embora não se possa dizer que estes relatos no livro tratem de pornografia, pois será que estes contos são, para aquelas culturas, pornográficos?

Aliás, deixo aqui a pergunta, será que se encontra uma “pornografia” indígena, assim como encontramos no ocidente, ou a pornografia é uma característica própria da relação ocidental com a sexualidade? Onde dentro desta modalidade de vivência do sexual, a pornografia serve como função produtiva para lidar com esses componentes sádico-anais recalçados. Penso que os indígenas enfrentam o sexual sobre uma égide diferente da moral sexual ocidental, o livro “*moqueca de maridos*” é um exemplo perfeito dessa diferença.

É dessa forma que a pornografia pode ser pensada e discutida como uma maneira de representar a sexualidade em uma determinada cultura, e como a cultura se forma a partir dos ideais constitutivos, os mitos que originam esses ideais, muito nos falam por meio do erotismo ou da pornografia, sua essência sexual. Pensando na psicanálise, as narrativas pornográficas poderiam demonstrar o imaginário resultante das demandas recalçadas impostas por essas mesmas relações. Ceccarelli em *Mitos, sexualidade e repressão* (2012) nos elucida que:

Ainda que o recalque (Verdrängung) da sexualidade seja o movimento universal que marca o modo de circulação pulsional própria do humano, sendo a condição primeira para a existência do estado de cultura, a repressão (Unterdrückung) da sexualidade que se seguirá geradora da moral sexual é tributária do sistema de valores que sustenta o imaginário social. As origens deste sistema devem ser procuradas nos mitos fundadores da cultura em questão. E o lugar da sexualidade nos relatos mitológicos – pecado, culpa, responsável pela queda, fonte de prazer... – marcará profundamente as formações ideais e superegoicas responsáveis pelo modo como o sujeito vivencia, consciente e inconscientemente, sua sexualidade (pg. 31)

As teses freudianas apresentadas no texto *Moral sexual cultural e doença nervosa moderna* (1908 [2006]) sugerem que a maneira da cultura ocidental lidar com a sexualidade guarda profundas relações com a forma com que os mitos de origem tratam a sexualidade. O preço a pagar pela “evolução” é o controle da sexualidade. “*Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação pulsional foi oferecida à divindade como um sacrifício*” (Freud 1908 [2006] pg. 196). Nesse texto, Freud discute não apenas as doenças nervosas dos tempos modernos, devido às limitações impostas à sexualidade pela moral sexual civilizada, mas também propõe soluções que são um verdadeiro projeto político, na medida em que dizem

respeito à saúde da população em geral. Freud defende que uma reforma social permitiria mais liberdade sexual, pois neutralizaria os traumatismos advindos da repressão (CECCARELLI, 2012).

Porém a tradição da pornografia *hardcore* que vemos na internet, não é a mesma tradição da literatura erótica, ela está mais ligada ao começo do audiovisual e ao cinema pornô, do que as narrativas dos mitos originários que representam o imaginário de determinada cultura.

A pornografia ao mostrar seu funcionamento como modalidade de vivência do sexual torna-se uma questão problematizável. Nossa leitura psicanalítica da pornografia tentará investigar como se constrói a dinâmica da pornografia na relação entre sexualidade e cultura, e a dinâmica do espectador quando confrontado com a pornografia. Mais precisamente que tipo de dinâmica pulsional a pornografia evoca no espectador? Quais seriam as relações entre a nossa moral sexual e a pornografia? Levando-nos a uma pergunta mais básica, porém não menos problemática, a pornografia deve ser vista como um problema de nossa moral sexual, ou uma solução que responde as exigências dessa mesma moral?

Portanto, o objetivo desta pesquisa pretende demonstrar a pornografia como engendramento produtivo entre a sexualidade polimorfa e a exigência do social. Levando-nos aos objetivos de investigar a relação entre pornografia e a moral sexual, e a dinâmica psíquica na escolha pornográfica.

Para isso, pretendemos primeiramente dedicar um capítulo inicial para falarmos um pouco da bibliografia teórica em pornografia fora da literatura específica da psicanálise, este capítulo baseia-se principalmente nos primeiros contatos que tive com a literatura em pornografia, fazendo uma reflexão sobre a construção da pornografia como um discurso sobre a sexualidade, e pensando também sua relação com o erotismo, dei o nome a este capítulo de *Pornografia como discurso*.

Após essa primeira parte, vamos demonstrar a partir do pioneiro trabalho de Robert Stoller no capítulo dois, o possível e legítimo interesse que a psicanálise pode ter pela pornografia. Em *Porn: Myths for the Twentieth Century*<sup>10</sup> (Porn: Mitos para o século vinte) (1991) e *Observando a imaginação erótica* ([1985] 1994) o autor versa de maneira direta sua pesquisa sobre o tema da pornografia, sendo um dos poucos psicanalistas que escreveu sobre pornografia e desenvolveu uma produção teórica

---

<sup>10</sup> Ainda sem tradução para o português, as traduções dessa edição aqui encontradas são de minha autoria.

consistente sobre o tema. Por motivos específicos a sua teoria, este autor foi buscar na pornografia uma fonte rica de pesquisa. Não pretendo, entretanto, realizar uma análise completa de sua obra. Mas modestamente resumir o interesse de Stoller pela pornografia e suas contribuições para o tema, tentando assim legitimar o interesse genuíno que a psicanálise poderia ter pela pornografia.

Após este percurso inicial, realizarei no capítulo três dedicado especialmente aos textos freudianos. Textos estes que escolhi por achar que melhor representam uma síntese da interlocução entre psicanálise e pornografia, mas que de forma nenhuma chegam a esgotar essa temática dentro da obra freudiana. Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905 [2006]), *Moral sexual cultural e a doença nervosa* (1908 [2006]) e o *Mal estar na cultura* (1930 [2006]) serão à base da minha hipótese da pornografia como solução produtiva para os componentes recalcados da sexualidade polimorfa. Levando-nos aos objetivos de investigar a relação entre pornografia e a moral sexual. Estes dois textos invariavelmente me levaram a pesquisa da pornografia por obras do mesmo período na obra de Freud. A partir do percurso da pornografia na teoria da sexualidade e a sua compreensão específica de cultura, caminhei com uma parte dedicada especialmente para a pulsão em *As Pulsões e seus destinos* de (1915 [2006]). Faremos também uma leitura da pornografia pela ótica da segunda tópica pulsional, elaborada em 1920.

Portanto, resumidamente, faremos um capítulo para investigar a pornografia no discurso ocidental sobre a sexualidade, trataremos a pornografia como um discurso que faz falar o sexo incessantemente dentro das discussões embasadas na História da sexualidade (1999 [1976]) de Michel Foucault, acentuando os aspectos críticos da teoria repressiva. Após este capítulo, a partir de Robert Stoller, tento desenvolver os motivos pelo qual o interesse que a psicanálise pode ter pela pornografia é produtivo e legítimo, correlacionando-os com o tema da pornografia. Para assim, finalizarmos com as possíveis leituras freudianas sobre a pornografia.

Trazemos em diálogo com esses apontamentos sobre pornografia, os objetos de pesquisas que consideramos contemporâneos, como por exemplo, as novas formas de tecnologia de mídia, que proporcionam uma ampla gama de possibilidades e novas formas de representação.

Durante o caminho entre esses textos buscaremos os movimentos pulsionais implícitos no encontro do espectador com sua “cena pornográfica”, visto que esse “encontro” é balizado por uma dinâmica própria que faz do consumidor um produtor

ativo do próprio material encontrado na rede. A maneira em que os produtores e atores da indústria pornográfica tem uma compreensão da sua audiência e tentam reproduzir suas expectativas, em suas atuações, enredos e performances, o espectador com a possibilidade da internet pode também contribuir na reprodução desse imaginário erótico de massa. O que acaba revelando uma dinâmica entre a exigência da massa (o que ela deseja ver na pornografia) e a reprodução da demanda. Na internet, produtor e espectador de pornografia virtual confundem-se.

Delimitamos desta maneira, o encaminhamento metodológico dessa pesquisa, pois os estudos realizados em pornografia por outros campos, principalmente a antropologia (etnografias e estudos de gênero), exploram um caminho interpretativo que, como já o dissemos, será necessariamente revisitado. Porém pretendemos retomá-los por um viés que, pensamos, está em débito com o tema em questão, a psicanálise.

Com a psicanálise demonstraremos as várias facetas em que a sexualidade perpetua-se em nossa cultura, e os antigos mecanismos que essa mesma cultura utiliza-se para lidar com essas expressões do sexual. O estudo da pornografia servirá como suporte para compreensão da relação entre a nossa cultura e a sexualidade, evidenciando os meios em que esses discursos se manifestam.

Como principal meio de investigação irá se utilizar um arcabouço teórico-bibliográfico de cunho qualitativo, a teoria psicanalítica servirá para amparar teoricamente esta pesquisa, pelo seu privilegio conceitual no âmbito da sexualidade, portanto, essa pesquisa não é uma pesquisa de metapsicologia, mas sim uma aplicação da psicanálise em fenômenos da cultura. Será realizado uma análise bibliográfica de livros, textos e artigos, a fim de, por meio de tais materiais, possamos investigar a relação entre pornografia e psicanálise.

Para Lakatos (1986) a pesquisa bibliográfica pode se estabelecer a partir de materiais já elaborados ou advindos da inquietação por novas investigações. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica tem como finalidade:

Colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto. A bibliografia pertinente 'oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente (LAKATOS, 1986, p. 45).

Sendo esta pesquisa acadêmica e realizada na universidade, cabe falarmos um pouco de pesquisa psicanalítica na universidade e suas relações com as novas formas de tecnologia, pois a universidade tem se apropriado dos impactos dessas novas

tecnologias e construído discursos sobre ela. A psicanálise recentemente vem também se apropriando dessas novas ferramentas. Congressos sobre “conexões virtuais” “virtualidades”<sup>11</sup> são cada vez mais frequentes. De fato, a psicanálise vem se debruçando cada vez mais com os fenômenos da internet, das redes sociais, das chamadas “conexões virtuais”, que fazem parte das novas relações globais proporcionadas pela tecnologia atual de comunicação. Mas como podemos pensar à luz das ferramentas teóricas psicanalíticas as novas formas de expressões midiáticas contemporâneas?

Propomos também, outras perguntas, qual seria o estatuto de pesquisa que a psicanálise deve dar a esses objetos? São aplicações da psicanálise em territórios não clínicos? Ou pelo contrário, trata-se de um estudo clínico, tendo em vista que essas novas ferramentas modernas tem repercussão direta nos pacientes, e, portanto, em uma “nova clínica”? Pois ao serem incorporadas em nosso cotidiano, não tardaram a atingir os consultórios dos analistas. Os pacientes ao falarem de si, não deixam de falar de seus avatares nas redes sociais, de suas páginas na internet e a forma como escolheu expressarem-se nela. A internet possibilita um mundo virtual onde se pode viver aquilo que sempre se quis, sem “aparentemente” erigir barreiras do mundo dito “real”. A meu ver, o interesse dos psicanalistas clínico é legítimo, assim também como é a do pesquisador universitário. Ambos encontram-se positivamente “inquietaos” face às novas mídias.

É visível o material clínico que a internet disponibiliza, os ditos perfis virtuais comportam um amálgama de símbolos buscando incessantemente as idealizações. Segundo Lanzarin (2000), o anonimato proporcionado pela internet permite fazer surgir outros habitantes da “subjetividade”. Por trás de um anonimato, de um perfil falso, pode-se fazer falar o que quiser, permite-se, por exemplo, a externalização anônima ao ódio às minorias. Além do fator da possibilidade de expressão anônima, temos também atual forma em que a exposição da vida privada ocorre nas chamadas redes sociais, trazendo discussões que não fazem cessar a um pesquisador interessado.

É nesse sentido que as extensões que as virtualidades podem proporcionar ao pesquisador, ainda mais ao psicanalista interessado na sexualidade humana, são muitas. Pensemos na pornografia virtual, por exemplo, ou da pornografia na internet. Como

---

<sup>11</sup> Em Porto Alegre, julho de 2015 aconteceu o XXI Congresso do Círculo Brasileiro de Psicanálise, I Congresso Internacional de Psicanálise: *Conexões Virtuais: Diálogos com a Psicanálise*. Apresentei o trabalho posteriormente publicado pela revista Reverso (Belo Horizonte): Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais.

poderíamos pensar o tema da pornografia como uma das formas de expressão da sexualidade na contemporaneidade? Levando em consideração sua atual presença e relevância na cultura tanto no âmbito virtual como midiático de nossos tempos?

Uma longa discussão já foi iniciada por psicanalistas brasileiros nas universidades sobre os tipos de pesquisa em psicanálise, como por exemplo, a discussão iniciada por Garcia-Roza, Mezan e Birman em *Psicanálise e Universidade* (1994). Apoiados nos textos de Freud, e na longa trajetória da psicanálise na França, com Laplanche e suas “ciências humanas clínicas” fundada na Universidade de Paris VII, estes autores vão pensar os estatutos da pesquisa em psicanálise. A partir de textos como *O interesse científico da psicanálise* (1913 [2006]) e *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades* (1918 [2006]). Textos que vão desdobrar problematizações que mais tarde apareceram em *A questão da análise leiga* (1926 [2006]). Os autores indicam que as preocupações deixadas nesses escritos são muitas, e que elas demonstram de forma bem elucidativa o que Freud pensava da psicanálise como produção de conhecimento e pesquisa.

Se, por exemplo, a partir das análises do livro *Moqueca de maridos*, se podem visualizar os componentes do simbolismo mitológico da sexualidade repercutindo na cultura, e a partir da pornografia podemos visualizar a erótica da massa e o que ela deseja como objeto de consumo na pornografia. Assumimos que essas ferramentas (as narrativas erótico-pornográficas) podem ajudar a psicanálise em nos dizer os caminhos que a sexualidade encontra para expressar-se, e demonstre as possíveis variadas formas de caminhos da pulsão, onde ela procura “soluções” para satisfazer-se.

Portanto, escolhemos como primeiro caminho, demonstrar às formas em que o discurso da sexualidade é posto no ocidente, para após, pensarmos como a psicanálise se apropria desses “discursos” (como os vários saberes do séc. XX vão se apropriar) e cria, portanto, seu próprio discurso sobre esses fenômenos de expressão da sexualidade. Aceitando que a psicanálise é mais um discurso sobre esses fenômenos, podemos a partir dos textos freudianos e de alguns pós-freudianos, pensar o fenômeno da pornografia como tendo um engendramento próprio dentro da circulação pulsional do social, que nos permite pensar na hipotética assertiva que as pornografias demonstrem e confirmem o polimorfismo da sexualidade humana e sua intrínseca abrangência.

Espero poder nessa pesquisa de cunho teórico bibliográfico desnudar alguns mitos sobre a pornografia e sua suposta maleficência para a cultura e as pessoas em

geral, demonstrando que ela é mais uma forma de expressão humana, e que, portanto, serve também, para demonstrar os conflitos e contradições do próprio homem.

Para isso propomos pensar no próximo capítulo as formas de representação da sexualidade dentro da história da cultura ocidental, como investigada por Michel Foucault (1999 [1976]) e seus paralelos com a pornografia enquanto discurso moderno da sexualidade.

## CAPÍTULO I

### 1 PORNOGRAFIA COMO DISCURSO

A partir das discussões empreendidas na introdução, sobre a pornografia, neste capítulo procurarei trabalhar a relação entre a concepção crítica da hipótese repressiva expostas no *Historia da sexualidade I* (Foucault, 1999 [1976]) e em *O Ocidente e a verdade do sexo* ([1976], 1994) e a pornografia virtual, para depois traçarmos um esboço da relação entre pornografia e erotismo, e trabalharmos, com ajuda de autores brasileiros, as dificuldades encontradas nessa diferenciação. Trataremos a pornografia como uma das formas em se fazer falar o sexo de maneira incessante na modernidade, compreendendo-a como um discurso produtivo engendrado estrategicamente entre os muitos discursos sobre a sexualidade na contemporaneidade.

A pornografia tentaria promover um “conhecimento do prazer”, a maneira em que Foucault ([1976], 1994) interpreta o anônimo escritor britânico do séc. XIX autor de *My secret life*<sup>12</sup> (1888), criando uma narrativa consagrada às essências do prazer sexual, seu livro não é cheio de minúcias retóricas e pompas literárias, ele apenas se coloca o dever de dizer tudo o que se passa com as intensidades e com as qualidades do prazer sexual obtido pelos seus personagens.

Ora, esta maneira a pornografia virtual desdobra-se em escala parecida: as atuais mídias modernas como a internet proporcionam uma produção variada de vídeos pornográficos e todos parecem assemelhar-se com a obra deste escritor britânico anônimo.

A pornografia buscaria as variadas formas e possibilidades de se obter prazer, as posições, as luzes, os áudios, encenações, narrativas, corpos, tudo na produção da pornografia virtual é pensado para explorar ao máximo uma busca de tudo se mostrar, não esconder ou velar coisa alguma, apenas dedicar-se o máximo possível a esse “puro dever”, ao qual Foucault ([1976], 1994 p. 24) diz ser enigmática, pois é preciso tudo dizer.

Nesse momento de sua obra, Foucault ([1976] 1994) diferencia dois modelos historicamente identificáveis pela tradição da prática dos discursos da sexualidade no

---

<sup>12</sup> Livro de memórias de um escritor anônimo da época vitoriana cujo conteúdo é o relato obsessivo das experiências sexuais do personagem.

orientes e no ocidente, a *scientia sexualis* e *ars erótica*<sup>13</sup>. A *Scientia sexualis* se desenvolve no ocidente (associada à cultura europeia), com a premissa da necessidade de esclarecimento científico como argumento principal, aliado a uma necessidade de arrancar a confissão sobre a verdade do sexo, em contraponto a *ars erótica* tradicionalmente não ocidental, a qual visa o acúmulo de experiências e ensinamentos sobre o prazer do sexo, Foucault ([1976], 1994) sobre a *ars erótica* nos diz que:

A verdade é aí extraída do prazer mesmo, recolhido como experiência, analisado segundo sua qualidade, seguindo ao largo de suas reverberações no corpo e na alma e esse saber quintessenciado é, sob o selo do segredo, transmitido por iniciação magistral para aqueles que se mostraram dignos e que souberam fazer uso ao nível mesmo do seu prazer, para intensificá-lo e torná-lo mais agudo e mais acabado (p. 26).

Entretanto:

(..) a civilização ocidental, em todo caso, há séculos, quase nada conheceu da arte erótica; ela amarrou as relações de poder, do prazer e da verdade, sobre outra forma: uma ciência do sexo (p. 26).

A partir disso poderia-se pensar em uma *erótica da verdade* no modelo em que Foucault pensa a nova libertinagem inaugurada no séc. XVIII desde Sade à Rétif, como paradigma dessa tentativa de uma pesquisa obstinada de certa verdade do prazer ao qual a pornografia hoje em dia nos parece? Sem dúvida podemos ao menos dizer que a pornografia na internet demonstra uma preocupação constante com um discurso da verdade sobre o prazer sexual.

Foucault instituiu uma longa discussão na *História da sexualidade I* ([1976], 1999) sobre a chamada hipótese repressiva, sugerindo a concepção de poder que se tornou célebre, sendo intencional e não subjetiva, tornando-se incitadora e produtiva e não efeito de um silenciamento geral e irrestrito.

A ideia de Foucault ([1976], 1999) de uma contra hipótese repressiva, onde a sexualidade não seria dirigida a uma coerção, mas sim pela incitação constante em se fazer falar o sexo, por um engendramento estratégico do poder que visa não à proibição, mas a criação particular de vários usos do prazer me parece imprescindível para compreendermos o fenômeno da pornografia virtual.

---

<sup>13</sup> Mais tarde em sua obra Foucault vai rever essa posição, pensando nas relações dos gregos como uma forma de *ars erótica* no ocidente, ideia onde ele expõe principalmente na *História da Sexualidade II "o uso dos prazeres"* (2010 [1984]), no penúltimo capítulo intitulado "*Erótica*".

Foucault ([1976], 1999) oferece uma maneira de conceituarmos o poder e o prazer nos discursos sobre a sexualidade. Se hoje falamos incessantemente sobre o sexo, a pornografia não deixaria de ser incluída como uma forma em que o poder encoraja os corpos e seus prazeres.

Para Linda Williams (1999) a ideia clássica de Foucault da contra hipótese repressiva é uma maneira mais refinada de entender a construção histórica da sexualidade e suas discontinuidades, percebendo que as construções culturais da sexualidade nas diversas áreas não são tão radicais quanto elas parecem. A ideia que os prazeres dos corpos são temas construídos historicamente e em constante mudança é crucial, especialmente a de que os prazeres dos corpos não existem imutavelmente em oposição ao controle do poder repressivo, mas ao contrário, configuraria o prazer como produtor de um poder de particular uso.

Para isso, Foucault argumenta tanto na “*História da Sexualidade*” ([1976], 1993) como em “*O Ocidente e a verdade do sexo*” ([1976], 1994) que “mais que uma sociedade dedicada à repressão do sexo, eu veria a nossa dedicada à sua expressão” ([1976], 1994 p. 26), que os ocultamentos não devem ser subestimados, mas que eles nos contam uma vontade de saber que atravessa toda nossa relação com o sexo, “eu veria o Ocidente obstinado em extrair a verdade do sexo” ([1976], 1994 p. 26). De Gerson à Freud toda uma lógica é edificada para Foucault e organiza a ciência do sujeito

Nós nos imaginamos de bom grado como pertencentes de um regime “vitoriano”. Parece-me que nosso reinado é mais aquele imaginado por Diderot em *Os beijos indiscretos*, certo mecanismo uma pena invisível, faz falar o sexo em uma tagarelice quase interminável. Estamos em uma sociedade do sexo que fala. (Foucault, [1976], 1994, p. 26)

Não que Foucault desconsidere o papel das proibições e o cuidado constante que se teve com o sexo desde o séc. XIX. Ele considera que as proibições tiveram papéis decisivos, mas que elas são armadilhas no interior de uma estratégia de poder complexa e positiva. Portanto, Foucault termina seu texto *O Ocidente e a verdade do sexo* ([1976], 1994) necessitando em contra ponto a uma história da sexualidade, esboçar uma analítica do poder, marcando a transição da problematização epistemológica na obra de Foucault, ao privilégio que o tema do poder assumirá gradativamente, como nos estudos sobre a sexualidade.

O que caracteriza a função *Scientia sexualis* no ocidente, é a formação de procedimentos de incitação ao discurso a partir de práticas saber-poder, como exemplo,

as técnicas de confissão são um dos caminhos usados na incitação e extração de uma verdade do sexo<sup>14</sup>.

Foucault ([1976], 1999) nos alerta que somos bastante desarmados para compreender os efeitos positivos do poder, e diz necessitar escrever uma história da sexualidade não na compreensão do “poder-censura”, mas pela ideia de “poder-incitação”, “poder-saber”, desprender a sexualidade do regime da coerção e percebê-la por um regime incitação.

É nesse cenário que nos interessa destacar a obra mencionada por Foucault, *Les Bijoux Indiscrets* (DIDEROT, 1778), pois ela esboça elementos para compreendermos a forma paradigmática em que a pornografia utiliza os mecanismos da sexualidade na época moderna, em relação a incessante busca de tudo dizer sobre o sexo.

Nesta obra Diderot concede ao sultão Mangoggul a partir do anel fornecido pelo gênio Cucufa a possibilidade de tudo escutar com total franqueza das aventuras sexuais das mulheres da corte. O gênio concede o anel de prata a Mangoggul que assim que coloca-lo no dedo e aponta-lo para qualquer mulher, elas logo lhe falarão alto e claramente seus casos e aventuras sexuais.

Mas diz o gênio, “não espere que elas lhe falem pelas suas bocas”.

“Então por Deus, por onde mais elas podem falar?” pergunta o sultão.

“Pela parte que é mais francas nelas, e a que mais sabe sobre as coisas que você quer saber”, disse o gênio Cucufa, “Pelas suas joias”.

A brincadeira com a palavra joia e os genitais femininos é evidente, é por seus genitais que as mulheres da corte vão fazer falar seu sexo, essa elegante fábula de Diderot pra fazer o “sexo” falar, esse *Le sexe qui parle* faz parte do que aquilo que Foucault em *história da sexualidade* chamou da compulsão moderna de falar incessantemente sobre sexo. Dentre seus emblemas diz Foucault “nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente” ([1976], 1999 p. 75).

Segundo Linda Williams (1999) essa compulsão de se fazer falar o sexo é a coisa mais importante em observar-se no fenômeno da pornografia *hardcore*. Esse sexo que fala por sua parte mais “verdadeira” é semelhante àquilo que se faz falar nos vídeos

---

<sup>14</sup> Pois a confissão teria lugar fundamental nos rituais ocidentais de produção da verdade. “É na confissão que se ligam a verdade e o sexo, através da expressão obrigatória e exaustiva de um segredo individual” ([1976], 1999 pg. 61). A psicanálise teria contribuído para essa eficácia dos dispositivos de confissão e normalização da vida em práticas relativas à sexualidade na visão de Foucault, durante o percurso da *Vontade de saber*.

hardcore pornográficos, eles falam também por sua parte mais verdadeira, pelas elocuições de seus corpos e de seus genitais, de suas posições e encenações, por uma forma mais direta, por um gráfico de vídeo proporcionado pela tela do monitor. Pensando neste modelo, a psicanálise também não faria falar o sexual?

Como próprio Foucault alerta:

Vivemos todos, há muitos anos, no reino do príncipe Mangoggul: presa de uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis a ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discricção ([1976], 1999, p. 75).

Nossa hipótese é que o equivalente moderno desse anel mágico do sultão Mongoggul que permite satisfazer diretamente nossa curiosidade sobre o sexo, essa mágica do gênio Cucufa que faz o sexo falar, aparece na mágica proporcionada primeiramente pelo movimento das imagens nas pinturas, desenhos, revistas, etc.. Para depois ser incorporado atualmente nos modelos dos vídeos digitais.

A pornografia permite satisfazer diretamente nossa curiosidade em ver e olhar o ato sexual em si mesmo a partir do ato voyerista invisível que a internet proporciona. Não mais apenas “escutar” como fazia o sultão, agora se trata de olhar incessantemente as verdades que o jogo dos corpos embaraçados fazem-se encenar na pornografia. Evocando nossa curiosidade insaciável pela sexualidade.

Foucault ([1976] 1999) faz do sexo um objeto histórico gerado pelo dispositivo da sexualidade. Preocupou-se em analisar o que aconteceu no Ocidente que faz com que a questão da verdade tenha sido colocada em relação ao prazer sexual. Abordando a sexualidade no âmbito do discurso. Esse enfoque foi o grande mérito do autor, pois mostra a sexualidade em um prisma nunca feito até então. Um discurso é uma forma de descrever algo ao mesmo tempo em que se constrói o que esse algo é. Este exame da pornografia revelou que o hardcore nada mais é do que uma forma de falar sobre e construir as verdades especulativas sobre o sexo, a partir da imagem em movimento. O sexo é o campo de ficção suprema da pornografia, além de sua matéria prima.

Segundo Foucault ([1976], 1999), a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas. O foco principal do autor são os efeitos do poder e a produção de “verdade”. Para ele, a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de

resistência. Há sempre a possibilidade de modificar uma dominação sobre determinadas condições e conforme uma estratégia adequada.

Um exemplo seria a masturbação, que se desdobrou desde o iluminismo pelas ciências médicas em grandes enxurradas de documentos científicos para provar sua maleficência para o corpo e a mente, como intuito de dizer que a masturbação pode produzir prejuízos à vida da pessoa. Ora, é a própria ciência médica usando seu saber-poder para legitimar as gestões sobre as sexualidades.

É nesse sentido que Foucault dá ênfase, em seus estudos, aos procedimentos de produção de verdade em relação ao tema da sexualidade. Ao mesmo tempo, apresenta a sua concepção da formação dos saberes Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria. Segundo Foucault:

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e de falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade. Deve-se, portanto, considerar, não o limiar de uma nova racionalidade, que a descoberta de Freud ou de outro tenha marcado, mas a formação progressiva (e também as transformações) desse ‘jogo da verdade e do sexo’ que o século XIX nos legou, e do qual nada prova, mesmo que o tenhamos modificado estarmos liberados (Foucault, [1976], 1999, p. 56).

Na contemporaneidade, as discussões empreendidas por Michel Foucault podem nos auxiliar na compreensão do apelo que vem sendo feito ao campo da Psicologia no sentido de uma participação efetiva na gestão das sexualidades, na decifração das experiências sexuais e na intervenção sobre questões concernentes à sexualidade, esses saberes são convocados a darem seu parecer sobre a “sexualidade”. Psicologia e Psicanálise são procedimentos que abrigam e decifram desejos e práticas. Foucault sugere uma importante relação entre a formação do dispositivo de sexualidade e a história desses saberes.

Para Derrida (1994) Foucault vai considerar em “*A vontade de saber*”, a psicanálise como um saber que visa às práticas disciplinares sobre os corpos e as subjetividades, mantendo-se presa a figuras do pensamento clássico, o pai, o juiz, a família, a lei, a ordem, enfim, ao poder soberano, ligada às técnicas de confissão e a pastoral da carne. Confiando todos os poderes na palavra do médico, acabando por introduzir o paciente em uma relação de poder, que só se sustenta em uma mistificação do analista como detentor do segredo e da verdade do paciente. Porém Derrida (1994) aponta que Foucault vai também considerar Freud um inovador ao romper com a

maneira clássica de se lidar com a loucura, e proporcionou a oportunidade de compreender mecanismos de produções de sentido.

Ora, é de certo que as críticas de Foucault à psicanálise em sua obra são maiores do que seus elogios. Mas será que a partir de Foucault, não podemos pensar em certos movimentos psicanalíticos na cultura como também uma forma de engendramento positivo da sexualidade? A pornografia, desta maneira, não poderia ser uma solução positiva para que as pulsões parciais e o polimorfismo sexual humano não sejam negados ou silenciados? Não tentaremos apoiar a psicanálise no discurso foucaultiano, que por muitas vezes, questionou as intenções da psicanálise como ferramenta disciplinar. Mas gostaríamos que a psicanálise absorvesse as críticas, pra poder assim demonstrar as ferramentas de positividade que a sexualidade pode criar, produzindo outras formas de sentido.

Como exemplo, é a própria psicanálise, a partir de Freud, que pôde romper com visão clássica pós-iluminista da masturbação como prejudicial à saúde, ao demonstrar que a masturbação é uma atividade universal da sexualidade infantil ([1905] [2006]), e a defendendo como um procedimento legítimo “podendo tornar inofensivas graves inclinações perversas e prevenindo as piores consequências da abstinência” (FREUD, 1912 [2006], p. 270). O próprio Freud explica também parte da guerra contra o “onanismo” no *Moral sexual cultural* (1908 [2006]) advertindo que grande parte das atividades auto eróticas masturbatórias na infância sofrem perseguições e admoestações por parte dos adultos, levando a criança ao medo e uma relação de culpa diante das atividades masturbatórias. Aqui também podemos desprender certa perseguição que a pornografia sofre em nossa cultura como incentivadora das atividades masturbatórias auto eróticas, relembremos as perseguições ao “sexo solitário” dos romances na época do iluminismo.

É assim que para a psicanálise, pensamos que talvez a pornografia possa funcionar como uma solução produtiva que engendre uma nova forma de representação dos corpos e dos prazeres. Nesse sentido, a psicanálise mostra que a pornografia, assim como para Foucault, é uma produção que reflete a necessidade de fazer o sexo falar.

### **1.1 – Erotismo e Pornografia**

Seguindo o pensamento de Foucault ([1976] 1993), analisaremos a relação que é regularmente contraposta à pornografia, o erotismo. A valorização do erotismo permite

a muitos condenarem a pornografia, julgada como sem valor. Contudo, cada um desses dois conceitos se legitima por meio de uma rejeição do outro, o erótico que demonstra sua superioridade por conta da capacidade de não ser pornográfico, enquanto o pornográfico se situa como um discurso de verdade que recusa hipocritamente “tapar o sol com a peneira”, que não pretende esconder nada. Dessa forma, o erotismo é percebido de maneira ambivalente, às vezes como uma forma de pornografia envergonhada, que não revela seu nome, outras como aquilo que a própria pornografia não conseguiria se transformar.

Acredita-se que o único sentido da pornografia é a estimulação sexual e que ela está completamente desprovida de qualquer intenção artística ou científica. Ou seja, pretende apenas reproduzir explicitamente o sexo de forma concreta e hiper-realista.

Como já o dissemos, a palavra pornografia provém do grego *pornographos*, que significa literalmente “escrito sobre a prostituição”, assim, em seu sentido original a palavra refere-se à descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e de seus clientes. Moraes (2003) nos diz que o termo pornografia, “perdeu seu sentido técnico, aplicado aos escritores especialistas” que falavam sobre prostituição. Isso se deveu à passagem da referência da cortesã à “impureza dos seus hábitos”, num caminho paralelo ao processo de civilização e transformação das práticas de controle sobre o corpo, quer pela via jurídica, quer sanitária, que mudam o enfoque da disciplina e da punição na virada dos séculos XVIII e XIX. Talvez por isso tenha chegado a significar, como a definem os dicionários atuais, a expressão ou sugestão de temas obscenos na arte. Assim como a palavra obscena pode iluminar a nossa definição de pornografia, a palavra obscena é uma corruptela ou modificação do vocábulo *scena* e que seu significado literal seria “fora de cena”, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde. De outro lado, obsceno é 1. O que fere o pudor; impuro; desonesto 2. Diz-se de quem profere ou escreve obscenidades (MORAES e LAPEIZ, 1984).

A autora brasileira Eliane Robert Moraes em seu artigo “*O efeito obsceno*” (2003) caracteriza o período em que a tradição pornográfica se inaugurou na Europa, a partir do renascimento proporcionado pela difusão de imagens e palavras que feriam o pudor, fazendo da representação explícita do sexo sua pedra de toque. A autora nos indica que este é o argumento principal da coletânea de ensaios “*A invenção da pornografia - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*” (1999) organizada por Lynn Hunt, que investiga a emergência de uma cultura erótica no

interior da história moderna. Para os autores da coletânea, o ponto de partida dessa tradição foi dado pela nova tecnologia de impressão do século XVI que fez circular reproduções baratas criando um próspero mercado para o obscuro. Mas a popularização do material licencioso dificilmente teria se consolidado não fosse também o aparecimento de novas formas de representação da atividade sexual que, pautadas pela intenção realista, implicavam uma transgressão deliberada da moral (2003, p. 124).

Por outro lado, o erotismo é encarado como a procura do prazer pelo belo, sai dos limites da sexualidade centrada nos órgãos genitais e confere a essa sexualidade uma noção mais subjetiva. Inclui todas as emoções e tensões que poderão surgir vindos de canais aparentemente estranhos à esfera sexual como, por exemplo, um livro, um som, uma obra de arte. Esta palavra surgiu no século XIX, a partir do adjetivo erótico, este derivado do grego Eros, Deus do desejo sexual no sentido mais amplo, amor enfermo, paixão sexual insistente, busca excessiva da sensualidade, são algumas definições feitas pelos dicionários sobre o erotismo (2003, pg. 124).

Mais “puro e duro”, a pornografia é algo que estabelece limites, pois mostra o concreto. O erótico tende a estimular a curiosidade e o interesse ao mostrar apenas parte, deixando o resto à imaginação. *A pornografia é o erotismo dos outros* (MORAES e LAPEIZ, 1984).

Por trás desses esquemas que situam o erotismo no alto e a pornografia na parte inferior da mesma escala, há o pressuposto de que o sujeito não é confrontado com uma heterogeneidade irreduzível da relação que ele mantém com a sexualidade e que ele pode dominá-la e unificá-la definindo alguma dialética ascendente na qual o erótico constituiria a etapa intermediária entre a pornografia e o amor verdadeiro (MAINGUENEAU, 2010).

Segundo Maingueneau (2010), a partir de tal constatação, passa-se facilmente à ruptura, visto que o erotismo é um modo de representação da sexualidade compatível, dentro de certos limites, com os valores reivindicados pela sociedade e dado que ele constitui uma espécie de solução de compromisso entre a repressão das pulsões imposta pelo vínculo social (e a moral sexual) e sua livre expressão. Esse já não é o caso da pornografia, que não mascara suas tendências sexuais agressivas. A desvalorização do pornográfico em proveito do erótico recebe, então, uma acolhida mais que favorável. Mas quando analisamos seus respectivos funcionamentos, vemos que vale mais considerar cada qual em sua ordem própria, em vez de enxergar em um uma grosseira degradação do outro. Em toda sociedade vemos que coexistem práticas de tipo

pornográfico e de tipo erótico e devemos evitar medir umas pelas outras. O texto erótico é sempre tomado pela tentação do esteticismo, tentado a transformar a sugestão sexual em contemplação das formas puras. Considerar erotismo e pornografia ambos em sua ordem é também levar em consideração que cada um possui critérios de qualidade específicos.

A sua definição tem privilegiado o reforço de categorias reguladoras da ordem estética e moral, a coisa pornográfica é socialmente construída sobre uma arquitetura de contradições: ela é o referente máximo da "cultura do lixo", "comercial" e "ofensiva", por oposição à cultura "erudita", do "bom gosto" e da "normalidade". Dito de outro modo, o termo "pornográfico/a" tem vindo a ser claramente extrapolado como tropo de todos os discursos sobre a perversão nas sociedades contemporâneas. À medida que a pornografia ascendeu, a partir dos anos noventa, a categoria independente da cultura midiática, as suas implícitas definições tenderam mais a produzir do que a descobrir os sentidos dos seus textos (visuais e literários), dizendo mais sobre os medos relativos à corrupção da susceptibilidade pública e menos sobre os seus conteúdos propriamente ditos (PINTO, NOGUEIRA, OLIVEIRA, 2010). Neste esquema socialmente internalizado, as construções dominantes do "gosto" exercem um significativo poder regulador, essencial na preservação da ordem estética dos mercados capitalistas globalizados, funcionando como referente discursivo das distinções entre formas "maiores" e "menores" de cultura. Segundo Eliane Moraes:

Por certo, a dificuldade de se estabelecer as diferenças entre o que seria "erótico" ou "pornográfico" reafirmado pelos historiadores, que preferem empregar os dois termos indistintamente também decorre da mesma indeterminação formal que impede o reconhecimento de um gênero literário (2003, p. 129).

Pois todas as ferramentas de registro já criadas pelo homem são dedicadas, em algum momento, ao registro da relação sexual. Seja na literatura, pintura, escultura, cinema, as formas artísticas ou na documentação científica, o pornô é um constante objeto de investigação humana.

Se considerarmos o fato de que a representação humana mais antiga datada pelos arqueólogos (a Vênus de Hohle Fels) é uma estatueta de marfim que abre mão de um rosto ou mesmo uma cabeça em favor de detalhes minuciosos nos peitos e ventre, poderemos ter uma noção do quão espontâneo é a necessidade do registrador de se debruçar sobre os elementos pornográficos da vida humana. Se, por outro lado, não se pode dizer por certo que a forma do corpo da Vênus foi assim feita deliberadamente

como representação pornográfica (ela nos indica também o tema da fertilidade, por exemplo), as interpretações que os arqueólogos deram a tais detalhes de ventre e busto certamente apontam para esta mesma necessidade espontânea (ou seja, se não é uma pornografia *a priori*, é *a posteriori*, por causa da interpretação dos arqueólogos). Porém, ainda não podemos dizer que ela seria pornográfica para seus criadores.

Vejamos, para ilustrar este argumento, o título do artigo de Mark Henderson publicado na revista *Times* britânica (2009): "Figura pré-histórica feminina é a obra de arte erótica mais antiga já descoberta"; neste artigo, Henderson reproduz a declaração que Paul Mellars, do instituto de arqueologia de Cambridge, fez à revista *Nature*: "A figura é explicitamente - e descaradamente - a de uma mulher, com exageradas características sexuais, grandes seios protuberantes, uma vulva aumentada e explícita, com a barriga e as coxas inchadas, que pelos padrões do século XXI poderiam ser vistas como beirando o pornográfico".

Por isso, nesse sentido a pornografia e a obscenidade seriam fundamentalmente um "efeito". Daí a dificuldade de delimitá-la neste ou naquele livro, nesta ou naquela convenção literária, o que seria confirmado não só pela diversidade de obras consideradas pornográficas em tal ou qual época, mas ainda pelas divergências individuais acerca do que seria efetivamente imoral (MORAES, 2003).

A pornografia depende dos sujeitos que a rotulem como tal, podemos falar de "pornografias", pois não há apenas uma pornografia que agrade todos, mas sim a existência de várias pornografias individuais, que quando colocadas em público, vão ser comungadas em maior ou menor número.

Por esse motivo a pornografia virtual é um modelo de difícil limitação, pois é composto de um material extremamente diversificado, na internet cada pessoa é um produtor pornográfico em potencial, que assistimos então, de maneira sobre determinada, são as muitas formas em que a busca pelo prazer (tanto quanto pela verdade do sexo) é dita e redita por seus produtores e espectadores do mundo "virtual".

Se a pornografia é um "efeito" que visa ser comungada em maior ou menor número, o que a psicanálise pode nos dizer sobre aqueles produtores e atores de pornografia, que ao produzir um vídeo ou um filme, conseguem atender a demanda por excitação de milhões de pessoas ao redor do globo? Essa é uma das principais questões que Robert Stoller se coloca em relação à pornografia, como veremos no capítulo a seguinte.

## CAPÍTULO II

### 2 ROBERT STOLLER E A PORNOGRAFIA

Robert Stoller (1924-1991) foi um psicanalista norte-americano que trabalhou na faculdade de medicina da Califórnia, morreu precocemente em um acidente de carro em 1991. Realizou estudos pioneiros sobre identidade e gênero, tornando-se um especialista nas identidades de gêneros<sup>15</sup>, transexualidades, travestismos, fetichismos, masoquismo, sadismo e de forma geral sobre a perversão e a dinâmica da vida erótica.

Seu pioneirismo e a forma com que abordava as temáticas pelo prisma psicanalítico (sempre com uma linguagem sucinta e clara), o conferem um lugar a parte dentro dos estudiosos da sexualidade. Não é à toa que a famosa psicanalista Joyce McDougall (1920-2011) dedica seu último livro *As múltiplas faces de eros* (1997) ao seu colega e amigo Robert Stoller. Sua leitura da perversão e sua teoria sobre a vida erótica tem importância fundamental a qualquer interessado no tema da sexualidade dentro da psicanálise.

Seu método de pesquisa e escrita, entretanto, não coincide com a maioria dos psicanalistas, ele era avesso aos jargões psicanalíticos e a retórica que se usa como forma de “autoridade” diante do leitor, “não consigo engolir jargão e retórica psicanalíticos, portanto não os usos” ([1985] 1998 p. 9). Stoller procura sempre o tom mais convencional<sup>16</sup>, apesar de ciente da dificuldade de se escrever uma frase “simples e clara”. Nesse sentido as *problemáticas* epistemológicas dentro dos seus livros carregam sempre a atenção especial do autor. Em alguns dos seus escritos, como *Porn* (1991), ele parece ser um misto de antropólogo-psicanalista. Usando o método etnográfico, vai registrando tudo que observa de fantasias, pensamentos e sentimentos daqueles que estão envolvidos na criação da pornografia, sendo assim, seu método pode ser considerado peculiar se comparado à maioria dos psicanalistas.

---

<sup>15</sup> Em *Sex and Gender*, Stoller é da opinião que a identidade de gênero, diferentemente do sexo, é em sua maior parte aprendida. A identidade de gênero diz respeito a um estado psicológico, nomeado como masculinidade e feminilidade. A masculinidade ou a feminilidade é uma soma de convicções, da qualidade de ser de um sexo ou do outro e da atitude dos pais na infância. Sexo e gênero não estão necessariamente relacionados (MAYA, 2007).

<sup>16</sup> Em *Pain and Passion* (1991, pg. 4) Stoller diz que nem todos são inimigos da psicanálise por não compartilharem com frases do tipo: “Narcisismo é o investimento da energia libidinal catexada na representação do eu, enquanto o masoquismo e a fusão da agressividade com a energia libidinal direcionada a representação do eu”. No original “A typical quote filled with undefinable words and concepts is Narcissism is the investment of the self-representation with libidinal cathexis, while in masochism a fusion of aggressive and libidinal energies is directed against the self-representation”.

Stoller (1991) tinha a crença que os produtores e atores da indústria pornográfica tinham compreensão intuitiva da dinâmica da vida erótica da sua audiência e achou interessante entrevistar as pessoas envolvidas na criação da pornografia, pois vinha desenvolvendo suas teorias sobre a dinâmica da vida erótica advindas de sua clínica há mais de 30 anos, e achava que sua clínica não representava tão bem a universalização de suas concepções, como a fantasia da massa em relação à pornografia, (1991 p. VII).

Pensaremos então no livro *Porn, mitos para o século vinte* (1991) e sua relação com *Observando à imaginação erótica* ([1985] 1998), associação que é uma pista direta do próprio autor, pois Stoller logo no prefácio do livro *Porn* avisa o motivo principal para sua etnografia urbana<sup>17</sup>, que tem a intenção de realizar. Ela poderia servir como complementação teórica para dinâmica da excitação erótica, que trabalhou em 1985<sup>18</sup>.

Stoller tinha interesses bem específicos na investigação da pornografia. Estudava pornografia, pois a considerava um fenômeno fértil para exploração do tema da excitação sexual, a seu ver a pornografia tinha como objetivo deliberado provocar “excitação” nos seus espectadores, para isso as pessoas envolvidas na produção de um filme pornográfico devem “captar” a erótica da massa para melhor representa-la, com o objetivo de maximizar a excitação da plateia. Ora, é nesse sentido que Stoller procura saber e investigar a vida dos produtores e atores de pornografia, quais “segredos” tais sujeitos tinham que os tornavam capazes de provocar a excitação em milhões de pessoas ao redor do globo.

Eram problematizações que o interessavam e enriqueciam consideravelmente seu trabalho sobre excitação erótica. Nessa relação pioneira empreendida por Stoller

---

<sup>17</sup> O autor avisa não ser um etnógrafo, e sua pesquisa pode de fato não ser uma etnografia, porém ele brinca com etnografia ao mesmo tempo em que não precisa pagar com o rigor das responsabilidades metodológicas que essa disciplina requer. Acaba parecendo um pouco contraditório já que o rigor metodológico que ele se impõe reflete, por exemplo, em todo o primeiro capítulo do seu livro, onde é dedicada uma longa explicação para seu “*tipo de etnografia*” (kind of ethnography) (1991, p. 3). Stoller pretende estreitar os laços entre a etnografia e a psicanálise, com a intenção de fortificar o método etnográfico, por motivos referentes às habilidades treinadas e adquiridas pelos analistas, as quais ele enumera em seu prefácio. No original: “It may not really be ethnography; certainly I am not an ethnographer. But I have fun playing at it and trying to change the dimensions of ethnography without having to pay that discipline’s price”.

<sup>18</sup> Ele nos diz textualmente no começo do livro: “Você tem em suas mãos um fragmento em andamento de uma etnografia urbana em uma aventura com a pornografia. Isso e por si mesmo uma parte maior de um largo estudo das origens e da dinâmica da excitação erótica, que por 30 anos está sem um plano. O primeiro propósito desse livro é complementar a teoria da excitação erótica”. No original: “You have in your hands a fragment from an ongoing piece of urban ethnography, an adventure with pornography. It is in itself a piece of a larger study on the origins and dynamics of erotic excitement that, though proceeding for thirty years, has been without conscious plan. The first purpose of this book, the, is to contemplate further a theory of erotic excitement”.

entre psicanálise e pornografia, a última servia como ferramenta às descobertas da primeira. Ele foi capaz de fazer uma leitura atualizada da pornografia de sua época e interpretá-la de uma maneira psicanaliticamente “própria”, já que seu método era um pouco peculiar aos demais psicanalistas de sua época. É visto que suas principais contribuições teóricas como a da “erótica do ódio” avançou consideravelmente depois da introdução da investigação etnográfica na pornografia, seus atuais exemplos faziam mais ressonâncias com sua teoria e ambas funcionavam correlativamente em sentido de complementação, pois Stoller era um clínico *sui generis* (um psicanalista que levou a escuta clínica para o método etnográfico) e não recuava a partir das descobertas que realizava e muita vezes por esse motivo foi avesso ao *Standard* modelo psicanalítico de sua época.

Stoller é lembrado como o autor que vinculou perversão (para ele, a perversão é um composto de todo ser humano) com a erótica do ódio, esta concepção se encontra em dois livros já traduzidos no Brasil *Observando a imaginação erótica* ([1985] 1998) e *Perversão, a forma erótica do ódio* ([1975] 2014).

Para Stoller, assim como para Freud nos *Três ensaios* (1905), a perversão é uma condição presente na vida psíquica de todos os seres humanos. Para ele toda “normalidade” tem que ser explicada assim como toda “perversão”. A “heterossexualidade” ou a vida sexual dita “normal”<sup>19</sup> necessita ser explicada, vista em conta que ela não seja um dado natural em si mesma, porém seriam aquisições derivadas das contingências construídas na vida erótica, nesse sentido, todo devaneio ou fantasia erótica, seriam pequenas perversões não colocadas em ato. O que leva Stoller a se perguntar se existe uma diferença entre a pessoa que realiza uma perversão e outra que necessita fantasia-la (através do devaneio ou da pornografia), ele responde:

A descoberta dessas dinâmicas numa pessoa não nos permite prever quando a dinâmica vai conduzi-la além da fantasia e à ação. Estes são julgamentos que a teoria não pode fazer; eles só podem ser mensurados na situação clínica (onde, como sabemos, temos poucas formas apuradas de mensuração): quando o alaranjado fica vermelho? ([1985] 1998 p. 21)

---

<sup>19</sup> Em sua opinião, a palavra perversão serve para que as pessoas ditas “normais” projetem sobre outros suas próprias tendências perversas, elegendo bodes expiatórios. Stoller (1991) deseja mostrar que todos, mesmos os analistas, tem preconceitos moralistas contra as patologias onde as sintomatologias se expressam em nível do comportamento sexual, tendendo a denegri-las projetivamente, coisa que não acontece com as demais patologias. Como o sexual está permanentemente sobre censura, tudo que a ele se relaciona passa a ser objeto do mesmo mecanismo repressivo. O mesmo não acontece com sintomas que atingem outras áreas do comportamento humano. Vários sintomas como as neuroses de caráter, podem ter repercussões tão mais danosas ou prejudiciais para sociedade comparada a uma manifestação da perversão.

Ele concebe a perversão como um “desvio<sup>20</sup> habitual preferido, necessária à plena satisfação” ([1985] 1998 p. 21). “Em outras palavras, a perversão é uma neurose erótica” (p. 20). Ela é uma resposta a uma tentativa de curar os efeitos de traumas, frustrações, conflitos e outras condições dolorosas com as quais a pessoas não pode lidar sem mudar seu desenvolvimento, a manifestação visível da cura é o enredo da história da perversão (na prática uma fantasia atuada). A perversão seria uma estrutura defensiva que visa como finalidade preservar o prazer erótico. Ou seja, que a montagem da cena perversa não visa à castração, mas à manutenção da identidade sexual ameaçada. O desfecho da situação familiar-edípica a seu ver não se diluía pelo recalçamento, mas sim pela sua evitação, prorrogando indefinidamente seu desfecho.

Os maiores traumas e frustrações da primeira infância são reproduzidos nas fantasias e comportamentos que animam o erotismo adulto, sendo que desta vez a história tem um final feliz. Desta vez, ganhamos. Em outras palavras, o comportamento erótico adulto contém o trauma primitivo. Os dois se complementam: os detalhes do ‘script’ adulto contam o que aconteceu com a criança. Nós, analistas, somos então detetives tentando rastrear os eventos originais<sup>21</sup> (1991, pg. 25). (Tradução minha)

Flávio Ferraz (2002) vê nesse conceito certa familiaridade com o conceito de recusa (*Verleugnung*) em Freud, Ferraz considera que Stoller leva extremamente a sério o Freud não organicista, que colocava na conta das experiências toda forma de sexualidade, sendo essa uma construção baseada na história das relações objetais. Para Stoller, jamais chegaríamos a compreender a perversão se a tomássemos com um desvio patológico, acreditando ser a heterossexualidade algo de dado natural.

Sua hipótese da perversão é que ela seja um jogo entre hostilidade<sup>22</sup> e desejo sexual, sendo uma fantasia posta em ato que visa defender a identidade e preservar a excitação erótica. A excitação erótica seria o resultado da tentativa de reviver traumas do passado como triunfos no presente, por isso toda a sexualidade para Stoller ([1985] 1998) é contingente, pois demonstraria uma construção baseada na história das relações

---

<sup>20</sup> Por desvio ele se refere a uma constelação de técnicas eróticas que alguém usa como seu ato sexual completo e que difere da definição tradicional da normalidade de sua cultura ([1985] 1998 p. 19).

<sup>21</sup> No original: “The major traumas and frustrations of early life are reproduced in the fantasies and behaviors that make up adult erotism, but the story now ends happily. This time, we win. In other words, the adult erotic behavior contains the early trauma. The two fit: We analyst, then, are detectives trying to retrace the original events.

<sup>22</sup> Diferentemente da agressividade que implica apenas descarga de uma força ou potência, a hostilidade é desejar causar dor a um objeto. No caso da hostilidade na perversão, ela assume a forma de uma fantasia de vingança, seria uma tentativa de criar uma cena na qual um trauma do passado é vivido como um triunfo no presente (essa conversão de um trauma para um triunfo seria responsável pela excitação sexual, transformando trauma em prazer e orgasmo, acrescentando que a montagem dessa cena precisa ter o caráter de um ato arriscado, que prorrogaria e aumentaria a excitação).

objetais experienciadas. Para tal, Stoller abunda em seus livros demonstrações clínicas-etnográficas de pessoas envolvidas no cenário sado masoquista, tanto quanto, no cenário pornográfico.

Por isso, Stoller encarava o trauma como determinante na psicopatologia e nas formações dos sintomas. Portanto, a perversão é um significado para a pessoa que a pratica, pouco importa a anatomia usada, o objeto escolhido, ou os parâmetros da moralidade, o que importa é o significado que ela tem para a pessoa. Este conceito se aproxima muito do de *Sobrevivência psíquica*, de Joyce McDougall (1997).

Importante ressaltar que a concepção sobre o masculino e o feminino em Stoller se diferencia de Freud (ele inverte a proposição freudiana), ele considera no menino não o medo da castração como primordial, mas a necessidade fusional com a mãe seria o fator mais determinante na constituição, fazendo com que a criança tenha que lutar com uma feminização implícita derivada da identificação materna. Em *Pain and Passion* (1991):

Com isso quero me referir ao fato de que os meninos precisam realizar um ato de separação frente à mãe que as meninas não têm necessidades de fazer. Esse ato imaginário estabelece, dentro dos meninos, uma barreira contra o desejo primitivo de permanecerem fundidos com suas mães, de não serem indivíduos separados de suas mães e, assim, de não poderem ter certeza de serem efetivamente machos. Em outras palavras, eles temem se transformar em mulher. Muito da masculinidade em todas as culturas deriva deste conflito: a ênfase no falo, o medo da intimidade com as mulheres, o medo de ser humilhada pelas mulheres, a necessidade de humilhar as mulheres, de fetichizá-las<sup>23</sup> (p. 42). (Tradução minha)

Stoller não privilegia o investimento sexual primário como determinante da posição sexual primária, mas sim a posição identificatória inicial. Seguindo esse ponto de vista, tanto a menina quanto o menino estão primeiramente identificados com a mãe, assim para o menino alcançar a masculinidade significa romper a unidade mãe-filho. Em Stoller não há primarzia do pênis, mas do seio (FERRAZ, 2002).

Outro aspecto da etnografia pornográfica de Stoller, é o fato de ser focado na fantasia erótica heterossexual, por ser o maior número de consumidores de pornografia de massa em sua época (hoje em dia esse quadro vem mudando consideravelmente),

---

<sup>23</sup> No original: "Which I mean that little boys must perform an act of separation from their mothers not required of little girls. This imaginative act establishes within boys a barrier against the earliest stage of wanting to stay as one with their mothers, of not being individuals separate from their mothers, and therefore of not being sure that they are fully male. In other words they fear becoming female. Much of masculinity in all cultures is made up of manifestations of this conflict: the emphasis on the phallus, the fear of intimacy with women, the fear of being humiliated by women, the need to humiliate women, and the fetishizing of women.

logo as produções visavam materiais que agradassem seu maior público, fazendo com que Stoller somente tivesse acesso a esse tipo de produção da indústria pornográfica. Um dos seus relatos etnográficos com o pornógrafo Bill retrata bem essa realidade (1991, p. 29). Stoller diz nada saber da pornografia gay (1991, p. IX).

Nesse sentido ele considera que a palavra *Porn* não abrange a pornografia feminina ou a vida erótica das mulheres, pois a indústria *Porn* não refletia a realidade pornográfica de outras demandas. *Porn* seria o uso da pornografia para heterossexuais masculinos, portanto, a escolha do seu título não foi acidental. Ele poderia ter usado também o termo X-Rated Industry (termo que os próprios atores e produtores usam para se referir ao mercado pornô).

Stoller escreveu dois livros que lidam diretamente com a pornografia, realizando entrevistas a partir do método etnográfico com pessoas envolvidas na produção de filmes pornográficos *Porn: Myths for the Twentieth Century* (1991) e *Coming Attraction, The Making Of X-rated Video* (1993). Além de lidar indiretamente com a pornografia no livro *Pain And Passion: A Psychoanalyst Explores the World of S & M* (1991), entrevistando praticantes do cenário sadomasoquista. Todos os livros ainda não possuem tradução para o português.

Para ele um psicanalista etnógrafo teria vantagem de ser: 1) treinado na escuta cética sobre as informações e as histórias e alerta para as motivações subjacentes que nem sempre o não analista acredita 2) Habilidade clínica para entrevista 3) Interessado nas pessoas com capacidade de achar-se e perder-se em suas patologias.

Assim os três livros são baseados nos relatos dos seus entrevistados a partir da transcrição de fitas gravadas. As entrevistas não são assim, permeadas por inconvenientes interpretações ou por *insights* perspicazes, mas sim por uma posição de simplicidade comovente diante do material extremamente complexo e rico. Mostrava-se ciente dos problemas sobre imparcialidade e os aspectos técnicos que ele precisava se preocupar.

Stoller mostra como os preconceitos em relação às condutas sexuais estão entranhados nos analistas e nos estudiosos das patologias. Como a pornografia é marginalizada socialmente, criando repúdio e asco, então por contingência, às pessoas que trabalham na sua criação são vítimas dos mesmos preconceitos. Ele argumenta que ninguém tem preconceitos com histéricos e obsessivos como os tem com os da perversão, e que uma neurose de caráter pode ser muito pior do que qualquer perversão “chamativa”. Quando o sexual é envolvido, o escândalo produzido é maior.

Sobre aceção moral da pornografia Stoller comenta em *Porn Myths for the Twentieth Century*:

A pornografia parece mais o resultado da mudança da sociedade do que a causadora da mudança. A pornografia, com poucas exceções, tal como ao usar crianças, faz pouco bem e pouco mal, se por "bem" queremos nos referir a algo que promova a saúde ou o bem-estar geral e por "mal" que ela promova a manipulação pífida de pessoas no mundo real; se devemos banir a pornografia por ela "fazer mal" (o que é um argumento familiar), então devemos também banir o álcool, automóveis, filmes não pornográficos, leis, políticos, vitaminas, sapatos de saltos altos, computadores, dinheiro, a prática do ski, o uso de animais em laboratórios, a religião do outro e a luz do sol<sup>24</sup> (Stoller, 1991 p. 215). (Tradução minha)

O autor tenta mostrar como seus entrevistados, na formação da constituição de suas identidades, lutam para organizar os traumas e se constituem dessa forma, podendo ter criado outros tipos de sintomas tão prejudiciais quanto, apenas menos visíveis "socialmente". "Algumas vezes penso que as perversões adultas são desordens de estresse pós-traumático da infância. Ou será que, mais simples ainda, a vida adulta é um PTSD (Post-traumatic Stress Disorder) da infância?"<sup>25</sup> (1991 p.25).

A pornografia na internet produziu maior interatividade entre os usuários, tornando possível que os consumidores de pornografia troquem informações entre si e possam identificar gêneros, estilos e gostos, descobrindo que outros usuários dividem as mesmas escolhas e/ou fetiches por certas práticas específicas, fazendo que compartilhem suas preferências, permitindo o encontro de fantasias. Segundo Stoller, seria essa, a própria função da pornografia: comungar com a fantasia do outro, "diz-se que a pornografia tem muito mais melhorado as vidas eróticas de muitos casais do que levado pessoas a atos brutais" (1991, pg. 225).

O prazer sexual só pode ser mantido por meio da fantasia. Segundo a teoria da excitação sexual de Stoller ([1985] 1998), são apenas por meio desta que o trauma pode ser desfeito, na reconstrução da montagem da cena sexual, os devaneios tem o papel de contribuir para a execução do prazer ligado à fantasia, por meio de uma série de características que corrigem o passado, que é rememorado inconscientemente

---

<sup>24</sup> No original: "Pornography seems more the result of our changing society than a cause of change; pornography (with a few exceptions, such as using children) does little good and little harm, if by "good" we mean that something promotes health or the general welfare and by "harm" that it leads to the evil use of others in the real world; if we are to ban pornography because it can harm, the (a familiar argument) we must also ban alcohol, automobiles, non-X-rated movies, law, politics, vitamins, high heeled shoes, computers, money, skiing, animal experimentations, someone else's religion, and sunshine".

<sup>25</sup> No original: "Sometimes, I think that adult perversions are post-traumatic stress disorders of childhood. Or is it, more simply, that adulthood is the PTSD of childhood"

(FERRAZ, 2002). Os devaneios que tentam reformular o trauma tem a vantagem de evitar que o trauma se repita, os elementos de risco são adicionados aumentando a excitação pela tensão, e o final feliz pela reformulação do trauma como vitorioso.

Em *Observando a imaginação erótica* Stoller escreve:

A pornografia é um devaneio publicado. A perversão é um devaneio executado. A pornografia é uma *forme frustrée* de uma perversão. Quando alguém está à procura de excitação, a pornografia tem a vantagem de ser um devaneio confiável: é visível, pode ser examinada repetidas vezes e - por ser produzida para a venda - temos a garantia de que representa um gênero, que é o devaneio preferido de inúmeras pessoas, ou seu produtor perderia dinheiro ([1985] 1998 p.27).

O roteiro é então representado como um devaneio, na *pornografia* escolhida ou no mundo real.

Há poucas pessoas que não reconhecem seus roteiros favoritos quando o encontram. Se minhas definições o confundem porque implicam que todo mundo é eroticamente aberrante e a maioria das pessoas, a maior parte do tempo é pelo menos um pouco perversa, que assim seja. Considero, portanto, toda pornografia pequenas perversões, bem como provavelmente todos os devaneios (Stoller, [1985] 1998 p. 21).

Para Stoller, algo é pornografia que se *pretende* ser pornográfico, isto é, excitar. Deve-se rotular como pornografia por sua aspiração, não por seu sucesso. Uma peça de pornografia pode não ser pornográfica, ela depende de quem está lendo, olhando, escutando.

Como podemos conceituar a pornografia que não excita? Eu faço através das seguintes definições óbvias. A pornografia é aquele produto manufaturado com a *intenção* de produzir excitação erótica. A pornografia é pornográfica quando excita. Nem toda pornografia, portanto, é *pornografia para todos* ([1985] 1998 p. 27).

A pornografia desde muito tempo vem sendo marginalizada e censurada como geradora de muitos males que podem influenciar as pessoas, mas apesar disso, ela tem tido através da internet uma divulgação nunca antes pensada, o que torna interessante pensar nessa contradição entre ser o mais censurado e ao mesmo tempo mais acessado na rede. A maior crítica à pornografia é que ela induziria ao aumento de comportamentos sexuais agressivos. Como os sites de pornografia são vistos diariamente por milhões de pessoas, se isso fosse verdade, os crimes sexuais teriam crescido assustadoramente.

E isso sem considerar a vasta e extraordinária relatividade do conceito de pornografia, que depende de sua localidade, época e da cultura inserida. Lembrando que

nos anos 60 no Brasil uma foto com uma mulher de sutiã era altamente pornográfica. Estas fotos hoje aparecem nos anúncios comerciais de sutiã em todos os jornais diários, muitas outras imagens de nudez são hoje reproduzidas em canais abertos. Assim, o que é efetivamente "pornográfico", no sentido de provocar uma excitação sexual, depende estritamente das fantasias de cada um como nos diz Stoller.

A pornografia com suas novas inovações no modelo virtual permite que novos roteiros eróticos (*devaneios* colocados em público) sejam elaborados e reconhecidos por outros usuários como um roteiro representativo de um desejo em comum, abrindo espaço para novas formas de satisfações, fugindo das paradigmáticas formas de representação do prazer e suas produções pornográficas, abarcando novos devaneios, gêneros e estilos. A pornografia funcionando como um devaneio publicado possibilita o acesso aos devaneios "individuais".

Todos os dias a rede é bombardeada com novas formas de se fazer pornografia, novas formas de prazer são descobertas, produzindo uma vasta catalogação dos prazeres e seus usos. Mas, porém, a meu ver, a partir de Stoller, a pornografia não é uma simples busca pelo prazer, mas o encontro entre o meu devaneio e o do outro. Basta que se tenha uma câmera e o acesso à internet, para que os vídeos e imagens sejam compartilhados. Essa "globalização" dos devaneios vem acarretando uma diferença significativa ao modo como vemos a nossa própria sexualidade.

Desse modo, em suas entrevistas a partir de consideráveis exemplos, Stoller mostra como a pornografia funcionou na vida das pessoas como uma solução para o caminho pulsional que antes não tinha para onde escoar. Antes de funcionar como uma influência prejudicial, a pornografia permitiu um caminho pulsional novo. Tanto para seus produtores e atores, como para o público que a consome.

Veremos a seguir, uma possível leitura da pornografia a partir dos textos freudianos, tentando em certa medida, investigar a dinâmica da pornografia na nossa cultura.

## CAPÍTULO III

### 3 LEITURAS FREUDIANAS

Neste capítulo vamos apresentar algumas leituras que escolhemos da psicanálise a partir da obra de Sigmund Freud, tanto para nos ajudar na compreensão das novas “virtualidades” como na leitura que faremos da pornografia a partir dos pressupostos psicanalíticos. Para isso analisarei textos específicos de Freud, como *Os três ensaios da teoria da sexualidade* (1905 [2006]) e o *Moral sexual cultural* (1908 [2006]), *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912 [2006]) *Mal estar na cultura* (1930 [2006]) Outros textos da obra freudiana também serão requisitados para compreensão e articulação de alguns conceitos que usaremos.

Para isso realizarei uma breve digressão sobre a análise das novas ferramentas de mídia para modestamente imagina-la dentro do modelo psicanalítico da cultura.

De um ponto de vista psicanalítico, todas essas novas tecnologias de mídia ganham um interesse ainda maior se visto do prisma da crítica da cultura, realizada no período mais tardio da obra freudiana, como em *O Futuro de uma ilusão* (1927 [2006]) e o *Mal estar na cultura* (1930 [2006]). Ideias como desamparo (*Hilflosigkeit*), Ilusão (*Illusion*), laço social, mal-estar na cultura (*Das Unbehagen in der Kultur*), é indispensável para aquele que quer realizar uma leitura atualizada destes novos fenômenos. Pois elas se mostrariam como ferramentas que tentariam mascarar o mal-estar (*Unbehagen*) inerente à cultura. Atualizando o trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) para novas formas de expressão, tentando inutilmente criar visões de mundo (*Weltanschauung*) que nos proporcionariam uma completude ou uma “*Illusion*”.

Os inúmeros recursos oferecidos pelo mundo virtual, que não param de crescer em virtude do espantoso avanço da tecnologia, expressam, de fato, algo novo no que diz respeito às modalidades de satisfação das moções pulsionais inconscientes ligadas às representações do sexual ou, ao contrário, estamos apenas repetindo estratégias, aparentemente novas, de antigas dinâmicas pulsionais na tentativa de mascarar o mal-estar (*Unbehagen*) inerente à cultura? Se for assim, os chamados “novos sintomas” não têm nada de novo: eles apenas reatualizam as dinâmicas pulsionais constitutivas do Eu, a partir do que a atualidade oferece para estabelecer formações de compromisso. (CECCARELLI, 2015, pg. 158).

Esse período da obra freudiana é marcado por um antagonismo entre vida pulsional e cultural. É na renúncia das satisfações que o pacto civilizatório baseia-se, dando possibilidade para o trabalho de cultura (*Kulturarbeit*) e a vida em sociedade,

com a intenção de defender-se da natureza e do temor da morte. “Com efeito, o sujeito somente abre mão da realização do seu desejo quando se defronta com a possibilidade de morte” (BIRMAN, 1997, p. 76).

E é no decorrer desse embate que pensamos o papel da sexualidade. No texto *Moral sexual cultural* ([1908] 2006), Freud antecipa as ideias contidas em *Futuro de uma ilusão* (1927 [2006]) e *Mal-estar na cultura* (1930 [2006]), a partir da análise da moral cultural reguladora do sexual, que por sua vez é geradora da “doença nervosa”.

Segundo Freud ([1908] 2006), o antagonismo entre cultura e vida pulsional residiria no fato de que a cultura se constitui e se mantém por meio da supressão das moções pulsionais, pois para viver em sociedade é preciso renunciar parte de seus atributos psíquicos como, por exemplo, o sentimento de onipotência, as inclinações vingativas ou agressivas da personalidade. Essas renúncias contribuem para o acervo cultural comum de bens materiais e ideias (o que mais tarde Freud denominará de *Kulturarbeit*), pois a pulsão que visava satisfazer-se proporciona colocar a disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar o objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se sublimação.

Porém Freud ([1908] 2006) mostra que contrastando com essa modalidade, a pulsão também poderia fixar-se de maneira obstinada, que o inutilizava e o levava às ditas “neuroses”, pois para a grande maioria da humanidade seria indispensável certa quantidade de satisfação sexual e qualquer frustração (*Versagung*) dessa quantidade, acarretava as doenças pelo seu caráter subjetivo de desprazer.

Toda análise de Freud converge em direção à necessidade da renúncia à realização direta dos fins pulsionais. Consequentemente, o mal estar contemporâneo, consiste no sentimento de culpa vivido pelo sujeito dividido entre satisfazer e/ou renunciar estas pulsões (FREUD, 1930 [2006], p. 108-109). Neste clássico texto, que é considerado o mais importante trabalho de Freud no âmbito da sociologia e antropologia, trata-se de uma investigação sobre as raízes da infelicidade humana, sobre o conflito entre pulsão e cultura e a forma que ela assume na civilização moderna. Freud chegou à conclusão que o indivíduo não pode ser feliz na civilização moderna, mesmo com todo progresso técnico e científico o homem não se tornou mais feliz.

Poderíamos induzir aqui que a internet e as novas formas de mídia, estariam dentro desse progresso “técnico-científico”, que visam facilitar a comunicação entre as pessoas, globalizando as informações e transmitindo acontecimentos em tempos reais. Demonstrando assim, que este progresso que permite a possibilidade de nos deixar mais perto um dos outros, para Freud em 1930, isto de nada nos levaria a uma felicidade mais “plena”. Pensando ainda um pouco mais longe, será que essas novas formas de tecnologias ao permitirem a criação e a divulgação da pornografia, não fariam com que ela funcionasse para os indivíduos que a acessam, como um devaneio que tenta escapar às imposições culturais? E por esse motivo tem que ser tão censurada e ao mesmo tempo proscrita de nosso tempo.

Freud (1930) no *Mal estar na cultura*, tenta por em prática o seu método psicanalítico para tentar entender as razões naturais do sofrimento humano, e a amplificação deste mesmo sofrimento gerado pela cultura civilizatória. Os seres humanos necessitam organizar-se em sociedades a fim de se defender da própria natureza que o agride permanentemente e sem piedade, desde os primórdios de sua existência terrena. Daí surge um grande dilema, o próprio esforço realizado pelo homem para que se torne possível à vida em sociedade - sociedades estas que tenderão a evoluir para civilizações - representa um enorme entrave para a felicidade humana. Com isto, no decorrer de alguns séculos, tais sociedades, por sua vez, transformam-se em complexas civilizações, onde o homem surpreendentemente se vê assediado por uma série de sofrimentos ainda maiores do que os oferecidos pela natureza na aurora de sua existência (FREUD, 1930 [2006], p. 18).

Freud (1930) coloca em discussão que o homem parece condenado à infelicidade por três motivos: o primeiro deles é que, sabe que vai morrer, ou seja, o corpo entra em deterioração. O segundo motivo é a falta de controle sobre a natureza. Esta pode rebelar-se a qualquer momento, com tempestades, secas, etc., causando destruições para a humanidade. E por fim, o pior motivo para Freud era a relação homem-homem. O decepcionar-se com o outro, principalmente quando se confia e é traído. Salienta também que, o homem busca a felicidade através de paliativos, como drogas, sexo, arte, aquisição de bens materiais, ou seja, a canalização de sentimentos para outras esferas do contexto em que vive. (FREUD, 1930 [2006], p. 22).

Na teoria da cultura freudiana, a sexualidade é a pedra fundamental na manutenção e reprodução da cultura. A cultura só pode existir porque os impulsos sexuais são canalizados para o trabalho, gerando todos os bens materiais e intelectuais

da civilização. “A cultura está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade de energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade” (FREUD, 1930 [2006], p. 125).

Em consequência disso, Freud atribuiu as doenças psíquicas de sua época a grande repressão que a civilização exerce sobre os impulsos sexuais. Essa insatisfação foi exigida num grau muito superior que o necessário.

O processo civilizatório é marcado pelo sentimento de insatisfação que os homens experimentam vivendo em sociedade. O resultado disso é o mal estar na cultura. Este mal estar, como já dissemos, é produzido pelo conflito irreconciliável entre as exigências pulsionais e as restrições da cultura. Dessa forma, somos obrigados, desde o início de nossas vidas, a conviver com a frustração, por sua vez representadas pela exigência primordial de castração dos instintos básicos, pré-requisito fundamental para a vida em sociedade.

Para Lévi-Strauss (1970), se partirmos de um ponto de vista antropológico atual, a diferença entre natureza e cultura é determinada pelo interdito. Ao passo que o natural se faz aquilo que é constante e universal para todos os indivíduos da espécie, o cultural é caracterizado pela regra (particular a cada cultura e não universal), pela norma e pertence ao domínio dos costumes, técnicas e das instituições. Há, porém, um interdito que, segundo Lévi-Strauss, abarca a universalidade do que é natural, mas que, enquanto regra é estritamente social: a proibição do incesto. Tal universalidade faz da proibição do incesto não somente um tipo de síntese da natureza e da cultura, mas também o lugar privilegiado da passagem de uma e outra.

Num primeiro momento, na infância da humanidade, a natureza que nos cerca é incapaz de ceder aos nossos "apelos" espontâneos pela sobrevivência e preservação de nossa própria espécie, mais tarde, num segundo momento, quando o homem desenvolve tecnologia suficiente para subjugar a natureza, ou seja, quando a mesma parece se encontrar sobre nosso controle, a própria sociedade nos impõe novas restrições. E isto parece ser um ciclo-vicioso.

O texto aborda também sobre a sublimação, ou a canalização da energia para outras atividades físicas e ou psicológicas e a não satisfação que ocorre quando enterramos nossos instintos (pulsões), para em troca viver em sociedade (aqui nos toca a questão da pornografia, que modalidade de satisfação ela evocaria?).

Para uma melhor compreensão, Freud faz um pequeno desvio por *Totem e Tabu* (1914 [2006]) O assassinato do pai da horda primitiva fundando a lei e a proibição.

Existiria uma orientação ética específica da psicanálise? Como entender esta ética? Freud se mostra pessimista afirmando tentar unicamente circunscrever a estrutura da cultura sem propor alternativas ao seu mal estar. Sobre esta posição subjetiva, e no sentimento de perda que pode acarretar observa-se a tristeza e a depressão tão presentes nestes tempos de pós-modernidade. Para a psicanálise, as restrições que a civilização moderna impõe ao livre funcionamento das pulsões sexuais e destrutivas, provocam mal-estar na subjetividade.

Com efeito, a opinião mais difundida é a de que a civilização é responsável por nossa miséria e que deveríamos abandoná-la para retornar ao estado primitivo que nos asseguraria mais felicidade. Tal ponto de vista, hostil à civilização, origina-se daquilo que a vida comum exige e, ao mesmo tempo, contraria a busca do prazer. Toda análise de Freud converge em direção à necessidade da renúncia à realização direta dos fins pulsionais. Consequentemente, o mal estar contemporâneo, consiste no sentimento de culpa vivido pelo sujeito dividido entre satisfazer e/ou renunciar estas pulsões (FREUD, 1930 [2006], pg. 108-109).

Só aguentamos nossas renúncias pulsionais, pois as formações substitutivas oferecem satisfações à pulsão recalcada. Segundo Ceccarelli (2004),

A educação pulsional que permite que o sujeito suporte as exigências impostas pela civilização, inicia-se ao nascimento. O potencial psíquico que o bebê traz ao nascer será desenvolvido a partir das relações estabelecidas entre ele e aqueles que cuidam dele e, num segundo momento, pelo grupo mais amplo no qual ele está inserido: esse grupo é o primeiro representante sócio-cultural ao qual a criança terá acesso. Através dele, a criança vai adquirir os elementos de informação sobre o sistema simbólico relativo à sociedade à qual pertence e ao qual, como menina ou menino, deverá submeter-se e inserir seus comportamentos e condutas. A participação dos que cuidam da criança na construção desse sistema, que irá informá-la sobre os valores ético-morais relativos à cultura onde ela está inserida, é um postulado de base. Entretanto, quando os responsáveis pela criança são, pelas mais diversas razões, incapazes de oferecer-lhe referências identificatórias, muito provavelmente a criança buscará modelos fora do ambiente próximo nos quais se apoiará para a constituição de seu psiquismo. Ou seja, na falta de referências, a criança pode tomar aquilo que a mídia, internet e a tv oferecem como coordenadas de base. (pg. 59).

Nesse sentido a pornografia se insere também como uma forma de “educação sexual” para aquelas crianças que nasceram em famílias onde o diálogo sobre a sexualidade é pouco ou quase nenhum. Na clínica veem-se pessoas cada vez mais frustradas com suas performances sexuais, tirando como referências para as suas atividades sexuais as performances mais altas que se encontram na pornografia.

Entretanto, o que está sendo, de fato, oferecido, e que rapidamente se transforma em “sonho de consumo”, são padrões identificatórios globalizantes apresentados como insígnias (imaginárias) de sucesso. Esses padrões, dificilmente alcançáveis pela grande maioria da população, transformam as identificações em valor de consumo e propiciam a criação de duas “realidades sociais”: a dos que têm acesso aos objetos, e a dos que não têm. Se você não tem, dê um jeito de ter, senão estará excluído do imaginário social que dita, em estreita ressonância com as leis de mercado, como se deve ser, agir, o que comprar (CECCARELLI, 2004, pg. 60).

Os modelos impostos pela mídia, verdadeiros ditames de conduta, substituem, ou mesmo eliminam, a singularidade do trajeto identificatório de cada sujeito (suas origens, a particularidade de sua cultura, suas crenças e sistema de valores ético-morais, enfim, a sua história), o que pode levar a um empobrecimento radical da subjetividade (CECCARELLI, 2004).

Para dar continuidade ao nosso trabalho investigativo, ao analisarmos os destinos pulsionais, procuraremos saber como cada sujeito conduz sua vida psíquica, como se dá a sua constituição subjetiva, ou seja, a sua organização psíquica que definirá o posicionamento, a singularidade e a forma de funcionamento do sujeito.

Por falar em pulsões, mais a frente, faremos uma breve digressão para entendermos um pouco melhor este conceito. Porém, primeiramente para Freud, uma das maiores renúncias a serem feitas, diz respeito à sexualidade infantil incestuosa, esta renúncia contém tanto a supressão das pulsões parciais, como o recalçamento do polimorfismo da sexualidade. Para isso escolhemos investigar o texto de 1905, *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, no qual as pulsões perverso-polimorfas são amplamente debatidas e analisadas por ele, não coincidentemente é um texto que até 1924 sofreu alterações do seu autor, mostrando a importância que manteve na sua obra até o período mais tardio. Em vários momentos essas notas de rodapé adicionadas incrementam e enriquecem o texto, clarificando as investigações das perversões como a da própria sexualidade. Sabemos que a sexualidade é tema fundante e estruturante do psiquismo, portanto nos remeteremos à teoria da sexualidade.

Para tal, no próximo capítulo abordaremos mais profundamente sobre a constituição psíquica do ser humano, aprofundando um pouco mais o conceito de Narcisismo, para aplacar nosso objeto de pesquisa, passando do desamparo, ao Édipo, condição de todo ser vivente. Para tal, sugiro que passemos para o principal texto de Freud (1905).

### 3.1 Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade e a pornografia

Foi apenas em 1910 no texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” que Freud menciona o “complexo de Édipo” de forma literal, porém seu conteúdo vinha sendo trabalhado desde suas cartas a Fliess. Entretanto vale clarificar que o fato de Freud se referir a um drama familiar do início da infância não quer dizer que possamos relacioná-lo como o termo “sexualidade infantil”. Entre o momento da descoberta de Freud a respeito do drama familiar e o momento marcado de fato pela “sexualidade infantil” tal como foi exposto nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905 [2006]), há diferenças consideráveis.

Na época da carta 71 (1987), Freud ainda não havia elaborado sua teoria da sexualidade e menos ainda uma teoria da sexualidade infantil. Sua atenção inclinava-se sobre os acontecimentos universais do início da infância, acontecimento esse não poderia ser identificado como um comportamento sexual, mas sim como sentimentos de amor e ódio direcionados para as figuras parentais.

Tais sentimentos ainda não se encontram articulados a uma teoria do inconsciente, da mesma forma como a sexualidade ainda não tem o estatuto teórico-conceitual que vai adquirir a partir de 1905. Portanto, a afirmação de Freud a respeito do caráter universal dos sentimentos de amor e ódio direcionados aos pais é um momento importante no nascer das ideias freudianas, mas ainda não se faz suficiente para construir uma teoria da sexualidade infantil.

Na época de Freud, as teorias sobre sexualidade tinham por referência a noção de um padrão fixo de comportamento herdado e com metas pré-determinadas, cujo objetivo geral era a reprodução da espécie. A teoria vigente na época foi ampliada por Freud com uma leitura diferente do conceito de pulsão (*Trieb*).

Freud apresenta suas posições revolucionárias a respeito da sexualidade humana, sobretudo ao postular que ela age serviço próprio, não possui objeto fixo, e que seu objetivo é o prazer e não a procriação. Assim sendo, os destinos da sexualidade não são dados a priori pela biologia: trata-se de uma construção mítica – o mito individual do neurótico – que permite ao sujeito (re)significar a sua história. Nossas referências identitárias mais caras, assim como nossas posições ético-morais, ou seja, o sistema de valores que organizam o nosso cotidiano, foram profundamente questionados por Freud. Contudo, parece haver um silêncio no que diz respeito à desconstrução do imaginário ocidental produzida pelos seus postulados (CECCARELLI, 2010, pg. 24).

Os *Três ensaios*, texto de 1905 de Freud, tem por referência os destinos da pulsão, e passa a identificar os “desvios” ou as “perversões” da pulsão sexual, que é errante por natureza. Contudo, não existe sociedade humana conhecida, atual ou passada, que exista ou tenha existido sem regras que permeiam as relações entre os sexos.

Antes de Freud era caracterizada como objetivo primeiro da pulsão como um alívio da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual. Mas com a leitura de Freud, a *Trieb* foi concebida como uma força constante, portanto não passível de extinção. Nada há na pulsão sexual que funcione como indicativo do seu objeto, pelo contrário, ele é o que há de mais variável. Entretanto, qualquer objeto pode ser objeto da pulsão, o que daria no mesmo afirmar que nem todo objeto é objeto da pulsão. Se a pulsão não possui objeto específico, essa satisfação da qual Freud fala não pode ser senão parcial, fazendo com que a pulsão persista em uma busca indefinida, tornando-a, dessa forma, indestrutível.

Em seu texto de 1905, Freud define a perversão como uma atividade que não se reduz a um sentido puramente anatômico, ela vem além das uniões das regiões genitais que servem para procriação, podendo tornar-se, assim, mais importante que o objetivo final que seria a “procriação”. Em seu texto Freud ressaltou que nenhuma pessoa sadia (no sentido do sexo exclusivamente genital, servindo para procriação) deixa de acrescentar algo de perverso ao seu objetivo sexual normal e que, portanto, a universalidade dessa conclusão é em si suficiente para mostrar o quão inadequado é usar a palavra perversão como um termo de censura. O sentido pejorativo do termo “perversão” para Freud não existe, pois toda sexualidade humana é em si “pervertida”.

A sexualidade dita normal seria pervertida, pois “perverte” seu objeto primeiro, que era considerado a procriação. Nessa lógica que podemos pensar a neurose como excesso de *pathos*; a “anormalidade” da neurose é não dar vazão a energia sexual. A cada ser humano, o grau de perversão varia de acordo com a resistência oferecida pelas “forças psíquicas repressivas”, sobretudo a vergonha e a repugnância. Tais forças psíquicas são responsáveis pela transformação desses impulsos em sintomas neuróticos, de modo que se pode considerar a neurose como o negativo das perversões e tais sintomas como a atividade sexual do neurótico.

Freud ([1905] 2006) aponta para a importância das fases do desenvolvimento psicosexual na forma de funcionamento psíquico do ser humano, ou seja, na constituição subjetiva de cada um. Distingue dentre as organizações “pré-genitais” (ou

auto eróticas) duas fases, a oral (ou organização sexual pré-genital canibal) e a sádico-anal. Somente em 1923 ele incluiu uma terceira fase pré-genital, a fálica, que embora genital, reconhece apenas uma espécie de genital: o masculino, todas seriam auto eróticas, na medida em que se satisfazem nas sensações erógenas dos órgãos do próprio corpo, sem necessitar de um “objeto” externo para satisfação, além de se situarem no modo narcísico de relação objetal.

Fase Oral: é a primeira fase da evolução sexual pré-genital. Nela o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal. O objeto sexual consiste na incorporação do objeto, o que funcionará como protótipo para identificações futuras como, por exemplo, a significação comer, ser comido que caracteriza a relação cabalística com a mãe.

A Fase Anal-Sádica: é a segunda fase pré-genital da sexualidade infantil (situada entre os dois e os quatro anos, aproximadamente). Essa fase é caracterizada por uma organização da libido sob o primado da zona anal e por um modo de relação de objeto que Freud denomina “ativo” e “passivo”. Essa fase está impregnada de valor simbólico, sobretudo ligado às fezes. Tal é o caso da significação de que se reveste a atividade de dar e receber ligada à expulsão e retenção das fezes.

A Fase Fálica: essa fase só foi apontada por Freud em 1923, em seu artigo *A organização genital infantil*. Corresponde à organização da libido, na qual já há um predomínio dos órgãos genitais. Essa fase apresenta um objeto sexual e alguma convergência dos impulsos sexuais sobre esse objeto. O que a distingue da fase genital adulta é que nela a criança reconhece apenas um órgão genital: o masculino. Nela a oposição entre os sexos é caracterizada pela distinção fálico-castrado. A importância da fase fálica está ligada ao fato de que ela assinala o ponto culminante e o declínio do complexo de Édipo pela ameaça da castração. No caso do menino, a fase fálica se caracteriza por um interesse narcísico que ele tem pelo próprio pênis em contraposição à descoberta da ausência de pênis na menina. É essa diferença que vai marcar a oposição fálico-castrado que substitui, nessa fase, o par atividade-passividade na fase anal. Na menina, essa constatação determina o surgimento da “inveja do pênis” e o conseqüente ressentimento para com a mãe “porque esta não lhe deu um pênis”, o que será compensado com o desejo de ter um filho (nesta parte reside muito dos apelos que a crítica vem realizando em relação ao falocentrismo da teoria freudiana).

A partir do terceiro ensaio, Freud volta-se à puberdade, e promove uma diferenciação entre masculino e feminino, os quais só se tornariam modelos de

constituições diferenciadas no eclodir da puberdade. Freud julga que as atividades sexuais infantis são idênticas em ambos os sexos. E a diferenciação entre masculino e feminino só ocorreria na puberdade, nas palavras do autor:

Mas a atividade auto erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade ([1905] 2006 p. 207).

Nesse sentido que em *A organização sexual infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* ([1923] 2006), afirma “o que está presente, portanto, não é uma primazia dos genitais, mas uma primazia do falo” (p. 180).

Freud ainda nos fala nesta sessão do ensaio, que a menina teria, por conseguinte a “inveja do pênis” e o complexo de castração advindo desta suposição do clitóris como pênis, em uma nota de rodapé adicionada em 1920, ele esclarece:

As crianças de ambos os sexos formam a teoria de que, originariamente, a mulher também tinha um pênis, que foi perdido pela castração. Muitas vezes, a convicção finalmente adquirida de que as mulheres não tem pênis algum deixa no indivíduo do sexo masculino um desprezo duradouro pelo sexo oposto ([1905-1920] 2006 p. 184).

Assim, na sexualidade infantil, apenas o pênis é o referencial levado em consideração, sendo o clitóris considerado um homólogo do pênis, cujo prazer obtido é o mesmo que o menino obtém com a estimulação peniana.

É neste prisma que a sexualidade masculina seria considerada menos problemática, por não precisar mudar de zona erógena e tão pouco de ativo para passivo como é na maturação sexual feminina. Nem tão pouco alterar a forma de posicionar-se na dinâmica sexual, pois a atividade na primeira infância é mantida na vida adulta.

Nos textos *Três ensaios* (1905 [2006]) e a partir de *Para introduzir o narcisismo* (1915 [2006]), a “sexualidade infantil” deixa de ser um termo descritivo que designa comportamentos sexuais na infância, tais comportamentos considerados imaturos e parciais, para designar um conceito explicativo sobre a natureza da sexualidade humana.

A partir disso, a sexualidade infantil deixa de ser um fenômeno que pertence exclusivamente à infância, em oposição à sexualidade adulta, madura e completa, e passa a ser considerada como característica definidora da sexualidade humana.

Um fator determinante para estabelecer o panorama das condutas sexuais na infância situa-se no desvelamento das memórias infantis recalçadas do neurótico. As moções sexuais são uma característica inata do ser humano, que se desenvolvem ao longo do tempo. Posteriormente, são recalçadas progressivamente, podendo a supressão

ser desfeita por avanços regulares do desenvolvimento sexual ou interrompida por características individuais (FREUD, [1905] 2006).

Nesse período de latência total ou somente parcial, se erguem as forças anímicas que aparecerem, posteriormente, como barreiras à pulsão sexual ao circunscrever o seu curso “à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais).” (FREUD, [1905] 2006, p. 167).

Nesse mecanismo que se inscreve o procedimento sublimatório, a energia sexual originária das moções sexuais infantis é desviada em sua totalidade, ou parcialmente, das metas sexuais e dirigidas para outras finalidades (FREUD, [1905] 2006). No processo sublimatório, a energia sexual originária das moções sexuais infantis é desviada em sua totalidade, ou parcialmente, das metas sexuais e dirigidas para outras finalidades (FREUD, 1905 [2006]).

Nos *três ensaios*, Freud opõe as pulsões sexuais e aquilo a que chamava de “necessidades” (pulsões de auto conservação), mostrando como as primeiras nasciam apoiando-se nas segundas, para depois se divergirem, caracterizando a primeira dualidade pulsional de sua obra. Que seria depois superada a partir primeiramente das questões relativas a 1915 (em *introdução ao narcisismo e a pulsão e seus destinos*)<sup>26</sup>, para ganhar forma completa em 1920 em *Além do princípio do prazer*.

Agora pensemos sobre a relação entre os *Três ensaios* (1905 [2006]) e a pornografia.

Podemos dizer que o novo fenômeno chamado “conexões virtuais” perpetuou mudanças consideráveis no uso da pornografia, moldando a indústria pornográfica e atingindo diretamente a relação dos usuários tanto com a pornografia, quanto com seu consumo.

A internet tornou-se responsável por um compartilhamento de informação jamais visto; com possibilidade de conectar indivíduos das mais variadas localidades, com velocidade surpreendente, por meio das comunidades virtuais em seus mais diversos modos. Por isso acreditamos que a pornografia na rede virtual represente um fenômeno cultural típico dos nossos tempos e pouco mapeado.

A pornografia sempre existiu. E embora a internet seja “apenas” mais um meio para veiculação de conteúdos pornográficos, ela tornou-se, em nossos tempos, reduto do

---

<sup>26</sup> Em 1915 não é imediatamente que se dá a passagem para o último dualismo pulsional. Mas ele introduz a noção que as pulsões sexuais podem incidir a sua energia num objeto exterior ou no próprio eu, conciliando em certo sentido as pulsões sexuais e pulsões de vida como pulsões do eu.

conteúdo pornográfico privilegiado, proporcionando vantagens e facilidades. Uma das maiores vantagens no consumo de pornografia com o advento da internet faz referência à facilidade do acesso aos conteúdos ditos pornográficos. Antes este consumo era realizado por outras vias onde a privacidade do sujeito em questão nem sempre era resguardada, tendo em vista que a pornografia em nossa sociedade é estigmatizada como algo moralmente condenável (sujo e obsceno). Outra vantagem seria a facilidade na procura de gêneros e estilos específicos dentro do pornô.

A internet propicia “resguardar” a privacidade do usuário, permitindo o total anonimato dos seus consumidores, deixando os usuários livres dos constrangimentos do espaço público. Os quiosques de revistas, as salas de projeção, os clubes de aluguer vídeos, enfim, todos os lugares socialmente estigmatizados pelo pudor, foram rapidamente preteridos às formas bem mais privadas de acesso a produtos pornográficos, longe de mediadores presenciais e de outras testemunhas. Outra vantagem seria a facilidade na procura de gêneros e estilos específicos dentro do pornô.

Como poderíamos compreender então, a necessidade da pornografia de resguardar a privacidade do usuário? Como poderíamos entender a condenação social e moral da pornografia em nossa sociedade e seu estereótipo de ser algo sujo e obsceno?

Do ponto de vista da psicanálise, podemos pensar que a pornografia, ao mostrar diretamente as mais variadas formas pelas quais a sexualidade se expressa incluindo as perversas, expõe ao observador suas fantasias mais recalçadas. A pornografia provocaria um grande estímulo sexual, que, na maioria das vezes, é imediatamente reprimido/recalcado, dando margem ao aparecimento de formações reativas: a *repugnância e o asco*. Nessa perspectiva, conseguimos entender melhor a condenação social da pornografia e sua função de evocar o *recalcado*, que imediatamente é sucedido por formações reativas ou substitutas, que agem como respostas conscientes aos estímulos provocados pela pornografia.

Pois em relação à constituição perverso-polimorfa da primeira infância as moções sexuais desses anos da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que escapam ao trabalho de cultura, e por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, poderiam provocar sensações de desprazer (se for contra os ideais introjetados constitutivos do Super Eu). Por conseguinte, elas despertam forças anímicas contrárias (moções reativas) que, para uma supressão eficaz desse desprazer,

erigem os diques psíquicos já mencionados: asco, vergonha e moral. (FREUD, [1905] 2006 p. 168).

Os fatores que favorecem o recalque, tais qual a vergonha e o asco, independem da influência coercitiva da educação para emergirem, pois o seu desenvolvimento é condicionado organicamente e fixado de forma pré-determinada. No entanto, sabe-se que a educação contribui da repressão à normatização dos padrões de comportamento sociais, ao coibir moralmente as manifestações sexuais infantis, mas, dependendo da força pulsional tais fatores são ineficazes. (FREUD, [1905] 2006).

No segundo dos três ensaios, Freud discorre sobre as vicissitudes do sexual infantil, na qual a procriação está ausente, em sua busca anárquica, incessante e amoral de prazer, sendo o objeto aquilo que menos importa. Tudo serve, embora nada satisfaça, para que a tensão diminua: a pulsão é uma força constante. O sexual é polimorfo, múltiplo e perverso; é o recalado por excelência; é o próprio inconsciente que se manifesta nas fantasias e nos devaneios, nos atos falhos e nas ocasiões quando somos surpreendidos pelo estranho (Das Unheimlich). (CECCARELLI, 2015)

Se considerarmos a sexualidade perverso-polimorfa, como a sexualidade “natural”, devemos entender a pornografia como fonte legítima onde essa sexualidade é mostrada nas imagens dentro da rede virtual. As obscenidades das imagens pornográficas apontariam para essa irredutibilidade da sexualidade a uma gestão biológica reprodutora, a pornografia é obscena, pois não coincidem com a meta social da sexualidade e nem com a moral sexual da cultura ocidental. Ela permite o sujeito viver a sexualidade polimorfa (de maneira masturbatória, auto erótica) ao acessar a internet de seu computador “privado”.

Por isso torna-se importante, compreender o contexto no qual o que chamamos de pornografia faz parte, pois ela é tributária da moral sexual de uma determinada cultura, o que nos leva ao nosso próximo texto *Moral sexual Cultural*, escrito três anos após os *Três ensaios*.

### **3.2 Moral sexual cultural e a doença nervosa moderna**

Em *Moral sexual ‘cultural’ e doença nervosa moderna* (1908 [2006]) Freud apresenta uma de suas primeiras exposições sobre o antagonismo entre civilização e vida pulsional, antecipando dois textos posteriores importantíssimos sobre os achados culturais da psicanálise *O Futuro de uma ilusão* (1927) e o *Mal estar na cultura* (1930).

O grande impacto do texto freudiano de 1908, a primeira reflexão sobre a cultura anos antes do célebre Mal-estar na cultura (1930 [1969]), pode ser assim resumida: aceitar os postulados freudianos equivaleria a rever as bases morais da cultura ocidental que sustentam, justamente, o oposto. O modo como os indivíduos de uma dada sociedade experimentam sua sexualidade só pode ser devidamente avaliado a partir da repressão (*Unterdrückung*) sexual ditada pelo sistema de valores – que é sempre apresentado como natural e imutável – da sociedade em questão (CECCARELLI, 2010, pg. 30).

Nesse texto de 1908 evidencia-se um confronto entre a “moral sexual natural” e a “moral sexual civilizada”<sup>27</sup>, visualizando-se de maneira exemplar a interposição entre a renúncia das satisfações pulsionais e a vida em sociedade. Freud chega à conclusão que a neurose dita “moderna” seria o resultado desse embate entre o pulsional e o civilizado.

Freud ([1908] 2006) ao avaliar aspectos sociológicos de sua época supõe o aumento na incidência das doenças nervosas em decorrência da repressão sexual cultural, apresentando a versão de uma psicopatologia do tratamento social da sexualidade dominante, ao apresentar um diagnóstico social da doença nervosa moderna, mostra como a moral sexual dominante produz patologias neuróticas e perversas em grande escala.

Freud, portando um olhar lúcido sobre a sociedade vienense, e atualizado com as ideias dos escritores que lhe são próximos, observa indivíduos neuróticos, histéricos, suicidas e suicidados, sujeitos com a vertigem do apocalipse, indivíduos que não tem mais pontos de referências e que não sabem mais para onde vão. Ele vê, ainda, o burguês comprimido na mais puritana moral, ao mesmo tempo em que correm atrás das meninas fáceis que encontram em seus passeios sobre o Pater. Ele se dá conta tanto da explosão quanto da repressão de uma sexualidade exacerbada (ENRIQUEZ, 2005, p. 156).

É nessa perspectiva que Freud apresenta o quadro das modalidades da moral sexual, que só tornaria legítima a atividade sexual que visa à reprodução, contrastando com as pulsões sexuais que não possuem objeto específico de satisfação e que, devido à polimorfia da sexualidade infantil, construiu modalidades de satisfações que não desejam ficar insatisfeitas, mesmo que de maneira latente. A moral sexual tem como objetivo a repressão da sexualidade infantil auto erótica fazendo-a ficar subjugada pelo primado dos genitais e permitindo apenas a atividade sexual com meta de reprodução.

---

<sup>27</sup> Por “moral sexual natural”, devemos compreender um conjunto de normas que, embora limitem a sexualidade, o desejo e o prazer, permitem, todavia, ao homem conservar sua saúde e sua eficiência na vida social. Já por “moral sexual civilizada” devemos entender uma moral, extremamente exigente e que, de maneira tirânica, obriga os homens à privação sexual, tendo em vista integrá-los ao sistema de uma intensa produtividade cultural (SANTOS; CECCARELLI, 2010).

Freud ([1908] 2006) nos apresenta as exigências da sociedade sobre o indivíduo. A abstinência sexual antes do casamento, a supressão das modalidades infantis, a monogamia e a repressão da sexualidade feminina. Apresentando pontos críticos e disfuncionais destas exigências, como por exemplo, permitir para os homens uma *moral dupla* (poder viver a sexualidade fora do casamento e antes dele, como nos bordes vitorianos) demonstrando a falência das exigências culturais sobre os indivíduos.

Uma moral dupla que evidencia uma falta de amor à verdade, à honestidade e à humanidade por diferenciar homens e mulheres, uma vez que transgressões masculinas são punidas menos severamente. A essa moral, ele atribui o aumento imputável da doença nervosa moderna: as neuroses originar-se-iam de necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos representando para os mesmos uma espécie de satisfação substitutiva. Entretanto, as tentativas de supressão das pulsões são sempre falhas (CECCARELLI, 2010 pg. 26).

O saber psiquiátrico do século XIX condenava como pervertida toda e qualquer prática sexual sem fins reprodutivos, numa tentativa de normatização da sexualidade. A medicina esmiuçava e catalogava um inventário das práticas sexuais que escapavam aos ditames morais, discutindo os efeitos nocivos da sexualidade tida como perversa, ou seja, práticas como coito interrompido ou a masturbação eram consideradas prejudiciais ao homem (CECCARELLI, 2010).

“Obter, da parte dos indivíduos, a maior renúncia possível à satisfação (pelo menos imediata) das pulsões” (ENRIQUEZ, 2005, p. 166). Mezan (2002) afirma que, de acordo com Freud, a ideia central de toda metapsicologia é que os impulsos e as defesas estão em campos opostos e que de seu combate resultam os sintomas e o conjunto da vida psíquica. Para o autor, é necessário, para entender um processo psíquico à luz da psicanálise, separar os impulsos e defesas.

Em *Mal estar na cultura*, Freud (1930 [2006]) enuncia o pacto civilizatório que visa defender-se da morte (ou do desamparo) como produtor do mal estar moderno, ideia era preconizada de maneira exemplar em *Moral Sexual*. Se em 1908 a vida em sociedade era geradora de neurose, em 1930 ela é responsável pelo mal estar geral da humanidade, sobretudo após a introdução, em 1920, da pulsão de morte (FREUD, 1920 [2006]).

Freud determina desta maneira a neurose (e o mal-estar) como fracasso do processo civilizatório, a neurose se alimentaria das forças pulsionais recalcadas, sendo uma forma de voltar-se contra o processo civilizatório e sua exigência de repressão da sexualidade. A questão que Freud se coloca é sobre os efeitos nocivos dessa renúncia e seus proveitos no campo cultural. Pois “dominar uma pulsão tão poderosa quanto à

pulsão sexual, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo” (p. 178).

Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação pulsional foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado ‘santo’ o proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão das pulsões, torna-se um ‘criminoso’, um *outlaw*, diante da sociedade, a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um ‘herói’. (FREUD, [1908] 2006 p. 173).

A moral crista enunciava para civilização os preceitos socialmente aceitos das práticas sexuais, que obstante não condiziam com os interesses pulsionais dos indivíduos. É essa descrença que para Birman (1997) está em causa em Freud, “o conjunto de enunciados e de valores condensados pela tradição judaico-cristã” (pg.76) encontra-se em choque com aquilo “que se revela sobre o sujeito na experiência psicanalítica, no que concerne ao narcisismo e à sexualidade polimorfa”.

Na história ocidental, o desenvolvimento civilizatório implicou inequivocamente o incremento do mal-estar, pois é exigida do indivíduo a *renúncia pulsional*. Nesse contexto o sujeito aceita o pacto para não ficar na condição de desamparo. Com isso se inscreve a moral cristã. (BIRMAN, 1997, p. 84).

Freud já adentrava nas discussões sobre desamparo e pactos culturais baseados em crenças socialmente aceitas como tentativa de encobrimento à falta constitucional, como realizaria anos mais tarde em *O futuro de uma ilusão* (1927). Fazendo com que os sujeitos precisem gastar uma grande quantidade de energia “a expensas de um empobrecimento interno” para adaptar-se a cultura, “sendo às vezes obrigados a interromper suas colaborações e adoecer” ([1908] 1969 p. 177).

Enfim, legislar acerca dos prazeres parece ser uma astúcia inerente ao trabalho de cultura (Kulturarbeit) para manter a coesão dos grupos humanos. O que se depreende de tudo isto é que o discurso sobre a sexualidade é um artefato criado para lidar com o mistério do sexual que nunca será objetivamente observado e controlado. A ordem discursiva criada pela cultura jamais dará conta desse enigma, cujas manifestações são provas irrefutáveis de que não somos senhores em nossa própria casa. Sendo o inconsciente sexual, suas produções são muitas vezes sentidas, tanto pelo sujeito quanto pela cultura, como algo da ordem do estranho (Unheimlich) (CECCARELLI, 2010, pg. 23).

Nesse sentido é lícito pensar a pornografia como resposta aos efeitos repressores da sexualidade, que por terem sido coibidos, encontraram na fantasia pornográfica

cotidiana, um modo de descarga desta tensão. Encaramos assim a pornografia como uma “solução” aos efeitos repressores da sexualidade, que de forma produtiva (no sentido de produzir algo novo do que foi recalcado) reúne as fantasias recalcadas da massa e as projeta nos vídeos pornográficos, com intenção deliberada de produzir excitação nessa mesma massa.

A psicanálise nos mostra que quando a afetividade está ausente, a pornografia pode ser uma "opção" de satisfação, embora puramente mecânica. Neste caso, as solicitações pornográficas servem para dar vazão às tensões internas, sobretudo agressivas, pois o acesso ao universo fantasmático está, por algum motivo, bloqueado ou proibido. Quando o apelo à pornografia é a única possibilidade de satisfação, quando o sujeito não dispõe de recursos psíquicos para vivenciar, em uma mesma relação de objeto, erotismo e afeto, elimina assim, a relação de objeto, então, o material pornográfico tem vida curta, pois tudo aquilo cuja única função é promover a excitação tornar-se facilmente enfadonho, o que leva à busca de novas "pornografias" para que a excitação seja mantida (CECARELLI, 2011). Não existindo a relação de intimidade (pois a pornografia em sua narrativa hardcore, não cria laços e histórias entre seus personagens e atores), a intimidade é evitada e o sujeito toma como correto o que a mídia veicula em termos de sexualidade. Nessa perspectiva, a pornografia é uma defesa para evitar o contato com conteúdos psíquicos proibidos geradores, ao mesmo tempo, de culpa e prazer, ou seja, para vivenciar a sexualidade sem culpa.

A excitação sexual que a pornografia propõe fornecer tem seus paralelos com a questão da masturbação. E embora esta atividade sexual possa ser realizada sem a presença de outro, este “outro” faz-se presente nas fantasias masturbatórias. Se o mundo fantasmático do sujeito for de difícil acesso, sentido como ameaçador ou proibido, a pornografia pode ser um expediente oportuno que, além de aliviar uma tensão interna, tem a “vantagem” de propiciar a vivência da sexualidade sem culpa, pois protege tanto o sujeito quando o/a parceiro/a de moções pulsionais fantasmaticamente sentidas como incestuosas e/ou destrutivas. “A pornografia é o erotismo esvaziado de afeto” (CECARELLI, 2004, p. 6).

A pornografia sofreria a repressão da moral sexual da mesma forma como a sexualidade polimorfa. Pois ambas não coincidem com as metas determinadas pela sociedade (que depois do primeiro momento de polimorfismo da sexualidade lhe reduz monotonamente às regras das ditas leis morais da sociedade).

Aproximando-se dessa compreensão, posiciona-se Freud, em dois textos específicos sobre a forma de amar dos homens. “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” (1910 [2006]) e “*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*” (1912 [2006]). Neles, Freud trabalha as correntes amorosas e sensuais no investimento amoroso empreendido pelos homens.

Passamos então aos próximos dois textos que vão realizar uma análise entre “sensualidade” e o “amor”, demonstrando como ambas existem de forma correlatas e demonstrando a dinâmica existente entre elas. Para assim tentar melhor elucidar o uso que se faz da pornografia e a fantasmática existente nessa relação. Primeiramente iniciarei com as discussões da obra freudiana que dialogam com ambos os textos, para melhor apresentar as ideias contidas em 1910 e 1912.

### **3.3 Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**

Passamos para a problemática dos textos sobre a escolha de objeto, que embasados na dinâmica edípica vão realizar uma cisão entre a corrente amorosa e sensual na vida erótica.

É-nos importante, pois as narrativas em pornografia são todas desvinculadas de “enredo”, apenas as correntes sensuais são colocadas em questão no audiovisual pornográfico, fazendo parecer existir uma repressão nos vídeos pornográficos do conteúdo narrativo que evocaria histórias e dramatizações, como se isso provocasse ou liberasse o espectador a se sentir mais livre das lembranças incestuosas ligadas aos seus objetos passados.

Na pornografia virtual impera o silêncio da inexistência dos diálogos, das histórias, das narrações que demonstrem de alguma forma a relação entre os atores e personagens que realizam o sexo explícito. O que parece ser uma escolha deliberada, pois caso contrário, transformaria a pornografia em um “erotismo”<sup>28</sup>. Nestes textos, Freud (1910, 1912) podemos visualizar a diferença entre a pornografia e o erotismo, de um ponto de vista da psicanálise.

Primeiramente, antes de adentrarmos nos textos, realizaremos um breve percurso na problemática do complexo de Édipo para melhor compreendermos o que Freud nos diz em 1910 e 1912.

---

<sup>28</sup> No sentido de colocar nas narrativas dos vídeos pornográficos as relações de afetos entre os personagens e atores.

## CAPÍTULO IV

### 4 PROBLEMAS E CONSIDERAÇÕES

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud mostra que o desfecho do complexo no menino dar-se-ia pelo complexo de castração. Para ser mais exato, ele vincula a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do Super eu e o período de latência. Essas vinculações justificam afirmar que a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração.

O medo de perder o pênis faz com que o menino vire a costa para o complexo de Édipo e herde um Supereu solidificado. Consta para Freud em *O Ego e o Id* (1923 [2006]), que a menina já se percebe castrada durante o Édipo e sente-se lesada, pouco tem a perder e não abandonaria por essa razão completamente a dinâmica edípica. Para Freud esse é um dos motivos das mulheres serem em sua opinião, mais propensas às neuroses do que o homem, em particular pela histeria. E o homem mais propenso à neurose obsessiva (marcada essencialmente por um conflito particular entre o Eu e o Supereu)<sup>29</sup>.

Na *A dissolução* (1924 [2006]), a fase fálica seria contemporânea do complexo de Édipo a qual vai ser sucedida pela fase de latência. Porém, Freud afirma seu término se realiza de maneira típica e em conjunção com acontecimentos de recorrência regular. A partir de demonstrações das admoestações e ameaças de castração imposta pelos familiares e a cultura em relação ao órgão genital fálico da criança, Freud conclui que a ameaça de castração ocasiona a destruição da fase fálica, proporcionando, portanto, a entrada no estado de latência e saindo Édipo, “Bem, é minha opinião ser essa ameaça de castração o que ocasiona a destruição da organização genital fálica da criança” ([1924] 2006 p. 195).

Virar as costas para o complexo de Édipo significaria sair dele através da ameaça imposta pelo Pai (ou a própria cultura, o pai é apenas o representante da Lei na cultura). Que o ameaça castrá-lo caso não abra mão dos seus desejos incestuosos, (que teria sido na fase pré-genital -primeira infância-, objeto de investimento libidinal privilegiado e causado uma fixação da libido). Essa ansiedade de ser castrado pelo pai

---

<sup>29</sup> Grande parte das críticas feitas ao falocentrismo freudiano é de fato aqui observável. As construções do complexo de Édipo na menina e no menino evidenciam de forma nítida o falocentrismo vigente em algumas questões que tocam à obra Freudiana.

fará com que o menino abra mão de seu desejo incestuoso, e escolha pela integridade do seu pênis, identificando-se assim, com a imagem fálica paterna, escolhendo-a há como referencial e reprimindo o desejo incestuoso, formando assim, um Supereu, e, por conseguinte depreciando todo o sexo oposto, que seria tido como “castrado”, portanto desprivilegiado.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e o investimento libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta às costas ao complexo de Édipo ([1924] 2006 p. 196).

O recalque seria o destino do complexo de Édipo, e para Freud o limite entre o normal e o patológico. Pois se o Eu não conseguir um recalque do complexo, este persiste em estado inconsciente no Isso e manifestará mais tarde seu efeito patogênico.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925 [2006]), Freud retoma as discussões realizadas anteriormente, com o acréscimo de tentar compreender o problema Edípico na menina, levando em consideração a fase pré-edípica como fundamental na constituição da mulher como ele faz em *Sexualidade Feminina* (1931). Para tal, parte mais uma vez, da constituição bissexual da criança, e a futura passagem para fase de latência provocada pelo período da organização fálica. Mais uma repetição dos efeitos do complexo de castração, no menino como encerramento e aniquilamento do Édipo, e na menina, como ponto de chegada ao Édipo.

Freud nos diz tanto nesse texto (1925 [2006]), como no *Ego e o Id* (1923 [2006]), que foi escrito durante o mesmo período, que os investimentos de objeto são abandonados e substituídos por identificações. A autoridade do pai é introjetada no Eu, aí se formando o Supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto. Porém ele afirma que em todo processo foi preservado o órgão genital, afastando o perigo de sua perda e ao mesmo tempo o paralisando, pois removeu sua função. Este processo daria entrada no período de latência, que interromperia o desenvolvimento sexual da criança, ou seja, a imposição do recalque na sexualidade, dessexualizando o órgão fálico. É via recalque que o Eu afasta-se do complexo de Édipo.

Na escolha da identificação fálico-paterna como saída Edípica, ocorre uma internalização da lei e da moral vigente, formando, portanto um Supereu com uma alta carga de exigências e imposições ao Eu, fazendo com que este renuncie possibilidades

de satisfações da libido. A libido que não possuísse caminho para satisfação, seria direcionada para o trabalho de cultura (1930 [2006]): seu caminho seria a sublimação.

Somente com a formação do Supereu, a norma moral da cultura vigente é internalizada, e seu descumprimento gera sentimento de culpa, “o *imperativo categórico de Kant é, assim, o herdeiro direto do complexo de Édipo*” ([1924] 2006 p. 209), representando à ética e moralidade internalizada no mundo subjetivo do indivíduo. É bom lembrar, que o complexo de Édipo estaria totalmente vinculado a sua problemática anterior genital, e sua futura passagem pra fase de latência, e assim, ao complexo de castração.

#### 4.1 A escolha de objeto

Freud em dois textos específicos analisa a escolha objetal feita pelo homem, e sua relação com o amor. São eles: “*Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens*” (1910 [2006]) e “*Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*” (1912 [2006]).

Assim como, em “*Sobre o narcisismo: uma introdução*” (1914 [2006]), Freud desenvolve a escolha objetal masculina definindo-a como anaclítica, ou por apoio, por propor uma ligação com objeto amoroso baseado nas ligações parentais, ser amado e tratado como foi pela mãe/pai (Freud usa a referência da *mulher que alimenta*), tendo em seus investimentos presentes, semelhanças diretas com a relação que havia com os objetos no passado, e, por conseguinte, uma supervalorização do objeto. Como bem sabemos neste texto Freud usa a escolha narcisista como sendo típico nas mulheres, o objeto é escolhido de acordo com o que se é ou gostaria de ser. Mas, nesse mesmo texto ele diz que não existe um tipo "puro" de escolha. Ambos estão presentes em tanto no Homem quanto na mulher.

Porém nos dois textos anteriores ao *Narcisismo* (1914), “*Um tipo de escolha*” (1910) e “*Sobre a tendência*” (1912), Freud trabalha questões da escolha amorosa feita pelos homens que não desenvolve em 1914, as correntes amorosas e sensuais no amor dos homens.

Em 1912, Freud separa a corrente *amorosa* da *sensual*, a partir da análise empreendida da impotência sexual masculina, um sintoma que seria referente à escolha do objeto empreendida e as ligações de *amor* e *depreciação* ao objeto. Nestes dois

textos, existe uma dificuldade em unir o amor (sentimento) e o desejo (sensual) no mesmo objeto.

Quando existem sentimentos de amor em relação ao objeto, e sua supervalorização psíquica, os desejos sexuais tendem a ser mais fracos. Em contrário, quando há forte ligação libidinal (sensual) com o objeto, as fontes de amor tendem a não existir. O amor estaria então ligado à supervalorização do objeto enquanto o erotismo ligado a sua depreciação.

A corrente *amorosa* representaria a escolha de objeto primária da criança. Essas fixações afetivas que persistiriam por toda infância unem-se mais tarde a corrente *sensual*, porém defrontando-se com obstáculos, já que nesse momento foram erigidas barreiras contra o incesto, forçando que estas primeiras fixações amorosas tornem-se desprovidas de corrente sexual.

Quando ocorre uma superestimação do objeto a tendência é a do desejo enfraquecer, enquanto a depreciação psíquica do objeto é uma condição para emergência do desejo. Realizando então uma cisão do objeto amoroso.

Importante ressaltar que é a partir do sintoma psíquico da *impotência* que Freud tira suas conclusões. Os seus pacientes relatavam que quando existiam traços de amor em relação ao objeto investido ocasionava-se o enfraquecimento da libido, às vezes até a ausência total de ereção.

Em outros pacientes a queixa poderia não ser diretamente ligada à disfunção erétil, porém estaria relacionada à impotência diante da ausência do prazer no ato sexual.

É buscando explicações etiológicas para a impotência psíquica que Freud declara a existência da semelhança entre o objeto amado e a imagem incestuosa da mãe, que impediria assim, a ligação de erotismo com o objeto amado, uma fixação edípica que levaria a predisposição à impotência psíquica.

As características maternas permanecem impressas nos objetos amorosos que são escolhidos mais tarde, e todas elas se transformam em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe ([1910] 2006 p. 174).

Fixações incestuosas estariam no cerne da cisão do objeto amoroso para Freud. A necessidade de recalcar a sexualidade erótica em relação à mãe faria com que a relação com o objeto amado também sofresse uma carga de recalque, portanto, o amor e o desejo erótico não poderiam estar ligados ao objeto amoroso, pois caso contrário, ele

apontaria para o *tabu do incesto*, tão temido na fase edípica, pelo viés do complexo de castração, como vimos nos textos anteriores.

Para tal, é necessário que objeto esteja desvinculado de sua carga amorosa e de identificação com a mãe, para que possa proporcionar excitação erótica.

A restrição, assim, se colocou na escolha do objeto. A corrente sensual, que permaneceu ativa, procura apenas objetos que não remorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas; se alguém causa uma impressão que pode levar à sua alta estima psíquica, essa impressão não encontra escoamento em nenhuma excitação sexual, exceto na afeição que não possui efeito erótico. Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisam amar, de modo a manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam ([1912] 2006 p. 188).

Em (1910 [2006]), Freud nos fala que a sociedade vitoriana com a imposição à sexualidade pré-matrimonial era apontada como determinante para esse quadro. A exigência de castidade até o casamento fazia com que os homens buscassem relações sexuais transgredindo o tabu da castidade e iniciando-se com prostitutas, ou qualquer outra mulher depreciada, criando um laço entre erotismo e depreciação do objeto. Quando chegava o matrimônio os homens se viam desinteressados eroticamente por suas esposas, não sendo desfeito o acordo de respeito à castidade pré-matrimonial mesmo com a efetivação do casamento. Ou seja, o tipo com quem ele iniciou a vida amorosa adulta, seria possível ter prazer sexual (a mulher desvalorizada), enquanto que com a esposa bem estimada, ele ver-se-ia impotente. Em 1910, ele dedica-se a relação esposa/prostituta, da necessidade do homem em sentir ciúmes (necessidade de fazer uma terceira pessoa injuriada, que seria o pai, já que a mãe seria primeiramente sua posse), sua fidelidade masculina, que é compatível em ser transgredida e a ânsia de salvar a mulher.

A pornografia mostra ser escolhida no lugar do erotismo como meio de descarga da sexualidade, por esse mesmo motivo realizado na escolha objetual, por proporcionar ao espectador, uma vivência da sexualidade sem as lembranças dos objetos proibidos/incestuosos.

A pornografia virtual se encontra basicamente restrito ao uso “privado”, “particular”, puramente visual (diante de uma tela de monitor), demonstrando apenas o sexo explícito, sem necessidade de uma história de amor, ou até de diálogos minimamente coerentes para que faça sentido ao espectador online (onde muitas vezes procura as práticas masturbatórias).

É nesse caminho que esses dois textos de Freud tão antigos se mostram extremamente atuais para pensarmos os enredos em pornografia. Essas narrativas seriam antigas estratégias, aos moldes dos bordéis da época vitoriana, de poder vivenciar a sexualidade sem culpa. A diferença existente entre os bordéis vitorianos e os sites pornográficos encontram-se na “corporalidade” desses recursos, pois se na pornografia a prática masturbatória é realizada sozinha<sup>30</sup>, sem a necessidade de um “outro”, nos bordéis a relação se dá pelo menos em dois corpos. Mas isso em nada muda a dinâmica implícita na relação com essas duas “soluções” sociais.

Se em um primeiro momento a partir dos *Três Ensaio*s e da *Moral Sexual* conseguimos pensar a pornografia como uma “solução” social para os componentes recalçados da sexualidade. Agora nestes dois textos, podemos observar que a pornografia nos serve como “solução” para satisfações pulsionais, permitindo vivenciar a sexualidade sem rememoração dos objetos incestuosos, que caso aparecesse, impediria a satisfação, pela carga de recalque que carregam, e pela culpa que acarretaria ligar o desejo sexual ao objeto incestuoso.

Arrisco dizer que a primeira “solução” seria social, a segunda solução “individual”, pois se a primeira demonstra a necessidade da pornografia para manter de satisfazer indiretamente a demanda recalçada, a segunda manteria a corrente do desejo sensual ativa, pois o recalçamento não lhe afetaria, já que a pornografia não é um erotismo, e, portanto, não faz ligações amoroso-afetivas em suas narrativas, pois estaria desprovido de ligações com o objeto incestuoso.

Porém talvez à vista da segunda tópica essa diferenciação entre solução “social” e “individual” da pornografia não faça muito sentido, pois em um texto emblemático da segunda tópica *Psicologia das massas e análise do eu* (1922 [2006]) que se situa um ano depois de *Além do princípio do prazer* (1921 [2006]) e um ano antes de *O Eu e o isso* (1923 [2006]) (dois dos principais textos em que a segunda tópica se estrutura), Freud já colocava que a psicologia individual é também ao mesmo tempo psicologia social (pg. 81, 1922 [2006]).

Texto emblemático da análise psicanalítica que contém em si o famoso capítulo sobre Identificação, este texto nos joga luzes em importantes aspectos da relação do indivíduo com o social, que nos seriam importantes para a compreensão da pornografia virtual.

---

<sup>30</sup> Por isso torna-se facilmente “enfadonha”.

A pornografia é, em si, um material feito para a massa, porém consumido às “escondidas”, no computador em uma aba de navegação “anônima”. Porém este espectador, apesar de assistir pornografia de maneira solitária, tem acesso, a partir da rede, a um material amplamente diversificado e preparado para atender todas as demandas específicas de seus espectadores; algo que dialoga constantemente com milhares de gostos e preferências individuais; que uma vez expostas na pornografia, pode vir a se tornar também preferências e inclinações do grupo diante da pornografia.

Por exemplo, a partir de abas de pesquisa de sites como *xvideos.com* e *pornhub.com*, podemos verificar que o gênero “transgêneros” é de longe o mais acessado por pessoas de nacionalidade brasileira, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, o Brasil seja um dos países em que mais se mata pessoas transgêneros no mundo. E que, por exemplo, na Romênia a palavra mais procurada nos sites pornográficos seja “mãe e filho”. Essas são apenas algumas curiosidades que nos suscitam reflexões interessantes e nos coloca para pensar em o que essas pesquisas poderiam nos dizer e o que elas representam do grupo que procura acessar/produzir esse tipo de categoria.

Assim como a internet pode proporcionar uma maior difusão de gêneros e gostos, ela pode se prender as regras globalizantes capitalistas de consumo, como por exemplo, acontece há muito tempo na TV.

#### Segundo Ceccarelli (2004)

A TV aproveita-se da “liberdade” para ditar padrões sexuais que, às vezes, só é possível por transformarem o erotismo em pornografia. São vários os programas, alguns exibidos à tarde, onde o sexo é discutido abertamente com presença de “especialistas”: psicólogos, psicanalistas, sexólogos e psiquiatras<sup>31</sup>, e outros tantos. Existem também as novelas voltadas para o público adolescente. Em muitos desses programas o que assistimos são modelos estereotipados que ditam como agir em determinada situação, exigem performances sexuais sem falhas, e tantos outros comportamentos normativos e normatizantes dirigidas aos jovens. Aqueles carentes de referências internas utilizarão os modelos exibidos pela mídia como regra de conduta. Ignorando-se, entretanto, a dimensão fantasmática presente nas relações sexuais. Impõem-se respostas concretas dificilmente alcançáveis, pois não leva em conta que o sexual é um mosaico escalonado em diferentes registros, contendo formas de prazer diversos, múltiplos e por vezes inconciliáveis. Isso pode fazer com que o sujeito se sinta desrespeitado, discriminado ou até perdido. Em outras situações, a mídia pode oferecer

---

<sup>31</sup> A insaciável curiosidade moderna pela sexualidade que se faz falar em uma tagarelice infundável, onde todos os campos de saberes são convocados a darem seu parecer sobre a “sexualidade”, nos diria Foucault.

“soluções” a conflitos internos assegurando ao sujeito a ilusão de pertencer a um grupo. (2004, pg. 67).

Em outras situações, a mídia pode oferecer “soluções” a conflitos internos assegurando ao sujeito a ilusão de pertencer a um grupo:

A exploração do erotismo tem como consequência banalizar a sexualidade. Banalizar no sentido de tratá-la como se fosse algo igual para todos. E esse “igual para todos”, mais uma vez, é ditado pelas regras do consumo que, como vimos, criam padrões de comportamento e de performances sexuais. Para os que não conseguem responder a essa imposição sem dúvida perversa, existem drogas para corrigir o problema, o que significa que a indústria farmacêutica do “desempenho sexual” não para de crescer (CECCARELLI, 2004, pg. 68).

Vamos continuar nossa reflexão percorrendo o caminho da pulsão, para melhor a entendemos o seu conceito dentro da obra de Freud, investigando seus caminhos, demonstraremos como esse par de opostos (que vimos anteriormente como sensualidade/amor) se expandem de forma geral a outros pares de opostos, que estariam ligados ao conceito de ambiguidade em Freud, como no caso sadismo-masoquismo, voyeurismo-exibicionismo e amor-ódio.

Pares de opostos que estão ligados pelos caminhos da pulsão, como a reversão ao seu oposto, que de certa forma, em nossa pesquisa, parece ter semelhanças com o preconceito sobre pornografia, que por provocar demandas pulsionais recalcadas, ela fornece formações de reação que evocam o seu oposto, como asco e a vergonha.

## 4.2 Considerações sobre a teoria das Pulsões

Freud (1915 [2006]) em *As Pulsões e seus destinos* afirma que para psicanálise um termo a ser definido é o de ‘pulsão’, que pode ser determinado por várias perspectivas:

Em primeiro lugar, do ângulo da fisiologia. Que nos forneceu o conceito de um ‘estímulo’ e o modelo do arco reflexo, segundo o qual um estímulo aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir *de* fora é descarregado por ação *para* fora. Essa ação é conveniente na medida em que, afastando a substância estimulada da influência do estímulo, remove-a de seu raio de atuação ([1915] 2006 p. 123).

Freud afirma que a pulsão pode ser um estímulo imposto à mente, mas ressalta que existem os estímulos de natureza fisiológica que diferem dos estímulos pulsionais. Sobre a distinção o autor aponta que, em primeiro lugar, um estímulo pulsional não

surge do mundo exterior, mas de dentro do próprio organismo. Por esse motivo ele atua diferentemente sobre o psiquismo, e diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo. Freud (1915 [2006]) explica que o estímulo atua como um impacto momentâneo, já a pulsão como um impacto constante, surgindo do interior para o exterior onde o organismo não consegue fugir. Por isso a pulsão ser o limite entre o psíquico e o somático.

Sobre as características do estímulo pulsional, temos:

Sua origem em fontes de estimulação dentro do organismo e seu aparecimento como uma força constante - e disso deduzimos uma de suas outras características, a saber, que nenhuma ação de fuga prevalece contra eles (FREUD, 1915 [2006], p. 124).

O estímulo é um fator endógeno fazendo com que não haja como fugir, e pela percepção biológica em linhas gerais o sistema nervoso tem a função de dominar esses estímulos. Os estímulos externos por sua vez têm a função de afastamento, “isso é realizado por movimentos musculares, um dos quais finalmente atinge esse objetivo e, sendo o movimento conveniente, torna-se a partir daí uma disposição hereditária.”. Com isso, conclui-se que os estímulos externos e os estímulos pulsionais conduziram o sistema nervoso para o desenvolvimento de sua capacidade. (FREUD, [1915] 1969 p. 124-125)

Os termos utilizados para referenciar o termo pulsão são pressão, finalidade, objeto e fonte. Sobre a essência do instinto:

Por pressão [*Drang*] de uma pulsão compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. Toda pulsão é uma parcela de atividade; se falarmos em termos gerais de pulsões passivas, podemos apenas querer dizer pulsões cuja finalidade é passiva (FREUD 1915 [2006] p. 127).

Sobre a finalidade Freud afirma que:

A finalidade [*Ziel*] de uma pulsão é sempre satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas, embora a finalidade última de cada pulsão permaneça imutável, poderá ainda haver diferentes caminhos conducentes à mesma finalidade última, de modo que se pode verificar que uma pulsão possui várias finalidades mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas umas com as outras (FREUD 1915 [2006] p. 128).

As pulsões, afirma Freud (1915), podem ser ‘inibidas em sua finalidade’, quando há processos que progridem a satisfação pulsional inibindo-os ou provocando uma satisfação parcial. O objeto pode servir para satisfação de várias pulsões sendo definido

como coisa que permite a pulsão atingir sua finalidade, se comportando como um elemento variável que proporciona a satisfação, Freud diz que “O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo”.

Por fonte [*Quelle*] de um instinto entendemos o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por uma pulsão. Não sabemos se esse processo é invariavelmente de natureza química ou se pode também corresponder à liberação de outras forças, por exemplo, forças mecânicas (FREUD 1915 [2006] p. 131).

Em compreensão sobre as variedades sobre a pulsão temos a proposição simplificada de que todos as pulsões são qualitativamente similares, o que os distingue são as suas fontes. Assim, Freud prossegue sua inquietação a respeito de quantas e quais pulsões devem existir, e propõe a distinção de dois grupos: as *pulsões do eu (ou auto conservação)* e as *pulsões sexuais* (as metas das pulsões sexuais geram desprazer para as pulsões do eu). A proposta advém da evolução da psicanálise que Freud resgata desde as neuroses que revelou o conflito entre as exigências da sexualidade em conflito com a consciência. Freud alega ter tido dúvidas acerca da classificação e diferenciação das pulsões a partir do material psicológico, e diz que para complementar essa conjectura é necessário à colaboração de outros ramos científicos.

Freud (1915) discute a participação da biologia, mas ressalta que a psicanálise tem produzido informações aceitáveis sobre as pulsões estudadas mais profundamente nas neuroses servindo como base para o nosso estudo das pulsões do eu. O Freud diz sobre as pulsões é que:

São numerosas, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcança uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do ‘prazer do órgão’, somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como pulsões sexuais. Logo que surgem, estão ligadas as pulsões de autopreservação, das quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelas pulsões do eu. Parte deles permanece associada as pulsões do eu pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida a capacidade de agir vicariamente uns pelos outros, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais - isto é, capazes de ‘sublimação’ (FREUD 1915 [2006] p. 131).

Após a demonstração da totalidade das pulsões Freud especifica as vicissitudes citadas acima, enfatizando a reversão ao seu oposto e o retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, retirando as outras duas (recalque e sublimação). Freud (1915) considera essas vicissitudes como caminho das pulsões.

Quando uma pulsão se reverte e se transforma em seu contrário, podem ocorrer dois processos diferentes: alterando a atividade para passividade ou reversão de seu conteúdo. A transformação de atividade para passividade pode ser exemplificado nos dois pares: “sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo”. Já a inversão do seu conteúdo afeta apenas as metas das pulsões. A finalidade ativa (torturar, olhar), é substituída pela finalidade passiva (ser torturado, ser olhado). O conteúdo poderia ser encontrado no caso do amor e ódio.

O retorno de uma pulsão em direção ao próprio eu do indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio eu do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. A observação analítica, realmente, não nos deixa duvidar de que o masoquista partilha da fruição do assalto a que é submetido e de que o exibicionista partilha da fruição de [a visão de] sua exibição (FREUD, 1915 [2006] p 132).

Dessa forma Freud explica que a cerne do processo está pautado na transformação do objeto, que, todavia não altera a finalidade. Na exemplificação o autor mostra o retorno em direção ao eu do indivíduo e que as alterações da atividade em passividade concordam e discordam. Os estudos mostram que para um par de opostos como o sadismo-masoquismo, o processo se constitui em três fases:

(a) O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre outra pessoa como objeto. (b) Esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Com o retorno em direção ao eu, efetua-se também a mudança de uma finalidade pulsional ativa para uma passiva. (c) Uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto; essa pessoa, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade instintual, tem de assumir o papel do sujeito (FREUD, 1915 [2006] p. 133).

Segundo Freud a fase (b) caracteriza uma mudança em que na pulsão sádica, como por exemplo, na neurose obsessiva, o sujeito passa a retornar para seu eu a agressividade de forma passiva para com a outra pessoa, assim o desejo de torturar altera-se para a autotortura. A fase (c) se caracteriza geralmente como masoquismo, neste caso a satisfação acompanha a forma do sadismo original, o eu passivo diante do sujeito estranho assume o papel dominador para realização da fantasia. O masoquismo primário tende a ser originado do sadismo.

Essa mudança de finalidade provoca uma indefinição do sadismo que agora perpassa pela circunstância de que essa pulsão tem a finalidade de humilhar e dominar e provocar dor. Neste mesmo texto, Freud comenta que a psicanálise pareceria demonstrar que infligir dor não desempenha um papel entre as ações intencionais originais da pulsão. A respeito disso afirma que uma criança sádica não tem pretensão ou percepção de praticar atos dolorosos, somente após a mudança para o masoquismo, onde a dor se adequa para proporcionar uma finalidade masoquista passiva, que a criança percebe, visto que esse sujeito sente as sensações de dor e sensações desagradáveis. Para o masoquismo a dor é o foco principal do prazer, sendo a finalidade pulsional do sujeito anteriormente sádico.

Uma vez que sentir dor se transforme numa finalidade masoquista, a finalidade sádica de causar dor também pode surgir, retrogressivamente, pois, enquanto essas dores estão sendo infligidas a outras pessoas, são fruídas masoquisticamente pelo sujeito através da identificação dele com o objeto sofredor (FREUD, 1915 [2006] p. 134).

Assim Freud prossegue com a análise de outro par de opostos, as pulsões com finalidade de olhar e exibir-se chamado de voyeurismo e exibicionismo.

Aqui novamente podemos postular as mesmas fases como no exemplo anterior: - (a) O olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho. (b) O desistir do objeto e dirigir a pulsão escopofílica para uma parte do próprio corpo do sujeito; com isso, transformação no sentido de passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade - a de ser olhado. (c) Introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele. Também aqui dificilmente se pode duvidar de que a finalidade ativa surge antes da passiva, de que o olhar precede o ser olhado. Para o início de sua atividade, a pulsão escopofílica é autoerótica; ele possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que a pulsão é levada, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem - fase (a). Essa fase preliminar é interessante porque constitui a fonte de ambas as situações representadas no par de opostos resultante, uma ou outra dependendo do elemento modificado na situação original (FREUD, 1915 [2006] p. 135).

Freud (1915) explica e caracteriza a atividade da pulsão voyeurística, para, além disso, mostrar a progressão do sujeito que apresenta voyeurismo ativo para o exibicionismo, por exemplo, “Alguém olhando para um objeto estranho (voyeurismo ativo) e diferente de um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo)”. Neste caso não há sadismo e em ambos os exemplos Freud afirma que a reversão do sujeito de ativo para passivo e um retorno em direção ao

sujeito faz com que tanto a fase auto erótica como ativa e a passiva final coexistam baseados no mecanismo de sua satisfação.

Freud faz uma metáfora comparando as fases da pulsão ao vulcão e suas ondas de erupção sucessivas isoladas, sendo homogênea enquanto durar. Freud postula que:

A primeira erupção original da pulsão como se processando de forma inalterada, sem experimentar qualquer desenvolvimento. A onda seguinte seria modificada desde o início - sendo transformada, por exemplo, de ativa em passiva -, e seria então, com essa nova característica, acrescentada à onda anterior, e assim por diante. Se fôssemos então proceder a um levantamento do impulso pulsional desde seu começo até um determinado ponto, a sucessão de ondas que descrevemos inevitavelmente apresentaria o quadro de um desenvolvimento definido da pulsão (FREUD, 1915 [2006] p. 137).

Para Freud a observação no período anterior ao desenvolvimento de um impulso, pode ser analisada a partir do seu oposto (passivo), fazendo o que chamamos de ambivalência, esta por sua vez varia conforme o grupo de indivíduo. Neste sentido as pulsões e a permanência das suas fases intermediárias facilitam o entendimento sobre as pulsões.

Freud então denomina a fase inicial do desenvolvimento do eu, quando suas pulsões sexuais descobrem satisfação autoerótica, de 'narcisismo'. Quando autor trata do indivíduo voyeurista sendo o objeto do voyeurismo, classifica-se como exibicionismo ou como sendo uma formação narcisista, se a pulsão voyeurística desenvolver-se, o narcisismo é ultrapassado. Se o sujeito desenvolver a pulsão voyeurística passiva, contudo, aumenta o desejo pelo objeto narcisista.

A alternância do sadismo para o masoquismo retorna ao objeto narcisista. Sobre isso Freud afirma que:

E em ambos esses casos [isto é, no voyeurismo passivo e no masoquismo] o sujeito narcisista é, através da identificação, substituído por outro eu, estranho. Se levarmos em conta a fase do sadismo preliminar e narcisista que construímos, estaremos aproximando-nos de uma compreensão mais geral - a saber, que as vicissitudes pulsionais, que consistem no fato de a pulsão retornar em direção ao próprio eu do sujeito e sofrer reversão da atividade para a passividade, se acham na dependência da organização narcisista do eu e trazem o cunho dessa fase. Correspondem talvez às tentativas de defesa que, em fases mais elevadas do desenvolvimento do eu, são efetuadas por outros meios (FREUD, 1915 [2006] p.139).

Freud (1915) dá continuidade nas discussões sobre as pulsões de forma a ressaltar também as pulsões auto-eróticas afirmando a importância da fonte orgânica (parte do corpo do sujeito) de acordo com a forma e a função do órgão, ou seja, a fonte

nesse caso permite uma melhor visualização que define para o sujeito da finalidade pulsional seja para passividade seja pra atividade (questões relativas aos *Três ensaios de 1905*, que com esse texto sobre as pulsões de 1915, sofreu acréscimos e alterações).

Um conteúdo de uma pulsão é mutável se analisarmos isoladamente a antítese amor e ódio, pois para Freud ambos possuem o mesmo objeto sendo sentimentos comportados de forma ambivalente. O autor explica que no primeiro caso amar-se a si próprio se comporta como narcisismo; se houver substituição do sujeito e do objeto por um indivíduo alheio a finalidade varia entre ativa de amar ou a passiva de ser amado. Portanto para Freud há o surgimento de três polaridades: Sujeito/Objeto, prazer/desprazer e ativo/passivo.

A antítese eu-não-eu (externo), isto é, sujeito-objeto, é, como já tivemos oportunidade de dizer, lançada sobre o organismo individual numa fase inicial, pela experiência de que pode silenciar os estímulos externos por meio de ação muscular, mas é inerme contra estímulos pulsionais. A relação do eu com o mundo externo é passiva na medida em que o primeiro recebe estímulos do segundo, e ativa quando reage a eles.. A junção da atividade com a masculinidade e da passividade com a feminilidade nos defronta, na realidade, com um fato biológico, mas não é de forma alguma tão invariavelmente completa e exclusiva como tendemos a presumir (FREUD, 1915 [2006] p. 140).

Para Freud, existem pontos comuns em que as polaridades convergem. “Originalmente, no próprio começo da vida mental, o Eu é caracterizado com as pulsões, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo”. Nesse caso podemos atribuir essa ação como ‘narcisismo’, a para a aquisição de satisfação, de ‘autoerótica’, o mundo externo não satisfaz nem interessa, por isso o Eu seria classificado com o prazeroso e o mundo externo como deprazer se o pensarmos como fonte de estímulo. No oposto do amor o Eu somente se ama e é indiferente ao mundo externo (FREUD, 1915[2006], p.140-41).

Assim, o ‘eu da realidade’, original, que distinguiu o interno e o externo por meio de um sólido critério objetivo se transforma num ‘eu do prazer’ purificado, que coloca a característica do prazer acima de todas as outras. Para o eu do prazer, o mundo externo está dividido numa parte que é agradável, que ele incorporou a si mesmo, e num remanescente que lhe é estranho. Isolou uma parte do seu próprio eu, que projeta no mundo externo e sente como hostil. Após esse novo arranjo, as duas polaridades coincidem mais uma vez: o sujeito do eu coincide com o prazer, e o mundo externo com o deprazer (com o que anteriormente era indiferente) (FREUD, 1915 [2006] p. 141).

Para Freud no decorrer da fase do narcisismo primário surge o “eu do prazer”, para ele o mundo externo divide-se em agradável (o próprio Eu), e desagradável realidade externa, que incorpora o objeto estranho ao Eu. O objeto estranho vem a ser odiado pelo Eu ainda que seja fonte de prazer. A indiferença proporciona a polaridade Eu/mundo externo e amor-ódio produz a polaridade prazer-desprazer sendo uma polaridade ligada à outra.

Quando a fase puramente narcisista cede lugar à fase objetal, o prazer e o desprazer significam relações entre o nego e o objeto. Se o objeto se torna uma fonte de sensações agradáveis, estabelece-se uma ânsia (urge) motora que procura trazer o objeto para mais perto do eu e incorporá-lo ao eu. Falamos da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ esse objeto. Inversamente, se o objeto for uma fonte de sensações desagradáveis, há uma ânsia (urge) que se esforça por aumentar a distância entre o objeto e o eu, e a repetir em relação ao objeto a tentativa original de fuga do mundo externo com sua emissão de estímulos. Sentimos a ‘repulsão’ do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto - uma intenção de destruí-lo (FREUD, 1915 [2006] p. 142).

A relação amor e ódio devem ser estudados segundo Freud pela relação do Eu com os objetos, desse modo, o amor é tratado e incorporado como parte do eu, por ser fonte de sensações agradáveis, enquanto uma fonte desagradável é tida como externa, onde se tende aumentar a distância.

Nas palavras de Freud (1915), “o eu odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades auto preservativas”. Essa auto preservação do Eu faz com que surja de fato o sentimento de ódio. O amor e o ódio apesar de ter conteúdos comuns são de fontes diferentes e sua relação prazer/desprazer os classifica como opostos. (FREUD, 1915 [2006], p. 142).

O amor surge quando o Eu consegue satisfazer auto eroticamente suas pulsões alcançando o prazer através de um órgão, sendo assim narcisista, porém com o tempo temos a adição de objetos externos como fonte de prazer. Pra Freud “Tornar-se intimamente vinculado à atividade das pulsões sexuais ulteriores e, quando estes são inteiramente sintetizados, coincide com o impulso sexual como um todo”. Neste sentido as fases preliminares do amor servem como finalidade até que haja o desenvolvimento.

Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades - um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito

como ambivalente. Na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital, a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (urges) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente. O amor nessa forma e nessa fase preliminar quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio (FREUD, 1915 [2006] p. 142).

Freud denomina a fase inicial do desenvolvimento do eu, quando suas pulsões sexuais descobrem satisfação auto erótica, de ‘narcisismo’. Freud (1915 [2006]) nas discussões sobre as pulsões ressalta as pulsões auto eróticas afirmando a importância da fonte orgânica para o problema econômico prazer/desprazer.

A origem do ódio antecede o amor e surge como o repúdio do Eu narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos, a relação do sujeito com os objetos de desprezo é conectada a partir das pulsões auto preservativas. *As pulsões do Eu ao dominarem a função sexual, como exemplo a organização anal-sádica, imprimem o ódio também à finalidade pulsional.* Sendo assim amor e o ódio se apresentam de forma ambivalente, ou seja, um impulso acompanha o outro. A relação de amor e ódio acompanha o Eu em ambos os casos, porém o ódio tem como sua fonte as pulsões auto preservativas. Sobre essa relação Freud afirma que:

Se uma relação de amor com um dado objeto for rompida, frequentemente o ódio surgirá em seu lugar, de modo que temos a impressão de uma transformação do amor em ódio. Esse relato do que acontece leva ao conceito de que o ódio, que tem seus motivos reais, é aqui reforçado por uma regressão do amor à fase preliminar sádica, de modo que o ódio adquire um caráter erótico, ficando assegurada a continuidade de uma relação de amor (FREUD, 1915 [2006] p. 144).

Para Freud, essa relação representada pela terceira antítese, acarreta a polaridade da atividade e da passividade, sendo assim ele analisa de forma semelhante aos casos de perversão e sadismo. Desse modo o autor conclui que as vicissitudes pelas quais as pulsões passam estão “na sujeição dos impulsos pulsionais às influências das três grandes polaridades que dominam a vida mental”. Por tanto, as três polaridades descritas e analisadas podem ser classificadas como: a atividade-passividade sendo polaridade de caráter biológico, visualizar o eu-mundo externo como a polaridade real, e por fim o prazer-desprazer como a polaridade econômica.

Essa discussão empreendida em 1915 é muito importante, pois ela vai desembocar no quadro das últimas teorias das pulsões, onde ele designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões (a pulsão de morte, que Freud apresenta em 1920 em

*Além do princípio do prazer*). A importância das noções de ambivalência e agressividade, sadismo e masoquismo, tais como se observa na clínica da neurose obsessiva e da melancolia, em conjuntos a compulsão à repetição levaram Freud à criação de uma nova categoria pulsional. Em um texto do mesmo ano *O Inconsciente*, que faz parte dos textos meta psicológicos, ao falar no capítulo III da existência ou não dos sentimentos inconscientes, Freud nos fala da mesma suposição, de uma ideia recalçada tornar-se seu contrário, das formações substitutivas.

Em *Pulsões e seus destinos* (1915 [2006]), o sadismo e o ódio são relacionados com as pulsões do Eu, Freud vê no ódio uma relação mais antiga que o amor, depois da *Introdução ao narcisismo*, ele tende a apagar a distinção entre pulsões sexuais e pulsões do eu (que agora se limitam a modalidades da libido, pulsões do eu e pulsões objetais). O masoquismo primário de 1915 já apontava para um novo dualismo pulsional prestes a surgir. Pois como a psiquismo poderia satisfazer-se pelo desprazer, como no masoquismo? As tentativas de descrever uma gênese da agressividade o levaram para seu novo dualismo pulsional.

Para concluirmos, Freud (1930 [2006]) enfatiza que a cultura tem como tarefa, evitar o sofrimento e oferecer segurança, colocando o prazer em segundo plano, já que para se viver em sociedade o princípio da realidade deve sobressair-se ao princípio do prazer, uma vez que o sujeito tem que restringir as exigências de suas pulsões para adequar-se às normas da cultura, tornando essa satisfação pulsional parcial. Ao tornar restrita a satisfação das pulsões, Freud afirma que se restringem também as possibilidades de felicidade, pois define felicidade como um problema da economia da libido do sujeito, coloca que a possibilidade de felicidade será sempre restringida pela própria constituição, tornando-a subjetiva (FREUD, 1930 [2006]).

Na segunda teoria das pulsões elaborada em (1920) e em um trabalho específico sobre o masoquismo *O problema econômico do masoquismo* (1924 [2006]), as pulsões de vida convivem ao lado das pulsões de morte, estas se dirigem para fora, sobre um objeto externo, quando ela se une a pulsão libidinal, se têm o sadismo propriamente dito, aquilo que não for externalizado da pulsão de morte ao ligar-se com a pulsão libidinal tem-se o masoquismo primário. Assim o sadismo pode ainda retornar para eu, formando o masoquismo secundário. Assim “sadismo” e “masoquismo” foram ligados a duas faces que levam a pulsão de morte, quando dirigidas a um objeto externo é o sadismo, quando permanece no indivíduo temos o masoquismo.

É nesse sentido da organização teórica da psicanálise, que a pornografia, pelo ponto de vista da segunda elaboração teórica da pulsão, poderia carregar a libido para escoar seus componentes agressivos gerados a partir da pulsão de morte, que visam à fantasia pornográfica como componente libidinal. Quando reconhecidos esses componentes agressivos, dependendo de pessoa para pessoa, pode gerar tanto o masoquismo moral (culpa) ou formações reativas, como pode provocar o livre fluxo de excitação e escoamento das tensões sexuais internas, e, por conseguinte, manter o mundo fantasmático do sujeito ativo. Apesar de não ter explorado suficientemente a segunda tópica da pulsão e sua relação com a pornografia, penso que a partir da segunda tópica, podemos ter uma leitura diferente da pornografia. Esta interpretação pode servir como investigação para futuras pesquisas em pornografia.

Se a pornografia na internet é procurada como um objetivo de descarga das tensões internas como meio de sobrevivência do polimorfismo da sexualidade parcial, ela não estaria à parte e excludente da dinâmica da segunda teoria das pulsões. Isso sem nos referirmos e nos aprofundarmos na questão primordial ao dualismo pulsional, que seria a “compulsão a repetição”, que na pornografia aparece tanto nas repetições de cenas e fantasias a muito esgotadas (os famosos vídeos pornográficos clichês), como nas repetições masturbatórias que a pornografia pode ter como finalidade.

Veremos então, no próximo capítulo, qual seria o caminho da pornografia, e se ela teria algo em comum com a sublimação e quais efeitos reativos ela faz surgir quando coloca a sexualidade como tema central em sua narrativa.

### **4.3 Considerações sobre sublimação e os caminhos da pornografia.**

Freud faz a primeira alusão à sublimação no período considerado como pré-psicanalítico, sendo encontrada em 1897 numa das cartas dirigidas a Fliess (Carta 61 – Rascunho L) em que o termo é empregado em associação a construções fantasiosas, mas ainda sem propriamente uma elaboração conceitual, e como defesa em relação à sexualidade. Assim, a sublimação neste momento, sem ser claramente diferenciada do recalque, tem a função de promover esquecimento de lembranças dolorosas. Esta conotação de defesa em relação ao sexual associada à sublimação é fruto da concepção de Freud sobre a sexualidade, o conflito psíquico e o adoecimento neurótico no início de sua obra (Castiel, 2007). Este período foi marcado pela produção de conflito em função

da dicotomia, presente na chamada primeira teoria das pulsões, entre satisfação sexual e conservação do eu, com a necessidade da renúncia ao sexual levando à neurose.

Freud considera as atividade artística e a investigação intelectual como principais atividades da sublimação. Para Nasio, “a sublimação frequentemente é considerada, pelos psicanalistas, como uma noção distanciada da prática clínica mal articulada no seio da teoria e conotada em um sentido geral, estético, moral ou intelectual” (1997 p. 31).

Mesmo assim, o referido autor ainda cita que este termo é utilizado de forma abusiva e num campo geralmente de duplo sentido, um deles sendo mais técnico e outro conceitual. Deste modo, sendo este conceito imprescindível para que as obras criadas pelo homem, tanto artísticas, científicas ou esportivas, apresentem suas produções explicadas por meio de uma força sexual proveniente de uma fonte pulsional, ou seja, as energias e forças sexuais são os pontos de partida dos processos criadores.

No texto da *Moral Sexual cultural* (1908 [2006]), apontava as restrições à vida sexual, impostas pela cultura moderna, como causadoras das neuroses, e assinalava que uma pequena parte das pessoas é capaz de sublimação; o resto adoece. A dessexualização indica que o processo sublimatório promove uma saída diferente daquela produzida pelo recalque.

Há, também, outro conceito a respeito de sublimação que, no caso, esta seria o modo de amenizar e abrandar as forças sexuais:

É nesse sentido que Freud, desde o início de sua obra, considera que a sublimação é uma das defesas contra a irrupção violenta do sexual, ou, como escreveria vinte anos depois, como uma das modalidades de defesa opostas à descarga direta e total da pulsão. (NÁSIO, 1997, p. 88).

Deste modo, verifica-se que há duas abordagens freudianas de sublimação: uma na qual a pulsão é o centro de toda expressão criativa, e outra na qual a amenização da pulsão seria um caminho para a criação.

O referido autor comenta a respeito das cartas de Freud para Fliess, pelo meio das quais ele concluiu que a causa da histeria era uma vontade consciente de que um enfermo esquecesse a respeito de uma sedução paterna de caráter sexual e, para evitar esta lembrança, o indivíduo histérico cria histórias relacionadas à lembrança que deseja afastar, sublimando, deste modo, tais lembranças e criando uma versão mais aceitável das mesmas para que, dessa maneira, o acontecimento sexual recalcado seja levado ao

seu eu. Deste modo, pode-se afirmar que a sublimação atua como uma função de defesa que age sobre uma lembrança sexual intolerável.

Freud nos diz outro aspecto da sublimação no qual o indivíduo apresenta uma defesa. Trata-se da análise, quando o paciente luta contra os excessos de transferência amorosa, ou seja, quando a paciente oculta suas emergências amorosas em relação ao analista.

Em outras palavras, há um investimento libidinal em relação ao objeto erógeno, que seria o analista e, o processo de sublimação é desenvolvido de maneira lenta e gradativa, parecido em como ocorre no trabalho do luto e, tal qual, para que essa atividade dolorosa seja superada, o tempo se faz necessário para que se encandeiem as múltiplas representações do pensamento inconsciente.

Em outro aspecto, Freud considera a sublimação relacionada ao sexual, sendo que, este sexual é visto como uma pulsão que necessita ser satisfeita de imediato, pois, como Nasio (1997, p. 81) lembra, “(...) a pulsão jamais consegue tomar o caminho da descarga direta e total, porque o eu, temendo ser esmagado, opõe-lhe uma ação defensiva”.

O fluxo pulsional pode ser impedido pelo recalçamento, dando lugar aos sintomas neuróticos. Tal fluxo também pode ser causado quando o Eu desinveste o objeto externo, e transfere o investimento para a fantasia. Outro modo de mudança do fluxo pulsional seria a inibição pura e simples, sendo a pulsão transformada em afabilidade e ternura. Ainda é citado um último impedimento do fluxo pulsional que, nesse caso, é levado à sublimação, sendo a pulsão, deste modo, levada a satisfação sexual e, dessa maneira, é posta a serviço de uma finalidade social, sendo esta artística, intelectual ou moral. Ou seja, a sublimação ocorre por meio da relocação da pulsão em objetos e objetivos sexuais por objetos e objetivos não sexuais. Elas são alimentadas pelo sexual, apesar de não servirem de maneira manifesta aos seus objetivos sexuais.

A pulsão sexual coloca à disposição do trabalho de cultura quantidades de força extraordinariamente grandes, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação. (FREUD, 1930 [2006], p. 193).

Nasio (1997) distingue a sublimação da pulsão em dois tipos: primeiramente uma pulsão sublimada a qual preserva a qualidade sexual de sua energia, e outra que

sempre está viva, ou seja, a pulsão sempre é sexual por causa de sua fonte que, também é sexual.

Assim, Freud (1915 [2006]) descreve a sublimação como uma plasticidade, maleabilidade da força pulsional, sendo a capacidade de trocar um alvo sexual por outro não sexual, ou seja, é a troca de uma satisfação por outra.

Nasio (1997) indica que a partir de Freud as afirmações primeiras do psiquismo são estabelecidas através do que é introjetado como bom, constituindo os traços unários, representantes de coisa, no fugaz momento em que a vivência de ser objeto para a demanda alheia pode ser significada como boa. Quando o encontro entre demanda pulsional e objeto não está mais na ordem de uma valência positiva – caracterizando um mau encontro no qual este objeto já não mais satisfaz tal demanda – ocorre à negação destas afirmações primeiras e a produção do que fica de fora, do que é excluído do campo representacional, daquilo que cai como resto e escapa à simbolização, validando os representantes de coisa como sendo da ordem do simbólico. Na sequência, o eu-realidade definitivo pode iniciar sua infindável busca pelo reencontro do objeto miticamente perdido, viabilizando o investimento em objetos da realidade que possam representar, sempre temporariamente, o objeto primordial.

Um exemplo que Freud cita é o da curiosidade sexual sublimada, o que acontece no caso de crianças que são curiosas e apresentam a direta expressão da pulsão voyeurista, visto que a curiosidade sexual acontece quando a criança extrai o prazer de descobrir os genitais ocultos pelo corpo feminino, e, assim completando a curiosidade da imagem completa de um corpo feminino desnudo e, no adulto, graças à sublimação, pode tornar-se desejo de um saber mais global. Alguns exemplos como este Freud nos fala em *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908 [2006]). Além disso, Freud reconhece que as primeiras inquietações do pensamento advêm da curiosidade sexual infantil e que são questões que permeiam o intelecto infantil, e dizem respeito às origens, principalmente de onde vêm os bebês, a diferença sexual e sua representação nos desejos dos pais (DIAS; CECCARELLI; MOREIRA, 2016).

Do ponto de vista de 1915 e da teoria do narcisismo, existem dois processos na sublimação, em um dos processos, para que se produza a sublimação requer a intervenção do eu narcísico. Tem-se em mente que a origem sexual nunca é abandonada pela libido sublimada, então, na sublimação, não se diz respeito apenas a “dessexualizar globalmente” a pulsão, como também a “dessexualizar” o objeto. Tal dessexualização ocorre por meio da diminuição ou erradicação do investimento libidinal que incide em

um determinado objeto que seja considerado erótico para que, assim, esse investimento seja posto em outro objeto não sexual e, desse modo, consegue-se a satisfação por um meio não sexual, então, esse alvo não sexual acaba sendo o objeto de satisfação sexual direta e, esse efeito dá lugar à gratificação narcísica do artista, e este fato contribui para atividade criadora de sua pulsão sublimada.

É importante ressaltar que nem toda dessexualização é uma sublimação, mas toda sublimação é uma dessexualização, ou seja, há dessexualizações que não estão ligadas à sublimação.

O outro processo cita que o ideal do eu inicia e orienta a sublimação, ou seja, ela é incapaz de desdobrar-se sem os valores e os ideais sociais de uma época, os valores sociais de um determinado grupo social influenciam diretamente às criações de formas significantes aos indivíduos e, tais ideias encontram-se interiorizadas e inscritas no eu do criador, sendo parte da composição da sua formação psíquica fundamental, o que Freud denomina de eu.

No destino pulsional sublimatório há satisfação pulsional e de forma diversa daquela existente no recalque – a sublimação é considerada por Freud (1915 [2006]) como “mais evoluída” exatamente por prescindir ao recalque. Havendo tal satisfação, o sexual não se ausenta da sublimação e a libido é redirecionada através do ideal de eu para novos objetos socialmente valorizados. Com esta formulação, é inevitável a constatação da necessária passagem do narcisismo primário do eu ideal para a organização do ideal do eu para que a sublimação possa se efetivar, restringindo o processo sublimatório ao campo neurótico.

Então, o impulso criador da obra é desligado do ideal do eu suscitado por meio do processo de sublimação, no qual, uma vez sentido o gozo, é estabelecido o laço entre o artista e os materiais de sua criação, explicando, por meio de Freud, que a sublimação da pulsão não é o recalque, e sim, certo imposto à atividade pulsional, levando seu curso à outra satisfação.

A sublimação pode ser uma resposta à demanda pulsional. Em seu texto *Moral sexual cultura* (1930 [2006]), Freud sustenta que a civilização é a responsável direta pela infelicidade do indivíduo, ou seja, pela doença nervosa, na medida em que ela faz exigências descabidas de renúncias pulsionais. Ainda que alguns sujeitos possam tolerar os limites impostos à sexualidade sem adoecer (via sublimação, por exemplo), outros, incapazes de fazê-lo, recorreriam a doenças ou a transgressões como alternativas pulsionais de vazão à sexualidade (CECCARELLI, 2004).

Porém a renúncia à satisfação pulsional tem um custo elevado e só é suportada caso a cultura forneça formações substitutivas às pulsões recalçadas, entretanto, estas satisfações serão sempre parciais, que causa o mal estar ou a doença nervosa moderna, essas formações substitutas tendem diminuir o constante descontentamento dentro da cultura.

Ora, como vimos nos capítulos anteriores, a pornografia claramente provoca formações reativas como a vergonha e o asco, pelos componentes do polimorfismo da sexualidade infantil que é reativado nas narrativas pornográficas, causando assim, por conta do recalçamento de tais moções sexuais, as formações substitutas que reagem as imagens da pornografia. Nesse sentido ela não é uma sublimação, pois a sublimação como vimos, não é um recalçamento, porém outro meio de satisfação da demanda pulsional. Talvez o “erotismo”, por meio de sua tentativa de ser levado ao esteticismo e a criação, sempre procurando evoluir nas formas mais puras da arte, provenham de um processo de sublimação.

Mas a pornografia “sublimatória” nos parece mais difícil, a pornografia não tende “sublimar” nada, pelo contrário, ela que satisfazer aquilo que se procura “sublimar”, que no caso são as fantasias “erótico-sexuais”. Ela tem como função a tentativa de excitar o espectador, não leva-lo a uma contemplação das formas puras. Não que essa contemplação não possa ocorrer, mas que caso aconteça, seja como efeito secundário do primeiro, que é a livre flutuação e escoamento da energia ligada às fantasias sexuais. A sublimação não é o recalçamento, e toda sublimação é uma dessexualização (consiste no processo de desvio das forças pulsionais sexuais para um alvo não sexual em atividades socialmente valorizadas, diferentemente do recalque, que é outro destino da pulsão). Portanto, nos fica claro a partir da investigação da sublimação que fizemos, pelo menos em um primeiro momento, que a pornografia não tem como função sublimar o sexual, mas sim, expressar o sexual em formas das fantasias por meio das imagens em movimento.

Claro que pode ocorrer à junção da pornografia com certas características da arte sublimatória, ainda mais pensando que essa delimitação de gêneros é sempre limítrofe e complicada, pois qual seria o limite da pornografia como mera ferramenta de excitação, para a pornografia como arte? Vários autores de literatura e arte às vezes parecem brincar com esses limites.

Porém falamos da pornografia na internet que é em sua maioria *hardcore*, com mais herança do começo do cinema do que das referências da literatura erótica clássica.

Seus vídeos geralmente curtos e objetivos, não demonstram nenhuma tentação ao “esteticismo” artístico, salvo algumas exceções, como os filmes da atual diretora sueca de pornografia Erika Lust. E caso a pornografia na internet fosse artística, nada garante que o seu público não tomasse outra coisa como pornográfica, pois como vimos anteriormente, ela vai depender da fantasia de cada um.

É nesse debate que podemos incluir a questão da masturbação com a pornografia, pois a internet nitidamente acentuou de maneira considerável essa relação, recentemente vemos um renovado interesse dos pesquisadores com a questão da masturbação, muito pelo efeito causado com a chegada da internet, que tem causado a quebra de alguns paradigmas e preconceitos em relação à masturbação e a pornografia.

Não que nos outros meios de divulgações das pornografias anteriores à internet, essa relação não acontecia. Como bem nos mostrou Lacqueur em *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation* (2003), essa relação é longa e abrange grande período da idade moderna, tendo início nas divulgações dos romances que incentivavam o sexo solitário e os malefícios que a medicina da época via nessa prática<sup>32</sup>. Tanto o sexo solitário como o autoerotismo masturbatório infantil passaram por perseguições da cultura (o primeiro pela censura literária, o segundo pelos adultos), e provavelmente grandes partes do repúdio à pornografia também derive dessa perseguição relativa à masturbação, ou as fantasias masturbatórias.

Freud nos adverte em *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912 [2006]) que grande parte das atividades auto eróticas masturbatórias sofrem as admoestações dos adultos, levando a criança ao medo da castração relativo aos órgãos que provocam as excitações das atividades masturbatórias. É verdade que muito da pornografia na internet é produzido com a intenção de provocar excitação com intenção de desencadear uma atividade masturbatória, nesse sentido, analogamente aos órgãos erógenos na época do autoerotismo que sofrem repressão, a pornografia poderia estar ligada às representações de culpa e medo da castração que as atividades masturbatórias provocam. Desde os *Três ensaios* (1905 [2006]) Freud delimita as atividades auto eróticas infantis à repressão, pelo seu polimorfismo infantil que não condiz com as

---

<sup>32</sup> Freud coloca que e um dos únicos prejuízos da masturbação é a possível ocorrência do estabelecimento de um padrão psíquico, segundo o qual não há necessidade de tentar alterar o mundo externo a fim de satisfazer uma grande necessidade, nesse caso, a necessidade de satisfação sexual. (FREUD, 1912 [2006], p. 269). Apesar de diferente, essa tese guarda certas semelhanças com as teorias das ciências médicas iluministas sobre a masturbação. Diferença que Freud não vê uma mudança orgânica causada pelas atividades masturbatórias, mas sim um “acomodamento psíquico”.

metas da cultura (que exige um monomorfismo sexual dos indivíduos). Nessa ideia de pornografia, ela nos parece ser uma tentativa de poder manter esse autoerotismo polimorfo da infância.

No caso do Homem dos ratos em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909 [2006]) Freud fez um importante comentário no qual podemos compreender a relação entre a masturbação infantil e o sentimento de culpa deles advindos:

A masturbação infantil atinge uma espécie de clímax, via de regra, entre as idades de três a quatro ou cinco anos; e constitui a mais evidente expressão da constituição sexual de uma criança, na qual se deve buscar a etiologia das neuroses subsequentes. Logo, sob esse disfarce, os pacientes ficam atribuindo a culpa por suas doenças à sua sexualidade infantil, e têm toda razão de fazê-lo. Por outro lado, o problema da masturbação torna-se insolúvel se tentarmos tratá-lo como uma unidade clínica e esquecermos que pode representar a descarga de toda variedade de componente sexual e de toda espécie de fantasia às quais tais componentes possam dar origem. Os efeitos prejudiciais da masturbação são autônomos – ou seja, determinados por sua própria natureza – apenas em um bem pequeno grau. São, em sua essência, meramente parte e parcela da significação patogênica da vida sexual, como um todo, do indivíduo. O fato de muitas pessoas poderem tolerar a masturbação – ou seja, determinada porção deste ato – sem prejuízo, mostra apenas que a sua constituição sexual e o curso da evolução de sua vida sexual foram de tal forma a permitir-lhes exercer a função sexual dentro dos limites daquilo que é culturalmente permissível; ao passo que outras pessoas, de vez que sua constituição sexual foi menos favorável, ou perturbado o seu desenvolvimento, caem doentes em consequência de sua sexualidade – isto é elas não conseguem alcançar a necessária supressão ou sublimação de seus componentes sexuais sem recorrerem a inibições ou substituições. (FREUD, 1909 [2006], p. 177-8).

Ou seja, Freud nos diz que a masturbação é uma manifestação universal da sexualidade infantil e seus aspectos prejudiciais não se referem ao ato masturbatório em si, mas aos conflitos que animam as fantasias inconscientes, não sendo necessário um combate ao ato masturbatório, mas sim a análise dos conflitos geradores de fantasias, inibições e sintomas. Pela sexualidade estar envolta com processos psíquicos inconscientes, as fantasias e os erotismos estariam sempre a se confundirem com culpas, angústias e aos medos. São essas fantasias que sustentam as atividades masturbatórias, e que podem tanto levar a excitação, como a culpa.

Pois para que a atividade masturbatória seja auto erótica ela deve obter o prazer em uma parte do corpo. Dessa forma, a masturbação acompanhada de imagens ou fantasias não é auto erótica (CECCARELLI, 2016).

Continuando no *Debate sobre a masturbação* (1912 [2006]), Freud nos diz que a masturbação não deve ser igualada à atividade sexual em geral, “ela é uma atividade sexual sujeita a certas condições limitantes” (p. 269), assim como o autoerotismo infantil, as satisfações masturbatórias também são parciais, mas diferentemente da sublimação, ela não tem a necessidade de dessexualizar seus conteúdos. Elas não escondem o conteúdo das fantasias sexuais e processos psíquicos que lhe compõem. A masturbação pode também como indica Freud (1912 [2006]), diminuir certa potência e a agressividade nela envolvida, sendo favorável do ponto de vista da cultura, pois facilita a prática, pelos homens da cultura, das virtudes de confiança sexual que lhes incubem, “já que a virtude acompanhada de plena potência é geralmente considerada tarefa árdua” (p. 270).

A meu ver, durante o percurso desses estudos, a pornografia se coloca muito mais ao lado de uma satisfação parcial do polimorfismo auto erótico infantil do que ao da sublimação. Nesse caso, as semelhanças com a masturbação, como suporte das fantasias pornográficas é muito mais forte do que as semelhanças que a pornografia teria com uma contemplação sublimatória estética característica do erotismo. E ainda poderíamos falar de uma satisfação performática que a pornografia permite ao representar a sexualidade de variadas maneiras.

Outra semelhança entre a pornografia e a masturbação se refere às questões dos vícios e das adições. Muito se diz sobre a pornografia como viciante ou provocadora de vício, aqui perguntamos se esse conceito não se refere mais a masturbação do que a pornografia, pois se revermos na literatura pré-psicanalítica o primeiro conceito de masturbação em Freud, numa carta à Fliess, de 22 de dezembro de 1897, encontraremos que:

"Comecei a compreender que a masturbação é o grande hábito, o 'vício primário', e que é somente como sucedâneo e substituto dela que outros vícios - álcool, morfina, tabaco, etc. - adquirem existência (FREUD, 1996 [1897], p. 367)".

Desse conceito de masturbação pode-se desprender a ideia da masturbação como sucedânea às toxicomanias, referindo-se a ela como “pulsão sexual adictiva”, ligada ao auto erotismo infantil, que substitui os objetos narcísicos de satisfação do eu (os zonas erógenas), pelas substâncias químicas, mudando a fonte de prazer sem necessariamente ocasionar mudança na dinâmica psíquica auto erótica infantil.

Nesse sentido a pornografia na internet serviria como um apoio às fantasias masturbatórias. Quando há culpa em relação à masturbação, ela se deve não ao ato masturbatório, mas às fantasias inconscientes que animam. Ou seja, o conjunto das fantasias que a pornografia expressa estaria ligada às atividades masturbatórias, que como vimos no Freud pré-psicanalítico é o primeiro de todos os vícios, “as práticas sexuais na internet nada mais são do que técnicas masturbatórias contemporâneas.” (CECCARELLI, pg. 165). Lembremos também, que no contexto da cultura ocidental, a masturbação foi sempre perseguida pelos seus supostos “riscos”, portanto, a mesma perseguição aplica-se para a pornografia. Essa leitura pode complementar a compreensão das atitudes reativas frente à pornografia.

(...) esses posicionamentos em relação à masturbação fazem parte do imaginário da cultura ocidental e servem como referências identificatórias na constituição do Supereu, o que não será sem consequências na vida sexual do sujeito. (CECCARELLI, 2015, pg. 163).

Aqui talvez se encontre uma carência da bibliografia psicanalítica para lidar com o assunto, poucos relatos clínicos e análises sobre o tema da masturbação e a pornografia são encontrados da literatura. Pouco se tem de investigações clínicas que façam suporte às elucubrações teóricas aqui mencionadas. Penso que um trabalho específico sobre masturbação e pornografia seria oportuno, com base em relatos e entrevistas, muito ainda pode-se especular e teorizar sobre este assunto. Interessante observar que mesmo com o renovado interesse que a internet proporcionou sobre estes temas, pouco se avançou em relação à compreensão das dinâmicas psíquicas das fantasias pornográficas e a masturbação. Mesmo como ambas se oferecendo como suporte às satisfações bem diante das nossas mãos, muitos mitos ainda as circundam.

Se falta pesquisa sobre este tema, não podemos falar o mesmo de suas divulgações na rede, em uma rápida busca no google, digitei “pornografia” e encontrei 27.500.000 resultados, quando digitei “masturbação” foram encontradas 18.800.000<sup>33</sup>. Se as bocas não falam os dedos não calam.

---

<sup>33</sup> Dados colhidos em 16/03/2017

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso empreendido em nossa pesquisa tentou proporcionar a compreensão de alguns aspectos importantes do pensamento freudiano em relação à pornografia, um dos pontos nodais da investigação foi acerca da dinâmica própria que a pornografia encontra em sua produção que visa à reprodução e que passa a permitir seu acesso dentro da cultura. Cruzando aspectos da teoria da sexualidade freudiana com os seus conceitos de cultura, fomos capazes de arriscar-nos a vislumbrarmos algumas hipóteses as quais, longe de tentarem serem respostas dogmáticas, procuram ser uma espécie de apontamento para as problematizações que podem ser pesquisadas futuramente.

Apesar de Freud não ter uma pesquisa própria sobre pornografia, não deixamos de reconhecê-la dentro do importante conjunto teórico que ele disponibiliza sobre a sexualidade e a cultura. Assim procuramos entender a pornografia no tecido freudiano de três maneiras possíveis, do ponto de vista da dinâmica da sexualidade exposta nos *Três Ensaio*s (1905 [2006]), do ponto de vista da cultura como *Moral sexual cultural* (1908 [2006]) e o *Mal estar na cultura* (1930 [2006]), e por último pela ótica da pulsão como em *Pulsão e seus destinos* (1915 [2006]), *O problema econômico do masoquismo* (1924 [2006]). Ainda especulamos um debate sobre os caminhos da pornografia com a *sublimação* e a relação da pornografia com as atividades masturbatórias em *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912 [2006]).

Tomamos a ideia de que o polimorfismo fundador da sexualidade infantil encontra outros objetos para dar vazão as suas satisfações, usando para si os próprios ganhos da cultura para atingir seus objetivos, no caso da pornografia, esses ganhos seriam a tecnologia e a internet. Chegamos a pensar na hipótese da pornografia sendo uma espécie de equilibradora da homeostase psíquica da massa, ao permitir a livre flutuação das fantasias do grupo.

Chegamos à resposta que por mais funcional que a pornografia possa parecer dentro da cultura (ao permitir a vazão da pulsão, pelas mais diferentes vias), ela carrega resíduos do polimorfismo recalcado, portanto, sofre a carga posterior de repressão pela cultura. As formações reativas c que a pornografia possa vir suscitar em algumas pessoas (os que recorrem à pornografia não têm estes sentimentos), exemplifica esse processo de inversão que constantemente o psiquismo emprega como técnica de defesa frente ao material recalcado. Aqui a lógica é parecida com a da neurose obsessiva e do caráter da anialidade.

A demarcação pela moral cultural daquilo que é considerado como sexualidade “legítima”, bane para a marginalidade os comportamentos polimorfos que antes não eram vistos desta maneira, que antes não haviam sido rotulados. Assim, a pornografia depende que a rotulem como tal, pois ela visa provocar excitação, então o que é pornográfico para um, pode não ser para outro.

Foi assim que pensando na pornografia como “solução” para os componentes ditos “legítimos” da sexualidade, que percorremos os textos freudianos, constantemente tentando demonstrar a insatisfação pulsional como geradora de soluções marginais que possibilitem dar vazão às demandas da pulsão. O tecido teórico freudiano nos coloca de frente com as contradições e conflitos entre a realização da demanda pulsional interna, contra a intensa pressão da demanda externa social. Os objetos virtuais na pornografia servem de investimento alternativo à energia que não se dirige para objetos reais. Nesse caminho, que Freud em “*Terapia analítica*” na sua última conferência das *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise* (1917 [2006]) nos coloca que:

Um neurótico é incapaz de aproveitar a vida e de ser eficiente – e incapaz de aproveitar a vida porque sua libido não se dirige a nenhum objeto real, incapaz de ser eficiente porque é obrigado a empregar grande quantidade de sua valiosa energia, a fim de manter sua libido sob-repressão e a fim de repelir seus assaltos (FREUD, p. 454, 1917 [2006]).

É nesses “assaltos” da libido que a pornografia encontra caminho para construir-se como modalidade narrativa que coloca a libido a disposição de satisfazer-se, escoando “energia” que antes era de objetos reais agora para objetos fantasmáticos, que incluem os virtuais.

Porém a meu ver os melhores resultados que essa pesquisa pode ter disponibilizado se refere ao fato de termos estudados e considerado neste trabalho a pornografia em sua maioria na internet, em sua era virtual. Este fato fez com que víssemos as pluralidades com que a pornografia virtual se manifesta, pois na medida em que qualquer consumidor pode ser um produtor, visto a facilidade de se filmar e de distribuir na rede virtual, o que temos é uma maior democratização das produções. Podemos notar que muito ela se diferencia em certos aspectos de seus antepassados, o cinema pornô e o romance. A pornografia na internet de fato parece ter democratizado mais o acesso às fantasias, abarcando um número muito maior de gêneros e estilos, disponíveis em fácil acesso, apenas a um click de distância.

Objetos capazes de apoiar os arranjos inconscientes do sexual existem desde o momento em que o recalque fundou o inconsciente, e varia de acordo com o momento sócio-histórico: manuais de anatomia, desenhos e artes eróticas,

revistas pornográficas, as diversas formas de literatura, filmes eróticos e pornográficos em cinema pornô, em fita VHS, depois em DVD... Por outro lado, a internet trouxe alguns elementos novos: o anonimato, a possibilidade de acesso instantâneo independentemente do local onde o sujeito se encontra e a diversidade dos gadgets utilizados para esse fim. Não existe mais o constrangimento de se ir a um local especializado, muitas vezes clandestino, para adquirir o material necessário para que a excitação sexual se produza: as salas de bate-papos, as redes sociais, WhatsApp e outros tantos meios, podem ser acessados a qualquer hora e de qualquer lugar — em casa, no trabalho, em deslocamentos, no hotel — e pelos meios os mais variados: computador de mesa, laptop, smartphone, tablets, relógios e outros que estão por vir. (CECCARELLI, 2016 pg. 170).

É possível se fazer uma longa catalogação das fantasias encenadas dentro do cenário *hardcore* virtual e cada vez mais as pesquisas estatísticas de dados online dos sites que servem de *host* para esses devaneios executados ao público, demonstram que seus acessos têm variado como nunca antes a produção pornográfica assistiu. Fazendo com que a indústria se bifurque em vários nichos especializados de práticas. Como já citei, existe a pornografia amadora, gay, bdsm, transgênero, gonzo, fetichista, feminista e muitas outras. O que nos leva a teorizar que durante o percurso desses anos, veremos essa longa lista de catalogações só aumentar, devido ao fato que as fantasias individuais são tão particulares quanto os sujeitos agentes das fantasias.

Nesse pensamento, apontamos que apesar das várias fantasias diversificadas que compõem o quadro pornográfico, existe um mecanismo da sua produção que parece variar com muito menos intensidade, esse mecanismo faz referências ao enredo ou a narrativa que compõem o vídeo pornográfico, ousamos dizer que este “enredo” é praticamente nulo na realidade da internet. Os vídeos pornográficos parecem ser desprovidos de narrativa e uma história que lhe componha, abrindo mão da dramaturgia teatral em prol de um realismo visceral. Talvez daí resida a grande diferença entre o erotismo e uma pornografia, o erotismo deve a história narrativa que lhe compõem o seu aceitação, ao contrário da pornografia que praticamente não contém história narrativa, exceções dos famosos clichês pornôs, o entregador de pizza, bombeiro etc. E com exceção talvez também de alguns poucos diretores pornôs, usei como exemplo, em um capítulo anterior, a diretora sueca feminista Erika Lust.

Talvez nisso resida a grande diferença entre a aceitação do erotismo em detrimento da pornografia. O entrelaçamento de uma história narrativa que ligue afetos entre os personagens serve como um respaldo para que se mostre em decorrência da relação à atividade sexual, enquanto a pornografia não precisa de convenções para

atingir seu objetivo, o erotismo parece usar estratégias retóricas para baixar as guardas da censura, e assim, atingir o ato sexual sem culpa. Cabe repetir: “a pornografia é o erotismo dos outros”.

Interessante observarmos que ao mesmo tempo em que a inexistência de uma chave narrativa é a causa da marginalização do pornô, ela nos parece também o motivo deste ter uma demanda massificada. Como tentamos demonstrar nas interpretações que fizemos de *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912 [2006]), onde a excitação sexual procura objetos desprovidos de ligações amorosas para poder manter-se, pois caso ao contrário, as ligações amorosas poderiam rememorar os objetos incestuosos recalçados, causando culpa e anulação da excitação. Foi assim que observamos a partir de Stoller (1991), que a excitação sexual é uma atividade psíquica complexa e que a pornografia serve como uma fonte de investigação das excitações eróticas da massa.

Pouco a pouco, fomos chegando às conclusões que a pornografia estaria muito mais a favor dos indivíduos inseridos na cultura, do que a favor de uma influência que supostamente prejudica a sociedade, como muitas pesquisas de nosso tempo tentam demonstrar. Isso levando em conta que a pornografia não esconde os componentes agressivos que lhe compõem, pois não é um erotismo e seus conteúdos não escondem as fantasias ambíguas características do psiquismo humano, segundo nossa leitura da segunda tópica das pulsões.

Importante ressaltar os aspectos produtivos da pornografia, pois me recordo que quando ainda na graduação, ao pesquisar pelo tema da pornografia, me dei conta que a maioria dos artigos publicados sobre o tema, era em sua maioria para demonstrar os aspectos “maléficos” e “degenerativos” que a pornografia poderia causar. Entretanto, esses “estudos” não cansavam de apontar o crescente índice do consumo da pornografia em nossa sociedade, e a explosão desse consumo com a chegada da internet. A velocidade que essas pesquisas demonstravam seus resultados era rápida, o diagnóstico simples e fácil, a pornografia influência de maneira negativa o comportamento das pessoas. Muita dessas pesquisas promovidas por instituições religiosas, universidades cristãs e sites católicos<sup>34</sup>, usa em seus métodos dados de “pesquisas” em neurologia

---

<sup>34</sup> Basta colocar no google uma simples pesquisa sobre pornografia para compreender o que estou falando. Aqui vão alguns exemplos dos títulos dos primeiros artigos que encontrei ao digitar “pornografia e internet” no google: “*Pornografia na Internet: A Maldição e a Cura*”, “*Devastado Pela Pornografia na Internet*”, “*Como vício em pornografia está afetando saúde sexual de jovens*”, “*Como superar o vício em pornografia na Internet*”, “*A internet tem 37% de pornografia*”, “*26 razões para parar*”

barata e apelos a salmos bíblicos. Muito comum vermos nesses trabalhos dados colhidos a partir de pesquisadores PHDs “renomadíssimos” que acharam a parte do córtex cerebral que a pornografia poderia destruir, para após esses dados, citarem alguma parte da bíblia sobre as questões relativas à “impureza” da sexualidade. Essas pesquisas assim, se demonstravam parciais e de cunho mais moral do que resultado de raciocínio metodológico.

Porém havia exceções, pesquisas de base foucaultiana e alguns poucos textos de psicanálise colocavam a pornografia enquanto método de pesquisa de outra maneira. Dentro do raciocínio da *Vontade de saber* (1999 [1976]), se pode até desprender essa vontade de pesquisa das instituições religiosas sobre pornografia, de certa forma, elas demonstram como o cristianismo criou técnicas e mecanismos para impor um saber junto aos imperativos morais já existentes. Instrumentos de poder foram produzidos para induzir a confissão das verdades sexuais, desenvolvendo, portanto, a prática da confissão, que visava extrair das pessoas as informações mais íntimas. Era preciso tudo mostrar, procurar sinais dos prazeres da "carne" nos pensamentos, sonhos, imagens e representações.

Essa mesma proposta pode-se estender como crítica aos saberes da psicologia e da psicanálise, ainda como técnicas de regulação e normatização com supostos respaldos de cientificidade a partir das ciências médicas, usando como exemplo a saúde como sendo sinônimo de moralidade, e da doença como imoralidade. As técnicas de confissões ainda perduram, agora no divã de análise. A crescente fome pelo desprendimento de um saber da sexualidade é a base da qual Foucault vai chamar de uma *scientia sexualis*. Mas essa é uma discussão, que como já citei no começo do trabalho, que pode se prolongar durante a obra de Foucault, que flutua em períodos de críticas e concessões, de acordo como seu pensamento avança, pelo menos em relação à psicanálise.

É verdade também que dentro das pesquisas de gêneros a partir de Foucault, encontramos a meu ver, críticas à pornografia mais embasadas. As questões relativas à dominação masculina dentro da pornografia parecem ser os problemas reais causados pela pornografia. A misoginia na pornografia não deixou de existir com a internet, porém a possibilidade de acesso que essa disponibilizou, democratizou a pornografia para vários gêneros. Os sites públicos mais famosos da internet como *xvideos.com* e

---

*de ver pornografia*". Esses são só alguns exemplos, muitos outros seguem a mesma linha desses títulos. Dados colhidos em 22/05/2017.

*pornhub.com*, já registram números de acessos parecidos tanto daqueles que se declaram homens como aqueles que se declaram mulher. Talvez o estereótipo da pornografia como “masculina” derive muito do cinema pornô, que no seu início era em maioria voltado para as produções heterossexuais (as chamadas X-rated industry). Muitas pesquisas sobre pornografia desembocam nos debates de gêneros, e como já citei em uma nota de rodapé anteriormente, as correntes teóricas do feminismo tendem a discordarem entre si em relação às opiniões sobre a pornografia.

Portanto, a base dessa pesquisa foi à bibliografia que fugia a regra das pesquisas sobre pornografia, pesquisas que não demonstravam a inerente degeneração que a pornografia poderia causar, mas que, pelo contrário, demonstram sua produtividade que poderia incitar os corpos e seus prazeres a uma forma de satisfação criativa, na medida em que permitem as vazões de pressões internas da pulsão polimorfa e as satisfações parciais a elas inerentes.

Pela psicanálise, entretanto, encontrei pouco material bibliográfico de pesquisa sobre o tema, as poucas pesquisas que encontrei, eram tentativas de compreender as fantasias que compõem o cenário das narrativas pornográficas, mas pouco se falava do fenômeno em si, que é a pornografia.

Foi nesse sentido que o interesse deste trabalho de certa forma começou com a tentativa desmistificar certos aspectos ligados à pornografia que a colocavam como um problema social, ao mesmo tempo em que, a partir dessas desmistificações, ela se tornou uma fonte de investigação que embarça problematizações ainda muito pouco tateadas pela psicanálise.

Como algo que em muitos lugares é condenável e até censurado, podem em contraponto, terem a maior demanda da rede? Ao invés de focar nas influências da pornografia, achei melhor pensar como ocorre à dinâmica que o fenômeno da pornografia evoca, e o que faz dela ser algo tão reativo em nossa sociedade. Para abordar essa perspectiva, usamos as ferramentas teóricas da psicanálise, demonstrando que por meio do polimorfismo da sexualidade infantil, a pornografia evocaria os resíduos das satisfações parciais anárquicas infantis, na qual por via do recalque, tenderia a formar as funções reativas como vergonha e repulsa.

Tentei demonstrar por um caminho que vai dos *Três ensaios* (1905 [2006]) ao *Moral sexual cultural* (1908 [2006]), os percalços que a sexualidade passa para lidar com as imposições da cultura, que se destacam por terem modos particulares de relações

com as pulsões sexuais, longe de permitirem sua livre flutuação pulsional, acabam por restringir o acesso às satisfações polimorfas.

Como resultado a pornografia é uma reação da própria cultura diante das imposições inerentes a ela mesma, é por isso que o “fenômeno” pornográfico para psicanálise seria uma manifestação cultural, uma “criação”. É nesse sentido que talvez resida a maior força de um provável argumento em favor de uma conciliação da tese foucaultina com alguns pressupostos da psicanálise, pois para a psicanálise a pornografia é também um caminho criativo de produção de verdade, procura a verdade sobre o desejo do sexo e do prazer, não sendo penas uma “vítima” do recalçamento no “ocidente vitoriano”, mas que a partir do recalçamento, existem formas produtivas de incentivar os corpos e seus prazeres, usando as próprias conquistas da cultura (cinema, televisão, internet, revistas, jornais, livros, etc..). Se a pornografia como a conhecemos hoje teve início no séc. XVI com as indústrias de novas técnicas de impressão, isso se deu porque ela soube apropriar-se dessas novas ferramentas que a cultura adquiriu. É por meio das novas tecnologias que a sexualidade pode falar incessantemente.

Sendo assim o próprio material “recalcado” incentiva o sujeito a usar os ganhos culturais que o recalçamento proporcionou para dar via de satisfação para as suas próprias demandas, a partir dos ganhos tecnológicos.

Sendo uma criação dos indivíduos da cultura e produzido para alcançar espectadores, a pornografia reflete intrinsecamente a fantasia da massa em relação a sua própria sexualidade. Ela pode ao mesmo tempo em que fornece uma possibilidade alternativa de vasão aos componentes do polimorfismo da sexualidade, fornecer pistas importantíssimas sobre o como essas fantasias devem atuar no quadro da narrativa pornográfica. Essa foi à ideia que procurei demonstrar e elaborar no capítulo dedicado a leitura dos textos de Stoller.

O psicanalista norte-americano Robert Stoller, foi um dos poucos teóricos da psicanálise que ao enveredar pelo tema da pornografia, descobre nela, uma fonte confiável para investigação da sexualidade humana. Stoller se pergunta, sobre o papel da pornografia na vida erótica dos seres humanos e, ao fazê-lo, traz dados etnográficos importantes em pornografia, buscando exemplos e interpretações, que levam constantemente aos problemas da constituição da vida erótica, enlaçando-a com conceitos como de fantasia, perversão e gênero.

A pornografia reflete aquilo que os sujeitos da cultura querem assistir quando a procuram, então ela não é algo de fora, que “contamina” o espectador, as fantasias ali

postas nada mais são do que o reflexo das fantasias de alguém. Aliás, Stoller (1991) chama atenção para o fato que para as pessoas, qualquer fantasia que não sejam as delas, é taxada como pornográfica, demonstrando uma dificuldade de reconhecimento do erotismo do outro, erotismo é só a fantasia particular de cada um, e a pornografia seriam as fantasias eróticas dos “outros”. Esse modelo demonstra de maneira exemplar as características projetivas das identificações em relação à sexualidade.

Toda aquelas fantasias que são externas aos devaneios individuais são consideradas pornografias, fazendo assim com que não haja apenas uma “pornografia”, mais várias “pornografias”, pois os devaneios individuais que se tornam públicos variam de sujeito para sujeito, fazendo com que não haja um modelo “*standart*” de pornografia, ao contrário das regras da moral cultural que restringem a sexualidade geralmente em apenas uma forma de prazer, a pornografia permite a proliferação de possibilidades de prazeres a partir das fantasias dos outros.

Desenrolando esse raciocínio pudemos chegar à conclusão que os mitos e símbolos que servem de base para a cultura e repercutem diretamente nas representações e fantasias de cada sujeito, podem vir a influenciar diretamente no que seria o pornográfico. Nesse sentido que talvez uma grande lacuna neste trabalho, que não tive a oportunidade de desenvolver de forma mais apropriada, seria como esses mitos de origens influenciaram a erótica da massa. Como exemplo, utilizei o livro “*Moqueca de maridos*” (1997), onde os contos eróticos indígenas refletem um modo de relação com o erotismo que muito se diferencia da relação ocidental.

Neste livro, como bem analisa Michèle Bompard-Porte (2007), as relações de oralidade são muito mais acentuadas no imaginário indígena do que as relações sádico-anais ocidentais. A autora faz essa diferenciação baseando o erotismo do grupo a partir dos órgãos erógenos do polimorfismo infantil (oralidade e analidade), corroborando com hipótese do erotismo e a pornografia serem derivados dos componentes do polimorfismo parcial infantil.

Aqui nossa hipótese das reações reativas à pornografia, como similares as inversões que o recalque opera na sexualidade anal, ganha mais força. Pois, coloco aqui novamente a pergunta que fiz na introdução do trabalho, será que encontramos pornografia em uma tribo indígena como encontramos no ocidente? Ou a pornografia seria o resultado do imaginário sádico-anal ocidental? Nesse sentido os sintomas do recalque da analidade seriam análogos aos sintomas sociais que a pornografia causa na

sociedade de uma forma geral, sendo sua marginalização como apontamentos dessas inversões sádico-anais recalcadas.

A ideia que os órgãos da fase do autoerotismo infantil repercutem simbolicamente de cultura para cultura em diferentes níveis, é um exemplo de como o estudo ainda pouco explorado da pornografia e a leitura de seus rituais e símbolos trazem interpretações interessantes.

Trouxemos outra interpretação para a dinâmica da pornografia ligada à segunda tópica (1920 [2006]), onde os vídeos pornográficos podem servir para carregar a libido de escoar seus componentes agressivos, ligados à pulsão de morte, por meio das fantasias pornográficas.

Esse talvez tenha sido um objetivo paralelo deste trabalho, pensando nas poucas pesquisas realizadas sobre pornografia e nos poucos números de trabalhos interessantes que encontrei sobre o tema. Tentamos demonstrar o máximo possível como ela pode trazer problematizações e resultados interessantes para os pesquisadores sobre sexualidade, antropologia e sobre as mídias em geral. Tentando apontar não para os supostos mecanismos prejudiciais (sem, entretanto, negar seus problemas), mas para a positividade de um fenômeno que ocorre na internet com velocidade e divulgações sem precedentes.

Nesse sentido, por fim, penso que as investigações acadêmicas devem perseguir com a mesma velocidade as problematizações de seu tempo, usando as ferramentas teóricas modernas de investigação como aliadas hermenêuticas nessa empreitada virtual. Espero que esse trabalho sirva de incentivo para futuros pesquisadores que encontrem na pornografia, um tema de investigação instigante.

## Referências

- BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- BOMPARD, Michele. **Literaturas eróticas comparadas: A partir de moquecas de maridos, mitos eróticos**. Rio de Janeiro: Tempo Psicanalítico Vol. 39, p. 96-116, 2007. Trad. Paulo Ceccarelli.
- CASTIEL, Sissi. **A sublimação e a teoria da clínica**. In: Sublimação: clínica e metodologia. São Paulo: Escuta. 2007.
- CECCARELLI, Paulo. **Sexualidade e consumo na TV**. Rio de Janeiro: Psicologia Clínica, V. 12, n. 2, p. 59-68, 2004.
- \_\_\_\_\_. **A patologização da normalidade**. Aracaju: Estudos de Psicanálise, Vol. 33, p. 125-136, julho 2010.
- \_\_\_\_\_. **A pornografia e o ocidente**. Portugal: Revista (In)visível, vol. 1, p. 25-34, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Mitos, sexualidade e repressão**. Ciência e Cultura, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 64, 1, pp. 31-35, 2012.
- CHAVES, Ernani. **Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- CORLISS, Richard. **That Old Feeling: Porn Again**. Revista Times, sete de maio de 2005. Pode ser encontrado em: <<http://www.time.com/time/arts/article/0,8599,1058996-2,00.html>>, (acesso em 20 de dez. 2015).
- DERRIDA, Jacques. **Fazer justiça a Freud - A história da loucura na era da psicanálise**. In: ROUDINESCO, Elisabeth et. al. Foucault: leituras da História da loucura. Trad. Maria Ighes Duque Estrada. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DIAS, H. M; MOREIRA, A. C; CECCARELLI, P. R. **Situação de crise psíquica e desejo de saber**. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 19(1), 70-83, mar.2016.
- DIDEROT, Denis. **Les Bijoux indiscrets**. Paris: Art & Poésie Éditions, 2011.
- ENRIQUEZ, Eugene. **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Revista Ágora, Rio de Janeiro, v. 8 n.2, p.153-174, 2005.
- FERRAZ, Flávio. **Perversão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Genealogia da Ética, Subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FOUCAULT, Michel. **L'Occident et la vérité du sexe**. Le Monde, N. 9885, 5 novembro 1976, pg. 24. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento, 1994.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas ESB**. Rio de Janeiro: Imago, 1969 (Ed. 2006).

\_\_\_\_\_. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: ESB, Op. Cit. V. VII.

\_\_\_\_\_. (1908). **Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna**. In: ESB, Op. Cit. V. IX.

\_\_\_\_\_. (1909). **Notas sobre um caso de neurose obsessiva**. In: ESB, Op. Cit. V.1909

\_\_\_\_\_. (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens**. In: ESB, Op. Cit. V. XI

\_\_\_\_\_. (1912). **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor**. In: ESB, Op. Cit. V. XI

\_\_\_\_\_. (1912). **Contribuições a um debate sobre a masturbação**. In: ESB, Op. Cit. V. XII

\_\_\_\_\_. (1913). **O interesse científico da psicanálise**. In: ESB, Op. Cit. V. XIII

\_\_\_\_\_. (1914). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: ESB, Op. Cit. V. XIV

\_\_\_\_\_. (1914). **Pulsões e suas vicissitudes**. In: ESB, Op. Cit. V. XIV

\_\_\_\_\_. (1914). **Totem e Tabu**. In: ESB, Op. Cit. V.XIII

\_\_\_\_\_. (1917). **Conferências Introdutórias sobre psicanálise (Parte III)**. In: ESB, Op. Cit. XVI.

\_\_\_\_\_. (1918). **Sobre o ensino da psicanálise nas universidades**. In: ESB, Op. Cit. V. XVII

\_\_\_\_\_. (1920). **Além do Princípio do Prazer**. In: ESB, Op. Cit. V. XVIII

\_\_\_\_\_. (1922). **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: ESB, Op. Cit. V. XVIII

\_\_\_\_\_. (1923). **O Ego e o Id**. In: ESB, Op. Cit. V. XIX

\_\_\_\_\_. (1923). **A organização sexual infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)**. In: ESB, Op. Cit. V. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924). **A dissolução do complexo de Édipo**. In: ESB, Op. Cit. V. VII. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924). **O problema econômico do masoquismo**. In: ESB, Op. Cit. V. XIX

\_\_\_\_\_. (1925). **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. In: ESB, Op. Cit. V. XIX

\_\_\_\_\_. (1927). **O futuro de uma ilusão**. In: ESB, Op. Cit. V. XXI

\_\_\_\_\_. (1930). **Mal-estar na Civilização**. In: ESB, Op. Cit. V. XXI

\_\_\_\_\_. (1931). **Sexualidade Feminina**. In: ESB, Op. Cit. V. XXI

\_\_\_\_\_. (1950 [1897]). **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (Carta 79) vol. I**. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GREBOWICZ, M. **Why internet porn matters**. California: Stanford University Press 2013.

HENDERSON, Mark. **Prehistoric female figure ‘earliest piece of erotic art uncovered’**. The Times Magazine, 2009. Disponível em: <[http://entertainment.timesonline.co.uk/tol/arts\\_and\\_entertainment/visual\\_arts/article6282102.ece](http://entertainment.timesonline.co.uk/tol/arts_and_entertainment/visual_arts/article6282102.ece)>. (acesso em: 24 de dez de 2015).

HUNT, Lynn (Org.). **A invenção da pornografia: Obscenidades e as Origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

LACQUEUR, Thomas. **Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation**. New York: Zone Books, 2003

LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1986.

LANZARIN, C. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 20, n. 3, set. 2000, p. 28-33. Publicação do Conselho Federal de Psicologia.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MACEY, David. **The Lives of Michel Foucault: a Biography**. London: Vintage, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAYA, Arcy. **O que os psicanalistas pensam sobre a homossexualidade?** São Paulo: Psychê, V. 21, p. 85-104, 2007.

MCDUGALL, Joyce. **As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica pela sexualidade humana**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

MEZAN, Renato. **Uma arqueologia inacabada: Foucault e a psicanálise**. In: RIBEIRO, R. J. (Org.). Recordar Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 94-125.

MEZAN, Renato. **A escrita da cínica**. In: Interfaces da psicanálise. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

MINDLIN, Betty; Narradores indígenas. **Moqueca de maridos: mitos eróticos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

MORAES, Eliane; LAPEIZ, Sandra. **O que é pornografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MORAES, Eliane. **O efeito obsceno**. Cad. Pagu [online]. 2003, n.20, pp.121-130. ISSN 1809-4449. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000100004>>.

MORAES, Eliane. **Perversos, amantes e outros trágicos**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

NASIO, Juan. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NETO, Alberto; CECCARELLI, Paulo. **Internet e Pornografia: notas psicanalíticas sobre devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais**. Belo Horizonte: Reverso v. 37, n. 70, p. 15-22, out. 2015.

NETO, Alberto. **Cartografias do pornográfico: Uma etnografia a partir de narrativas de usuários de redes virtuais**. (Não publicado). Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia). Orientador: Prof. Dr. Ivone Xavier. UNAMA; Belém; 2012.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria; OLIVEIRA, João. **Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização**. Psicologia Reflexiva Crítica, Porto Alegre, v.23, n.2, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279722010000200020&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722010000200020&lng=pt&nrm=iso)>. (acesso em: 18 dez. de 2015).

SANTOS, A. CECCARELLI, P. **Psicanálise e moral sexual**. Revista Reverso, v. 59, p.23-30, 2010.

STOLLER, Robert. **Pain And Passion: A Psychoanalyst Explores the World of S & M**. New York and London: Plenum Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Porn: Myths for the Twentieth Century**. New Haven: Yale University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. **Coming Attraction, The Making Of X-rated Video**. New York and London: Yale University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Observando a imaginação erótica**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

\_\_\_\_\_. **Perversão: a forma erótica do ódio**. São Paulo: Hedra, 2014.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core: Power, Pleasure, and the "Frenzy of the Visible"**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1999.